

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**IDENTIDADE DAS FAMÍLIAS AFRODESCENDENTES:
EXPERIÊNCIAS INTERGERACIONAIS,
SIGNIFICADOS E PROCESSOS**

Mariana Filipa Gonçalves Vilhena Cortes

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE
Área de Especialização em Psicologia Clínica Sistémica – Contextos Familiar,
Comunitário e Forense

2022

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**IDENTIDADE DAS FAMÍLIAS AFRODESCENDENTES:
EXPERIÊNCIAS INTERGERACIONAIS,
SIGNIFICADOS E PROCESSOS**

Mariana Filipa Gonçalves Vilhena Cortes

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Luana Cunha Ferreira e coorientada
pela Professora Doutora Mariana Miranda**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE
**Área de Especialização em Psicologia Clínica Sistémica – Contextos Familiar,
Comunitário e Forense**

2022

Agradecimentos

*Agradeço a todos os que de alguma forma contribuíram
para chegar ao resultado desta dissertação
e também para este fechar de ciclo.*

*Em especial agradeço às professoras doutoras
Luana Cunha Ferreira e Mariana Pires de Miranda
pela orientação e disponibilidade prestada;
à minha família e namorado pelo apoio e porto abrigo;
às 5 amigas de longa data pela amizade;
e aos amigos da faculdade pelas horas
de desespero conjunto e companheirismo.*

Obrigada!

Resumo

Tendo por base a teoria dos sistemas (Von Bertalanffy, 1972) e o modelo ecológico de Bronfenbrenner (1986), onde os sistemas familiares se encontram em interação com diversos contextos, o estudo aprofunda o conhecimento sobre a identidade das famílias afrodescendentes. A migração de famílias que se identificam como afrodescendentes para os países colonizadores está associada à criação de uma identidade bicultural, onde pode existir uma pertença à cultura dominante e à dominada. Neste estudo pretendeu-se compreender a tensão identitária destas famílias que se identificam como afrodescendentes, nomeadamente como percebem a sua identidade, como ocorre a transmissão intergeracional da mesma e o papel da arte na construção dessa identidade. A investigação é qualitativa, exploratória e com recurso a entrevistas semiestruturadas. Participaram no estudo 26 indivíduos afrodescendentes ($M = 40,96$ anos, $DP = 14,42$), pertencentes a 11 famílias. A análise dos dados foi realizada através da análise temática, com recurso ao software NVivo. Os principais resultados revelaram um construto de identidade dividido entre identidade familiar e pessoal. Na identidade familiar identificaram-se a família alargada, os rituais e as regras familiares. A transmissão intergeracional ocorreu nos contextos familiares e foi identificada como determinante para a construção da identidade pessoal. A identidade pessoal variou entre identidade bicultural/tricultural, identidade predominantemente de país africano e identidade predominantemente portuguesa. Aspetos salientes atribuídos às influências de país africano foram o modo de pensar e agir positivamente e coletivamente e os traços linguísticos, artísticos e gastronómicos. As influências portuguesas identificadas incluíram o modo de pensar e agir de forma controlada e individualista e a integração social e laboral. Por fim, foi identificada na análise dos dados uma fusão cultural e outros aspetos da identidade que assumiram diferentes saliências contingentes ao contexto. Relativamente ao papel da arte sobressaiu a música e a dança, tendo a música um particular destaque para a construção da identidade. Estes resultados pretendem ser um contributo para o aprofundamento do conhecimento sobre a identidade das famílias afrodescendentes, passo necessário ao seu empoderamento.

Palavras-chaves: Famílias Afrodescendentes; Identidade; Transmissão Intergeracional; Arte; Investigação Qualitativa

Abstract

Based on systems theory (Von Bertalanffy, 1972) and Bronfenbrenner's ecological model (1986), where family systems are in interaction with diverse contexts, this study aimed to deepen knowledge about the identity of afrodescendant families. The migration of families who identify themselves as afrodescendant to the colonizing countries is associated with the creation of a bicultural identity, where there may be a belonging to both the dominant and the dominated culture. This study was specifically aimed at understanding the identity tension of the families that identify themselves as afrodescendant, namely how they perceive their identity, how its intergenerational transmission occurs, and the role of art in the construction of this identity. The research is qualitative, exploratory, and uses semi-structured interviews. Twenty-six individuals of African descent ($M = 40.96$ years, $SD = 14.42$), belonging to 11 families, participated in the study. Data analysis was carried out through thematic analysis, using *NVivo* software. The main results revealed an identity construct divided between family and personal identity. As for family identity, the extended family, rituals and family rules were identified as relevant for its construction. Intergenerational transmission was identified as having occurred in family contexts and deemed as determinant for personal identity. Personal identity varied between bicultural/tricultural identity, predominantly African country identity, and predominantly Portuguese identity. Salient aspects attributed to African country influences were the way of thinking and acting positively and collectively and linguistic, artistic, and gastronomical traits. Aspects associated with Portuguese influences were the controlled and individualistic way of thinking and acting, and the social and labor integration. Finally, a cultural fusion was identified in the data analysis, and various aspects of identity took on different salience depending on the context. Regarding the role of art, music and dance stood out, with music having specific contributions to identity. These results are intended to be a contribution to the deepening of knowledge about the identity of afrodescendant families, a necessary step towards their empowerment.

Keywords: Afrodescendant Families; Identity; Intergenerational Transmission; Art; Qualitative Research

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
Pressupostos da psicologia sistémica e da família	2
Contexto histórico de discriminação e racismo na comunidade de origem africana	2
Identidade	4
Identidade e Família	6
Identidade e migração	7
Variabilidade e vivência da identidade	8
Formas artísticas como expressão da identidade.....	11
Consequências da discriminação e dos problemas identitários.....	12
Transmissão intergeracional.....	13
Método	14
Questão de partida:.....	14
Questão de investigação:.....	15
Objetivos gerais e específicos:	15
Abordagem metodológica e posição epistemológica do investigador:	15
Participantes:	17
Instrumentos:	17
Procedimento:.....	18
Análise de dados:	19
Reflexividade do investigador:.....	20
Resultados.....	25
Identidade Familiar	26
Identidade Pessoal	31
Discussão.....	41
Conclusão.....	50
Referências:	52

Apêndices

- Apêndice A - Guião da Entrevista Semi-estruturada
- Apêndice B - Questionário Sócio-demográfico
- Apêndice C - Informação divulgada para recrutamento dos participantes
- Apêndice D - Consentimento informado
- Apêndice E - Operacionalização de categorias

Introdução

À luz de um contexto colonialista, as pessoas originárias ou com ascendentes de países africanos colonizados foram alvo de diversas discriminações e racismo que tiveram consequências ao nível educacional, laboral, habitacional (Dávila, 2018) e dificuldades de acessos/ oportunidades (Follmann & Pinheiro, 2011).

Adicionalmente, a migração é um processo que causa mudanças drásticas na vida individual e familiar, dado que ocorrem perdas (de papéis, redes de suporte, vida profissional). Com a migração, assiste-se a um choque cultural aquando da mudança e ganhos aculturativos na adaptação ao novo sítio (Aycan & Berry, 1996; Bhugra, 2004). Portanto, o processo de aculturação é uma mudança significativa da vida da pessoa que pode impactar a sua identidade.

A migração da população africana para os países colonizadores criou uma tensão de identificação bicultural, onde existe uma pertença à cultura dominante e à discriminada. Esta tensão pretende-se compreender no presente estudo. Como tal as questões de investigação irão centrar-se na forma como as famílias afrodescendentes constroem e percecionam a sua identidade.

Este estudo inicia com um enquadramento teórico, onde se explorou o contexto histórico de discriminação da população proveniente dos países africanos e suas consequências, as teorias da identidade, o relacionamento da identidade com a migração e a variabilidade da vivência da mesma, o papel da família na identidade, os processos de transmissão intergeracional e a arte como expressão da identidade. De seguida é explicitado o método, nomeadamente a questão de partida, as questões de investigação, os objetivos, a metodologia da investigação, a amostra, a recolha, os procedimentos, a análise dos dados e as reflexões do investigador sobre os seus vieses demonstrando transparência. Por fim, os resultados são apresentados e relacionados com a teoria pré-existente, seguindo-se uma reflexão sobre as limitações do estudo, estudos futuros e pistas para a intervenção e prevenção.

Enquadramento Teórico

Pressupostos da psicologia sistémica e da família

Antes de mais, é necessário contextualizar o tema de forma sistémica, onde se pressupõe a existência da teoria dos sistemas (Von Bertalanffy, 1972), em que os mesmos (no caso deste estudo, as famílias e seus membros) estão em ligação com o seu ambiente (são sistemas abertos em constante influência com o que os rodeia). A teoria dos sistemas pressupõe ainda o conceito de totalidade, onde o todo é diferente da soma das partes e como tal uma mudança na parte afeta todas as outras e o sistema como um todo (Von Bertalanffy, 1972). Da mesma forma a mudança do todo afeta cada uma das partes constituintes (como no caso da migração que irá mais à frente ser detalhado). Nesta teoria dá-se também importância às relações entre as partes que formam o todo, ou seja, não basta conhecer as partes, mas também as inter-relações entre elas (Von Bertalanffy, 1972). Outro aspeto é a circularidade que se opõe à causalidade unidirecional (Von Bertalanffy, 1972), ou seja, cada membro da família é influenciado pelo comportamento dos outros membros e das suas relações. Adicionalmente, o conceito de equifinalidade (condições iniciais diferentes conduzem ao mesmo resultado) e multifinalidade (condições iniciais iguais conduzem a resultados diferentes) estão presentes nesta teoria (Von Bertalanffy, 1972).

Outra ideia fundamental e estruturante na área sistémica para compreender o presente estudo é o modelo ecológico do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1986). Neste modelo a ideia fundamental é que existem cinco níveis que estão integrados e em permanente interação: o nível microssistémico (contextos de maior influência onde o indivíduo se insere), mesossistémico (relações entre dois ou mais contextos do microssistema onde o indivíduo participa diretamente), exossistémico (relações entre contextos onde a pessoa não participa diretamente em pelo menos um deles), macrossistémico (o contexto cultural, económico e político da pessoa), e o cronossistémico (referente à estabilidade e mudança ao longo do tempo).

A identidade das famílias afrodescendentes, a temática do presente estudo, torna-se relevante, dado que aprofundará o conhecimento da psicologia da família nesta área, contextualizada e orientada pelas teorias base acima descritas.

Contexto histórico de discriminação e racismo na comunidade de origem africana

O cenário de colonização deu início a um período de confronto entre culturas provenientes dos continentes europeu e africano, que pontua ainda hoje relações entre eurodescendentes e afrodescendentes (Fanon, 1963). Nas últimas décadas encontramos, no

contexto português, pessoas provenientes de territórios africanos ocupados e seus descendentes, que se integraram como mão de obra (Tella, 2006). Desde a primeira vaga de imigração, os afrodescendentes têm encontrado injustiças, discriminação e violações dos direitos humanos, nomeadamente educacional, laboral, habitacional (Dávila, 2018) e pouca acessibilidade a espaços (Follmann & Pinheiro, 2011). O histórico colonial e, em particular da escravatura, fez emergir uma associação entre cor da pele negra e características negativas e um estilo de vida específico, onde estava presente a desqualificação laboral, mas também uma gastronomia, religião e estilo musical próprios (Tella, 2006). Relativamente aos estereótipos Judd et al. (1995) perceberam que os americanos brancos apresentavam estereótipos relacionados a um estatuto económico elevado, a serem independentes, ambiciosos, autocentrados, racistas, controlados e envolvidos na política; já os afroamericanos foram estereotipados como extrovertidos, unidos, atléticos, trabalhadores, musicais, religiosos, divertidos, irresponsáveis e barulhentos. Estas diferenças, são construídas pelo grupo que tem poder, constituindo-se um processo de discriminação, onde ocorre a supremacia branca, que associa a diferença a uma hierarquia (Kilomba, 2020). Kilomba (2020) salienta ainda o racismo estrutural e o institucional, onde o primeiro se refere a um racismo que afeta as pessoas negras no acesso a estruturas sociais e políticas, e a segunda a um tratamento desigual no quotidiano (Kilomba, 2020). É ainda de notar que a imagem das pessoas afrodescendentes é ainda hoje transmitida (nomeadamente em meio escolar) de uma forma negativa, onde não é salientado o processo dificultado da abolição da escravatura, nem das lutas contra a escravidão, havendo desta forma uma deficiente informação acerca das práticas culturais (Follmann & Pinheiro, 2011). Neste mesmo estudo foram apresentados vários testemunhos de pessoas afrodescendentes que desconhecem a sua história de origem, por a mesma ter sido encoberta. Permeia, contudo, uma versão ocidental da abolição da escravatura, invisibilizando as lutas de libertação dos países ocupados. Há, portanto, que evidenciar o quanto os afrodescendentes são marginalizados e a imagem negativa com que são categorizados. No estudo de Vala et al. (2015) é evidenciada a ideia de que, apesar da presença de elevada escolaridade, esta não bloqueia a adesão ao racismo, nomeadamente quando acompanhado de conservadorismo ideológico. Vala et al. (2015) percebeu ainda que, quanto maior a perceção de diferenças culturais (utilizado questionário que avalia a diferença entre os portugueses e os negros em dimensões culturais tais como educação, religião, valores e comportamentos sexuais e o bem-estar familiar) ou quanto maior a perceção de diferenças raciais (dimensões de rejeição de intimidade sexual e matrimónio, a rejeição da descendência mista e a noção de inferioridade racial dos negros), mais negativa era a atitude face aos negros.

Neste sentido, é também de evidenciar semelhanças com Portugal. Segundo Tella (2006) as famílias de origem africana culturalmente são semelhantes aos portugueses brancos, particularmente na religião cristã e na língua portuguesa (apesar do domínio no crioulo nas culturas cabo-verdianas e guineenses). Segundo a mesma autora, na pertença ao grupo afrodescendente são valorizadas as características que são estigmatizadas, tal como a cor da pele. Desta forma, parece importante perceber como é que um afrodescendente integra ou não a sua identidade bicultural. De salientar que alguns descendentes africanos, são considerados estrangeiros mesmo tendo nascido em Portugal (lei da nacionalidade - que afirma que não basta ter nascido em Portugal para ser considerado português), sendo que tal acentua os sentimentos de exclusão que se juntam com a pobreza, a segregação territorial e o baixo nível de escolaridade (Raposo et al., 2021). Portanto, o tema deste estudo enfoca nesta dupla identificação dos afrodescendentes e na sua tensão de identificação pela pertença à cultura dominante e à dominada.

Identidade

A identidade relaciona-se com vários aspetos, por exemplo a nacionalidade, a etnia, a região, o género, a geração e a grupos de experiências comuns (Imahori & Cupach, 2005). Para Rotheram e Phinney (1987) as pessoas escolhem conscientemente os grupos que querem imitar, sendo a identidade étnica a forma como se sentem e agem de acordo com o grupo escolhido. Por oposição, também existe a identidade atribuída, ou seja, a forma como as outras pessoas externas veem o indivíduo e lhe atribuem um grupo (Sha, 2006).

Também no estudo da identidade se percebeu que existem três dimensões (Collier, 1989): a saliência, isto é, a ideia que os vários aspetos da identidade têm maior ou menor saliência conforme o contexto; a extensão, referente ao número de pessoas que compartilham da mesma identidade; e a intensidade alusiva ao vigor e força com que se expressa a intensidade.

Segundo a Teoria da Identidade Social, cada indivíduo tende a categorizar-se como membro de um grupo e consequentemente a definir-se como diferente de outros (Tajfel & Turner, 2004). Segundo Tajfel e Turner (2004), tal identificação pode levar a um viés de que o nosso grupo é superior ou melhor que outro. Assim a identidade social pode ser vista em dois polos opostos - de forma positiva ou negativa - sendo a sua definição provinda da avaliação dos outros grupos e do próprio grupo, pela comparação com grupos externos. Caso a identidade social seja insatisfatória a pessoa ou procura tornar esse grupo mais positivo ou abandona-o.

Num estudo de Miranda et al. (2014), percebeu-se que membros de grupos dominados que optam pela assimilação (grupos com uma identificação baixa ao grupo de origem cultural e alta ao grupo dominante) revelam desumanizar o grupo de origem cultural. Neste mesmo estudo, conclui-se que tais resultados refletem um etnocentrismo reverso, com a adoção de um referencial do grupo dominante, sem, no entanto, haver lugar a uma mudança de grupo. Sobressai deste modo, a complexidade da construção da identidade, nomeadamente a identidade cultural.

A identidade cultural é operacionalizada como sendo uma identificação e um posicionamento da pessoa relativamente à cultura. A cultura, por sua vez, constitui-se por aspetos partilhados, e engloba histórias, símbolos, rituais, conquistas, perdas (Hall, 2015), bem como normas/regras de conduta (Collier & Thomas, 1988), visões do mundo, e significados (Falicov, 1983).

Estes mesmos aspetos são influenciados pelos mais variados contextos, desde a língua, o ambiente rural/urbano/suburbano, a racialização, a etnicização, o estatuto socioeconómico, a idade, o género, a orientação sexual, a religião, a nacionalidade, o emprego, a educação, a ideologia política, a fase de migração / aculturação, e a participação em momentos históricos (Falicov, 1983). A cultura é orientadora da vida individual e coletiva do indivíduo, mas também é originada por esta relação dos indivíduos e dos grupos (Figueiredo, 2015). Adicionalmente, segundo Hall (2006), a identidade é criada pela narrativa da cultura e como tal é imaginada, dado que a forma como as histórias são contadas e recontadas, os símbolos, os rituais, as conquistas e as perdas é o que dá sentido à cultura de uma nação e esta história é o que fornece a identidade. Porém esta história é baseada muitas vezes em ambiguidades e mitos. Afirma ainda que esta identidade cultural é apenas uma forma de poder e que não significa união, que são culturas separadas, mas que se uniram em força do contexto e das guerras sofridas. Logo, a identidades das nações para este autor é a forma pela qual as pessoas integram as diferenças. Da mesma forma que a etnia é as características culturais comuns a um povo (língua, religião, costumes, tradições) e que são transmitidos de geração em geração pela família e pela comunidade e não geneticamente (McGoldrick et al., 2005). Assim, qualquer grupo definido como base na etnicização exerce uma forte influência na construção da identidade e cada grupo tem as suas suposições que guiam os seus comportamentos e as formas de pensar. Por exemplo, para os brancos, as suas regras e valores correspondem à definição de normal e referem-se à “etnia” para designar todos aqueles que lhes são diferentes (McGoldrick et al., 2005). No estudo de Vala et al. (2015) percebeu-se que a identidade nacional (ser português) não foi

associada à percepção de diferenças raciais, porém a identidade racial (ser branco) teve efeitos na percepção das diferenças raciais e culturais.

Portanto, ainda que com várias influências (familiares, contextuais, socioeconômicas, culturais e étnicas) a identidade é a totalidade do indivíduo, sendo que a migração vai impactar e transformar essa identidade (Bhugra, 2004).

Identidade e Família

O que propicia o desenvolvimento de uma identidade segura é um contexto familiar apoiante e pouco conflituoso (Matheis & Adams, 2004), o que revela a influência familiar na identidade pessoal. A construção da identidade necessita tanto de autonomia e liberdade quanto de proximidade e coesão familiar (Alarcão, 2000). Tais ideias vão de acordo com o estudo de Caldwell et al. (2002), que percebeu que o aumento do apoio maternal levava a sentimentos positivos sobre o grupo racial e como tal a menos sintomas de *stress* e ansiedade. É no contexto familiar que surgem as primeiras interações que formam a identidade, sendo necessário compreender o meio familiar para compreender a identidade.

A família é um sistema com atributos, relações, subsistemas que interagem mediante regras (Sýkorová, 2011), limites e fronteiras (Minuchin, 1974) que guiam o funcionamento familiar (por exemplo uma família comunitária tem regras e percepções familiares distintas de uma família nuclear que consiste apenas no pai, mãe e irmãos que coabitam). Ainda sobre o funcionamento familiar destaca-se as quatro dimensões do clima familiar (Teodoro et al., 2009) - o conflito (estilos de comunicação críticos entre os membros da família), a hierarquia (poder intrafamiliar, também referido por Nichols e Schwartz [2007]), o apoio (suporte material e emocional prestado) e a coesão (relação e união entre os membros da família). É também característico dos sistemas familiares a presença de rituais (Wolin & Bennett, 1984), isto é, práticas sistemáticas ao longo do tempo, nomeadamente celebrações familiares, tradições familiares e interações padrão.

Nas famílias europeias é de notar que existem determinadas regras, como a de proximidade genealógica, onde as pessoas mais próximas em termos de parentesco assumem mais importância e são mais facilmente convidadas para os rituais acima descritos (Jallinoja & Widmer, 2011). Já White e Parham (1990) argumentaram que fortes laços comunitários e familiares são centrais nos costumes culturais em países de África. Da mesma forma que também se percebeu que o respeito foi um valor que nas famílias afroamericanas previa a gravidade do conflito em contraste com a pouca valorização do respeito para o conflito nas famílias euroamericanas (Dixon et al, 2008).

As famílias de diferentes etnias passam assim por diversos tipos de conflitos intergeracionais, dado por exemplo haver valorização de diferentes cerimónias especiais, de diferentes formas de celebrar os eventos, e também de ciclos de transição de vida diferentes (McGoldrick et al., 2005). Desta forma assume-se como importante perceber de que forma as famílias passam a sua cultura às gerações seguintes, e como cada um compreende as diversas influências culturais e étnicas, para que desta forma se crie uma harmonia familiar que contribui para uma identidade flexível e uma integração étnico-cultural adaptativa.

Identidade e migração

Com a migração ocorrem diversas mudanças na vida de um indivíduo (Bhugra, 2004). Ocorrem perdas (por exemplo redes de suporte e papéis sociais), traumas migratórios e choque cultural (há uma adaptação a outro país com diferentes costumes) mas também ganhos aculturativos, nomeadamente os aspetos culturais das duas culturas que se assimilaram e integraram na identidade, bem como os novos contextos sociais e a vida profissional em que se vão inserir (Aycan & Berry, 1996). Desta maneira, a migração é um processo desafiador e de grande *stress*, dado passarem a ser um grupo cultural minoritário. Berry (1970) categorizou este processo de mudança em quatro estratégias: a separação (onde há pouca procura de relações intergrupais e muita manutenção da cultura de origem), a integração (onde há muita procura de relações intergrupais e também muita manutenção da cultura de origem), a marginalização (onde há pouca procura de relações intergrupais e pouca manutenção da cultura de origem), e a assimilação (muita procura de relações intergrupais e pouca manutenção da cultura de origem). Estas estratégias definem também o modelo da tipologia da identidade étnico-cultural (Berry, 1994). Assumindo que uma pessoa com determinada etnia (origens étnicas - identidade étnica) migrou e está inserido numa outra cultura (cultura dominante do local migrado- identidade cultural) é possível distinguir quatro tipologias. Neste modelo a identidade está dividida em identidade bicultural (quando a identidade cultural e étnica são fortes), identidade assimilada (quando a identidade cultural é forte, mas a identidade étnica é fraca), identidade de orientação étnica (quando a identidade cultural é fraca, mas a identidade étnica é forte) e identidade marginal (quando a identidade cultural e a identidade étnica é fraca com raízes étnicas e culturais desconectadas).

Um aspeto importante na migração é em que medida e grau existe choque cultural, ou seja, de que forma a cultura é diferente, por exemplo se a cultura de origem é uma sociedade coletivista e a cultura para onde se irá emigrar é individualista. Tal mudança é mais drástica do que se a migração ocorrer em sociedades semelhantes. Bhugra (2004) distingue sociedades

individualistas das coletivistas, onde nas individualistas há independência emocional, privacidade, tomada de decisões com base nos próprios interesses e o estatuto social é definido pelas realizações pessoais nomeadamente o estatuto económico, educacional e ocupacional. Já nas sociedades coletivistas, é desde o nascimento que os indivíduos são incluídos de forma comunitária, onde se protegem mutuamente, são leais e solidários uns com os outros, colocam as necessidades dos outros acima das próprias necessidades e onde há um laço emocional e relacional muito forte (Bhugra, 2004). Nas sociedades coletivistas as pessoas definem-se em termos de relacionamento grupais ao invés de ganhos individuais (Bhugra, 2004). Quanto maior for a discrepância entre o indivíduo e o contexto onde está inserido, mais desafiadora será a sua adaptação, podendo ter mesmo consequências no bem-estar. Em concordância com esta ideia, Rosenberg (1962), numa investigação em âmbito escolar de Nova Iorque, percebeu que se o contexto for dissonante (por exemplo católicos criados em bairros não católicos) era mais provável que os estudantes apresentassem baixa autoestima, comportamentos depressivos e sintomas psicossomáticos. Em adição, Mena et al. (1987) percebeu que a primeira geração (que sofreu a adaptação migratória) tinha menos autoestima que a terceira geração (que já nasceu/cresceu no país migratório). De salientar ainda que quando acontece a marginalização, descrita anteriormente, os indivíduos são marcados por sentimentos de exclusão, incerteza, fracasso escolar/laboral e abuso de drogas (Berry, 1970). Todas as ideias acima descritas convergem para o impacto da migração na identidade.

Ainda na temática da migração é de evidenciar que quanto mais tempo os imigrantes permanecem no país que os acolheu maior a probabilidade de se acomodarem à cultura dominante e aprenderem aspetos culturais divergentes da identidade de origem (Stanciu & Vanclair, 2018). Adicionalmente, é também importante para a boa integração sociocultural o conhecimento cultural e as atitudes e relações da sociedade que acolhe e da acolhida (Schmitz, 1992).

Variabilidade e vivência da identidade

As famílias são um dos contextos sociais, porém não são o único, dado que a pessoa cria também a sua identidade com base noutros contextos em que está inserida (interferência da cultura dominante na identidade) (Pillay, 2015). Desta forma, o indivíduo com mais que uma nacionalidade e influência cultural abarca todos esses aspetos distintos na sua identidade (McGoldrick et al., 2005). A questão que se coloca é: como vivem e sentem a dupla identidade com todos os conflitos que podem surgir pela discrepância intercultural.

Num estudo de Awad et al. (2021), descendentes do norte de África e do Médio Oriente, categorizados como brancos nos censos dos Estados Unidos, ao serem entrevistados, 84% dos participantes considerava-se uma minoria étnica e 51% estava confortável com o rótulo árabe-americano. Da mesma forma, descendentes de cabo-verdianos não se identificam como cidadãos portugueses apesar de o serem em grande parte, mas identificam-se como africanos ou caboverdianos mesmo sem conhecerem o país (Mourão, 2012). A autora realizando um trabalho de campo reflete que os seus entrevistados se definem dessa forma como oposição a serem portugueses dado que os mesmos os discriminam. Também há testemunhos de que novas gerações que não tinham contacto com o país de origem dos pais (Índia) mas que sabiam que tinham descendentes de lá, não se sentiam como indianos (Pillay, 2015). No mesmo estudo, revelou-se que ter ascendência mista causou confusão no processo de autoconhecimento identitário e que tal sentimento não seria passado para a próxima geração. Contudo, o testemunho de uma pessoa da geração mais nova revelou que o facto de não conhecer as suas origens não afetava a identidade, ao invés achava interessante ter origens indianas e categorizava-se como indiano. Ou seja, houve transmissão da identidade cultural, sendo que a forma como vivem essas influências pode divergir desde orgulho e curiosidade sobre as origens, a confusão e a ambivalência sobre quem se é.

Há também diferentes formas de perceber a biculturalidade conforme a geração, no estudo de Giuliani et al. (2018) imigrantes de segunda geração em comparação com os de primeira geração apresentaram níveis mais baixos de identificação com o grupo étnico e níveis mais elevados de identificação com o grupo nacional.

Há, portanto, multi-influências étnicas e culturais que se integram na identidade unitária da pessoa e que são vividas de forma diferentes. Uma forma dessa vivência é a integração, que passa por exemplo por alterar os vários idiomas dependendo do contexto (Berry, 1970). Este fenómeno chama-se *code switching* (Myers-Scotton, 1995). O *code switching* é uma escolha tanto inconsciente, por acomodação, como consciente, por se revelar intencionalmente a competência bilingue (Weinreich, 2011) e as duas facetas como parte da identidade (Finlayson et al., 1998). Desta forma, conforme o contexto inserido há saliência de determinada característica (neste caso linguística) relativamente a outras (Finlayson & Slabbert, 1997). A criação de códigos linguísticos surgiu das práticas restritivas do apartheid, sendo que as várias línguas foram aprendidas pelas várias pessoas para conseguirem comunicar, havendo desde cedo a necessidade do *code switching* (Slabbert & Finlayson, 1999). Esta é uma das razões porque ainda se usa o *code switching* para a preservação de segredos. É também usado para salientar ideias e garantir que o recetor percebeu a mensagem, por não haver terminologias

equivalentes e como tal no mesmo discurso usar-se diferentes línguas, e usada também para marcar um estrato social ou aceitação social (Myers-Scotton, 1995). Por outro lado, o *code switching* pode ter uma visão mais alargada e não se aplicar somente à linguística como também à postura, ritmo, tom (Goffman, 1981), bem como à dança, música, moda, juventude e religião (Alvarez-Cáccamo, 1999).

Outra ideia que também é importante salientar é que a autocategorização é feita em contraste com um grupo diferente (Turner & Reynolds, 1987), sendo que quanto mais contraste tiver do outro grupo mais intensidade essa identidade assume (Polzer et al., 2003). Percebeu-se também que para grupos de estatuto mais baixo, uma maior identificação com o *ingroup* aumenta a probabilidade de os indivíduos se envolverem em ações coletivas (competição social) e adotarem crenças que aumentam a identidade positiva do *ingroup* (criatividade social) (Tajfel, 1978; Tajfel & Turner, 1979).

Portanto, no caso da dupla identidade acontece a pertença simultânea de dois grupos contrastantes, onde são encontradas semelhanças e diferenças com ambos os grupos e são incluídas na identidade pessoal as dimensões de relevância para a pessoa. Porém, é de notar o quanto esta tarefa pode ser desafiadora e pode levar a ambivalência e *stress* aculturativo. Para colmatar este *stress* aculturativo destacam-se algumas estratégias, tal como a autoafirmação (Sherman & Cohen, 2006). Nesta estratégia, havendo uma ameaça à sua identidade as pessoas necessitam de provar a sua integridade, afirmando aspetos positivos ainda que nada tenham que ver com o assunto discutido ou a característica da identidade em causa. Tal estratégia mostrou ter impactos muito positivos para a identidade, nomeadamente reduziu a baixa autoestima em grupos raciais (Cohen et al., 2006). Outra estratégia é o confronto grupal, onde as pessoas que tenham alta identificação com o grupo, que ao ser categorizado com determinadas competências, estas são generalizadas e assumidas na sua identidade individual (por exemplo, se o grupo sentir que tem capacidades para lidar com o *stress* que vivem, o membro desse grupo enquanto ser individual sente que tem essas mesmas características positivas que o fazem lidar com a situação stressante que está a viver). Outra estratégia utilizada é a identificação com o grupo que também sofreu rejeição, sendo isso um fator comum que une o grupo e que reduz as consequências negativas da rejeição dado que há pertença a um coletivo (Branscombe et al., 1999). O mesmo autor percebeu que quanto maior for a identificação com o grupo minoritário mais autoestima os participantes têm, o que corrobora o efeito positivo da pertença ao grupo no bem-estar individual. Da mesma forma que Outten et al. (2009) descobriram que a identificação com o grupo racial se relacionava com maior satisfação com a vida e no uso de estratégias de *coping* para lidar com o *stress* aculturativo. Por outro lado, a

preocupação com a preservação da autoimagem pode levar a respostas defensivas com base em estereótipos.

Há que evidenciar a importância que os estereótipos assumem quando se lida com questões culturais. De notar também que os estereótipos não são universais, mas que são comparados com base na própria cultura. North e Fiske (2015) perceberam que nas culturas coletivistas orientais, as pessoas com mais idade apresentavam o estereótipo de serem menos competentes e mais sociáveis em comparação com as culturas individualistas ocidentais. Ou seja, ainda que o estereótipo possa ser o mesmo, varia em grau dado que o termo de comparação é diferente.

Formas artísticas como expressão da identidade

Pretende-se também explorar os meios com que transmitem essa identidade. Follmann e Pinheiro (2011), através de grupos focais constituídos por afrodescendentes do Brasil, compreenderam que os mesmos se consideram um “povo alegre e festivo” que se expressa positivamente pela música e pela forma como criam os seus empreendimentos laborais, como é o caso do salão de beleza marcada pela estética e música da cultura africana. Segundo Varela et al. (2018) a música serve como fonte de partilha de conhecimentos de geração em geração, com um marcado papel na construção da identidade social da população de origem cabo-verdiana, que se assume com multi-influências culturais. Outra forma de expressão cultural é a literatura (Lombardi-Diop, 2020), e o crioulo na música rap que se assume como uma forma de narrar a ambiguidade da globalização e migração, e como forma de provocação política (Pardue, 2015). O *beatbox* nas ruas e nas plataformas digitais que permitem aos artistas afrodescendentes serem ativos na criação de conteúdo, afirmando a sua identidade (Campos & Simões, 2014); bem como a cultura *hip hop* tiveram também um papel importante. Associado aos mais excluídos e suas experiências de vida, assume-se um meio importante para a construção da identidade, nomeadamente para a segunda geração de afrodescendentes que usaram o *hip hop* como forma de afirmação e expressão, nomeadamente de um Portugal que não era tão integrador quanto fazia parecer, e do qual a discriminação e racismo era uma realidade (Belanciano, 2020; Raposo et al., 2021). No livro de Belanciano (2020) percebeu-se ainda que a música é uma experiência social, onde se primazia o debate de ideias. Vários são os músicos afrodescendentes que utilizaram a sua música de forma ativista como é o caso do Bonga que reivindicou a luta contra o colonialismo, denunciou a guerra civil e os abusos políticos de Angola; ou o caso do General D que falou abertamente de racismo, exigindo direitos políticos, económicos e sociais, e que criou movimentos antirracistas (Raposo et al., 2021). São

ainda dados exemplos de como a música é reveladora da construção da identidade, nomeadamente pelo testemunho da artista Sara Tavares que afirmou não ter problemas de identidade, que decidiu investir no seu lado cabo-verdiano, mas que simultaneamente sentia falta de Lisboa (Belanciano, 2020). Acrescentou ainda que a cultura é cumulativa e que na sua música essa mistura também se fazia sentir. Já Aline Frazão que sempre se sentiu angolana, afirma que a sua música assume diversas influências e que explica através da música a forma como se adapta aos vários contextos (Belanciano, 2020). É visível por estes testemunhos a influência que a música exerce na expressão da identidade. Raposo et al. (2021) investigam a importância das letras para a construção de uma identidade positiva (expressão de orgulho pela cultura e valorização dos bairros, onde há um grande sentimento de pertença, sendo que ao mesmo tempo têm consciência crítica sobre as condições a que têm acesso) e da importância do crioulo como forma de se expressarem livremente. A música tem, portanto, um papel importante dado possibilitar a criação de uma identidade coletiva e de um ambiente de socialização, onde expressam pelas letras, as histórias semelhantes de racismo, opressão, pobreza e vivência em bairros segregados (Raposo et al., 2021).

Consequências da discriminação e dos problemas identitários

Segundo Awad et al. (2019) fatores traumáticos de discriminação institucional e contexto nacional hostil está em interação com a discriminação interpessoal e problemas de identidade, sendo que tal tem várias consequências ao nível do bem-estar, do sentido de pertença, da liberdade e de oportunidades. Adicionalmente, num estudo de Utsey et al. (2015) percebeu-se que quem internaliza maior vergonha e inferioridade cultural, quem assume as características físicas dos brancos como mais atrativas e quem considera que os africanos deveriam estar agradecidos à europa e aos estados unidos têm uma menor autoestima. Percebeu-se ainda, que quanto mais discriminação entre pessoas africanas menor autoestima; que quanto mais vergonha e inferioridade internalizada mais sintomas de ansiedade e depressão; quanto mais discriminação entre pessoas africanas mais sintomas de ansiedade; e quanto mais associam as características físicas dos brancos a mais atrativas, mais sintomas de depressão (Utsey et al., 2015). Da mesma forma que mulheres negras ao ouvirem constantemente modelos de beleza que não incluem o cabelo africano dado que categorizam o mesmo como sujo e feio, levou a práticas violentas de alisamento do cabelo e teve impactos nas suas identidades (Kilomba, 2020). Por outro lado, é de notar que os jovens que associam ser negro com conotação positiva reportam menos perceção de *stress* (Caldwell et al., 2002). Em complemento a estas ideias estão os testemunhos de vários afrodescendentes que

desconhecem a sua história de vida passada e que isso lhes causa sentimentos de inferioridade e baixa autoestima, que se repercute no racismo e reforça-o (Follmann & Pinheiro, 2011).

Também a globalização teve impactos, nomeadamente o distanciamento com a identidade da sua cultura de origem e a assimilação de outras culturas, que se assume como desestabilizadora (Woodward, 2000). Num estudo de Abel (2018) onde se utiliza a análise genética como meio de conhecimento da história individual e grupal, realça-se uma população com múltiplas origens, que acarreta sentimentos, tanto de pertença e empoderamento por saber as origens, como de alienação por não ter contacto com a cultura de origem e não se identificar com a mesma. No entanto há também que indicar os aspetos positivos da globalização, nomeadamente da disseminação cultural, que possibilitou uma crescente mudança social e incentivo em desafiar os rótulos impostos - fenómeno de reapropriação, que usa a criatividade e competição social para operar mudança nos significados discriminatórios dos grupos (Galinsky et al., 2003).

A falta de informação é um fator alienador e como tal o acesso à informação histórica das diferentes expressões culturais é uma chave importante para a compreensão da identidade de afrodescendentes, e simultaneamente, para colmatar as desigualdades raciais (Lima & Aquino, 2009).

Ao nível da representatividade é também de notar a importância da entrada de afrodescendentes na universidade, de modo a eliminar a ideia de que esta etnia está limitada a ficar na classe operária, devido à construção da ideia de superioridade da cultura branca (Backes, 2006). A maior parte dos cargos ocupados por afrodescendentes é, nos homens, a construção civil, e nas mulheres, empregadas domésticas; da mesma forma que é neste tipo de população que se sofre de maior violência policial (Tella, 2006).

Transmissão intergeracional

A transmissão intergeracional refere-se aos aspetos que são passados de uma geração para outra (pai-filho), havendo uma reciprocidade e interação entre as gerações (Falcke & Wagner, 2005). Sendo que o processo de transmissão passa por duas etapas, a primeira em que uma das gerações percebe os valores que a outra geração está a querer passar, e a segunda etapa em que essa mesma geração escolhe aceitar ou rejeitar os valores percebidos (Barni et al., 2011). Desta forma a mudança intergeracional é co-construída entre pais e filhos (Grusec & Goodnow, 1994).

No estudo de Fine e Norris (1989) percebeu-se que aquilo que é transmitido são atitudes e comportamentos específicos, tais como formas de relacionamento social e conjugal, política

e religião. Em complemento, Marshall (1995) destaca a área da educação, de ser um bom ser humano, da autoestima, trabalho e também a religião. No mesmo estudo apenas 2% dos participantes mencionaram o orgulho étnico, porém quando perguntado explicitamente sobre a identificação étnica, já identificaram como um aspeto importante. Neste estudo, foi consensual entre pais e filhos a importância em passar as ideias da igualdade entre culturas e do autodesenvolvimento (igualdade de oportunidades e competência) e a menor importância das barreiras culturais e do aspeto físico. Aquilo que é ou não transmitido também pode ter influência e pressão externa, como por exemplo os professores associarem o mau desempenho escolar à fala de dialetos ou à falta de domínio da língua portuguesa (Mabule, 2015), o que influencia os pais a não promoverem as línguas nacionais e o crioulo, para que as crianças tenham melhor adaptação escolar (Godley et al., 2006).

Apesar de existir investigação sobre o papel da música como forma de expressão dos afrodescendentes, sobre as consequências da discriminação sentida pelos mesmos e sobre a dificuldade da construção de identidade para estas pessoas, não existe investigação na vertente familiar. Ou seja, como é que as famílias afrodescendentes integram as duas culturas, a africana e a portuguesa, e como fazem essa integração ao longo das gerações. Daqui decorre a questão de partida: Como é que as famílias afrodescendentes percecionam a sua identidade e quais as formas de transmissão dessa identidade a gerações seguintes?

Este problema de investigação mostra-se importante pela possibilidade de ter contributos para empoderar a população afrodescendente e sensibilizar quem a discrimina, dado haver múltiplas repercussões ao nível da saúde mental, e da representatividade como já evidenciado acima.

Método

Questão de partida:

Como é que as famílias afrodescendentes percecionam a sua identidade e quais as formas de transmissão dessa identidade a gerações seguintes?

Questão de investigação:

Como é que as famílias que se identificam como afrodescendentes¹ percebem e constroem a sua identidade? De que forma ocorre a transmissão dessa identidade a gerações seguintes? Qual o papel das expressões artísticas no processo de identidade?

Objetivos:

Este estudo exploratório visa, em termos gerais, compreender os processos de construção de identidade nas famílias que se identificam como afrodescendentes.

Objetivos específicos:

1. Compreender os processos de identidade das famílias que se identificam como afrodescendentes;
2. Explorar de que forma transmitem a identidade cultural entre gerações;
3. Perceber o papel das expressões artísticas na afirmação dessas identidades.

Abordagem metodológica e posição epistemológica do investigador:

O método de investigação é qualitativo e exploratório (Guba & Lincoln, 1994), tendo como principal instrumento de recolha de dados a entrevista semiestruturada (Marshall & Rossman, 2016), para a qual foi construído um guião de entrevista (Apêndice A). O método escolhido deve-se à necessidade de saber mais sobre o tema, dado não haver muita informação sobre a identidade das famílias afrodescendentes. Como tal, é necessária uma abordagem *bottom-up*, que parte das percepções individuais dos vários participantes para posteriormente se criar um padrão de comportamentos que criará a teoria. A abordagem qualitativa e exploratória permitirá aumentar a compreensão sobre estes processos a partir das visões idiossincráticas e subjetivas de cada entrevistado (ao encontro do critério *adequação*, relativo ao referencial de qualidade nos estudos qualitativos RATS – Clark et al. [2003]).

Relativamente à posição epistemológica, a investigadora segue o paradigma interpretativista e construcionista. Ter uma posição interpretativista é acreditar que a realidade e o que se sabe sobre ela não se separa de quem a interpreta. A realidade é construída como um produto social pois são as pessoas que dão sentido à realidade (Orlikowski & Baroudi, 1991).

¹ Nota. O Alto Comissariado para as Migrações (ACM) (2021) chegou à categoria: negras/portuguesas negras/afrodescendentes/de origem africana; sendo que por motivos de simplificação será utilizado apenas o termo afrodescendente.

Deste modo, esta investigação visa compreender os entrevistados pela forma como percebem e se relacionam com o mundo e como lhe atribuem um significado particular. Dado o objeto de estudo ser um sistema social (as famílias e seus membros) e como tal estar em constante interação com os seres sociais não pode ser caracterizado de forma objetiva, ao invés assume-se a existência de várias realidades diferentes (Orlikowski & Baroudi, 1991). Desta forma o investigador parte da realidade dos entrevistados e não cria categorias rígidas prévias (Orlikowski & Baroudi, 1991). Os conteúdos surgem dos participantes e estão em constante interação com o investigador (Klein & Myers, 1999).

De modo a emergir na percepção da realidade dos participantes, o investigador interage diretamente com os mesmos de modo a entender de forma profunda as suas influências e experiências contextuais e culturais (Klein & Myers, 1999). De igual forma é importante para um investigador interpretativista refletir sobre as suas próprias ideias pré-concebidas dado que as mesmas vão estar em interação com a interpretação dos dados (Lacity & Janson, 1994).

Numa ótica de uma realidade subjetiva, o paradigma positivista tem menos espaço. No entanto, pode-se integrar os dois paradigmas. Lee (1991) dividiu em três níveis de compreensão. O primeiro nível onde se compreende a realidade subjetiva com base no que as pessoas vivem no quotidiano, ou seja o senso comum. O segundo nível que implica o investigador que irá interpretar os participantes (do primeiro nível) e atribui um significado também ele subjetivo. Este segundo nível é onde se encontram os conceitos teóricos que descrevam as realidades descritas pelos sujeitos participantes (Klein & Myers, 1999). Por fim, o terceiro nível onde cabe ao investigador testar a sua teoria de forma empírica. Ainda que esta investigação assuma apenas o primeiro e o segundo nível, poderá ter um contributo futuro para um terceiro nível.

Em complementaridade e concordância com o paradigma interpretativista, está o paradigma construcionista sobre a qual a realidade é uma construção mental baseada nas experiências e contextos sociais a que se tem acesso, como tal o real é construído, não havendo uma realidade absoluta, mas apenas várias realidades, umas baseadas em mais e menos contextos e informação (Guba & Lincoln, 1994). Da mesma forma, o investigador e o objeto de investigação estão em constante interligação, sendo que os resultados são criados conforme a investigação avança. O objetivo metodológico é refinar os resultados à medida que se recolhe mais informação com mais participantes (Guba & Lincoln, 1994). Deste modo o conhecimento é cada vez mais baseado em mais informação e como tal mais aprimorado e consensual. Há, portanto, uma co-construção entre o investigador e os participantes. Este conhecimento, no entanto, necessita de constantes revisões e aprimorações pela consciência de que as

circunstâncias estão em constantes modificações e que o conhecimento gira em torno delas. Também por esta razão é necessário assumir a existência de que realidades diferentes podem coexistir.

Participantes:

A amostra foi constituída por 26 participantes, dos quais 17 mulheres e oito homens. Os 26 participantes foram classificados por gerações (Dimock, 2019) do qual: seis participantes tinham entre 18-25 anos, Geração Z nascidos entre 1997-2012 ($M = 23,50$ anos, $DP = 1,52$); seis participantes tinham entre 26-41 anos, Geração Milénio, nascidos entre 1981-1996, ($M = 32,17$ anos, $DP = 6,74$); 10 participantes tinham entre 42-57 anos, Geração X, nascidos entre 1965-1980 ($M = 48,20$ anos, $DP = 5,90$); e quatro participantes tinham entre 58 a 76 anos, Geração *Boomers*, nascidos entre 1946-1964 ($M = 62,25$ anos, $DP = 2,06$). A média total da idade dos participantes foi de 40,96 anos ($DP = 14,42$).

Relativamente ao país de origem a amostra consistiu em 12 pessoas de origem cabo-verdiana, 11 pessoas de origem angolana, uma pessoa de origens moçambicana e angolana, e duas pessoas de origem da Guiné-Bissau. No que diz respeito ao tempo de residência em Portugal houve: seis participantes que viviam há menos de 15 anos em Portugal ($M = 6,25$ anos, $DP = 9,25$), e 20 participantes há mais de 15 anos em Portugal ($M = 30,1$ anos; $DP = 9,36$).

Os critérios de inclusão da amostra foram: famílias que se identificam como sendo negras/portuguesas negras/afrodescendentes/de origem africana (ACM, 2021); que vivam atualmente em Portugal; e que todos os elementos da família tenham mais de 18 anos. O número mínimo de elementos a estar presente na entrevista familiar foram dois elementos, preferencialmente, de diferentes gerações (exemplo: mãe e filha). Os participantes excluídos eram lusodescendentes e não foram incluídos na amostra pela diferença dos seus contextos e processos de identidade.

Instrumentos:

A entrevista foi constituída por diversos blocos temáticos, onde foram explorados os seguintes temas: 1. O papel da arte na identidade (*“Que papel a arte desempenha na criação da identidade?”*); 2. A história familiar, nomeadamente as origens africanas, contacto com origens, e as influências étnicas e culturais (*“Quem da família nasceu no país africano e qual é esse país?”* *“Costumam visitar o país de origem?”*); 3. A migração (*“Há quanto tempo ocorreu a migração?”* *“Qual foi a razão?”* *“Como foi a adaptação a Portugal?”*); 4. Os

processos e mecanismos familiares (*“Como se organizam em casa?” “Quais os rituais e tradições que têm enquanto família?” “Que aspetos consideraram importantes para transmitir à próxima geração?”*); 5. E a identidade familiar e cultural (*“Como vivem a biculturalidade?” “Quais são as semelhanças e diferenças que percecionaram sobre as duas culturas?” “O que facilitou a criação da identidade?” “O que o faz sentir africano e o que o faz sentir português?”*).

Foi também preenchido um questionário sociodemográfico (Apêndice B), onde foram questionados alguns dados individuais dos membros da família, nomeadamente a idade, o sexo, a orientação sexual, a religião, as habilitações literárias e a profissão; foram ainda feitas perguntas para perceber as origens e influências culturais (nacionalidade, naturalidade, e identificação étnico-cultural), o tempo de residência em Portugal, alguns dados de contextualização familiar, nomeadamente a composição do agregado familiar e se a pessoa tem filhos, e por fim os apoios e recursos com base no mapa da rede social (Sluzki, 1996) para obter uma contextualização social.

Procedimento:

O Requerimento de Aprovação de Projetos de Investigação (RAPI) foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia.

A amostra foi não probabilística e foi recolhida por conveniência, ou seja, por facilidade de acesso, e pela técnica “bola de neve”, onde foram selecionadas pessoas envolvidas no tema que por sua vez indicaram outros participantes que cumpriam os requisitos (Coolican, 2018). O estudo foi divulgado por meio de redes sociais e de um site com formulário de inscrição (Apêndice C- informação divulgada).

As entrevistas foram realizadas em formato online e presencial: seis entrevistas online (das quais uma das entrevistas online foi excluída), seis entrevistas realizadas na casa das famílias (das quais uma das entrevistas presenciais foi excluída), e uma realizada numa sala de reuniões do local de trabalho. As entrevistas demoraram cerca de 60 a 90 minutos.

No caso das entrevistas online, os consentimentos informados (que explicitava o âmbito do estudo, os objetivos, os moldes da investigação, a confidencialidade e contactos - Apêndice D) e os questionários sociodemográficos (Apêndice B) foram enviados por email previamente e recebidos novamente por email antes do começo da entrevista. No caso das entrevistas presenciais, os dois documentos foram preenchidos e recolhidos no início da entrevista.

No início das entrevistas foram explicadas verbalmente os objetivos do estudo, a necessidade de gravação do áudio e a garantia da confidencialidade dos dados. As gravações e

todos os dados identificativos foram eliminados, quando o estudo terminou e não foram usados nomes verdadeiros, dado que os dados foram analisados de uma forma global. Explicou-se também, no consentimento informado, sobre a opção de colocarem o seu endereço eletrónico, caso quisessem receber uma síntese dos resultados em linguagem não técnica pela relevância do estudo para os próprios participantes. Apenas o investigador principal teve acesso a estes emails.

No final foi dado espaço para os participantes acrescentarem informação que não tinha sido falada ou alguma questão que ficou menos esclarecida no decorrer da entrevista.

Análise de dados:

Os dados foram analisados através de uma análise temática (Braun & Clarke, 2006), com recurso ao software *NVivo*. A escolha da análise temática deve-se à sua flexibilidade a diferentes correntes teóricas e por se adaptar ao pensamento construcionista, isto é, os dados não são previamente estipulados e orientados pela teoria (Braun & Clarke, 2006). É também importante esta flexibilidade na análise por ser um tema pouco estudado e onde não há muita informação teórica sobre o mesmo. Deste modo, o objetivo do estudo é enriquecer o conhecimento na área e como tal é imprescindível surgirem os mais diversos temas das entrevistas, para que posteriormente ao presente estudo, estes aspetos dispersos possam ser testados relativamente à sua generalização e importância (ao encontro do critério *solidez*, relativo ao referencial de qualidade nos estudos qualitativos RATS - Clark et al. [2003]).

Relativamente ao processo de análise dos dados é de referir que seguiu as etapas de Braun e Clarke (2006). Começou pela familiarização dos dados com as transcrições e leitura das entrevistas. As transcrições foram efetuadas detalhadamente e confirmadas. A escrita começou numa fase inicial com o registo de anotações sobre as entrevistas nas primeiras leituras. A segunda etapa foi gerar os primeiros códigos, ou seja, ao ler cada uma das entrevistas foram codificadas informações entendidas relevantes e interessantes. Esta primeira codificação foi feita de forma indutiva e como tal as categorias geraram-se dos dados, sem modelos teóricos previamente estipulados. Desta forma foi feita uma codificação dispersa onde foram identificados temas com base nas narrativas explícitas dos participantes. Com estes conjuntos de temas ainda sem interpretação do investigador foram-se salientando padrões e também alguns temas fora dos padrões entendidos como relevantes. Todos os conjuntos de dados relevantes foram categorizados de forma criteriosa, formando categorias coerentes. Após esta fase o papel do investigador interpretativista e construcionista começou a revelar-se no sentido em que houve uma progressão da análise indutiva para uma análise onde se encontraram

significados nos padrões e se começou a teorizar (investigador ativo na pesquisa e consolidação dos temas como um critério de qualidade da análise temática segundo Braun e Clarke [2006]). Ao encontrar padrões em constante modificação chegou-se à terceira etapa de Braun e Clarke (2006) - procurar temas. Nesta fase observou-se todas as categorias criadas e agrupou-se em categorias maiores. Seguidamente, na quarta etapa, ocorreu a revisão dos temas. Nesta fase procurou-se verificar o sentido das citações codificadas com as categorias em que eram inseridas. Foi uma fase importante para a tomada de decisões sobre que categorias estavam saturadas e eram pertinentes e que categorias não muito mencionadas pelos participantes se mantinham no estudo, pela importância pessoal e subjetiva do investigador, para a questão de investigação. A fase seguinte foi a definição e nomeação dos temas. Nesta fase procurou-se operacionalizar as categorias e clarificar os nomes das mesmas. Especificamente na identidade familiar foram incluídos termos gerais da psicologia da família (os rituais e as regras) por haver concordância e sentido com o que se observou nos dados. Todas as categorias foram revistas por pessoas externas à investigação de modo a tornar as categorias mais claras. Para a clareza das categorias foi criada uma operacionalização e descrição das mesmas (disponível no Apêndice E), sendo este um critério consolidado para a escrita dos estudos qualitativos – COREQ (Tong et al., 2007). Por fim, ocorreu a escrita, um processo narrativo, onde foram selecionadas as citações mais ilustrativas das ideias descritas e onde se procurou contar a história dos dados relacionando os mesmos com as questões de investigação e a literatura existente sobre o tema.

Reflexividade do investigador:

A investigadora ao estudar aspetos culturais, refletiu sobre a sua própria genealogia cultural (consultar Figura 1). O presente projeto de investigação ao focar em questões étnicas e raciais é fundamental que a investigadora reflita sobre os seus vieses e influências culturais (papel do investigador como um procedimento de *transparência* do referencial RATS – Clark et al. [2003]). Primeiramente, sobre a questão racial, há uma grande homogeneidade cultural, onde a cultura portuguesa está presente em todos os membros da família das três gerações. Desta forma, a investigadora inclui-se num país colonizador dos países alvos de investigação. Outro aspeto saliente é a importância da regionalidade, nomeadamente da forte influência do Alentejo, sendo que também há influência de Lisboa e do Norte, mas com muito menor impacto. Relativamente a características refletidas sobre a região alentejana, pode-se anunciar o papel da gastronomia no acolhimento das pessoas e o sotaque que parece emanar um acolhimento com humor pela fala coloquial. Identifiquei características positivas próprias de

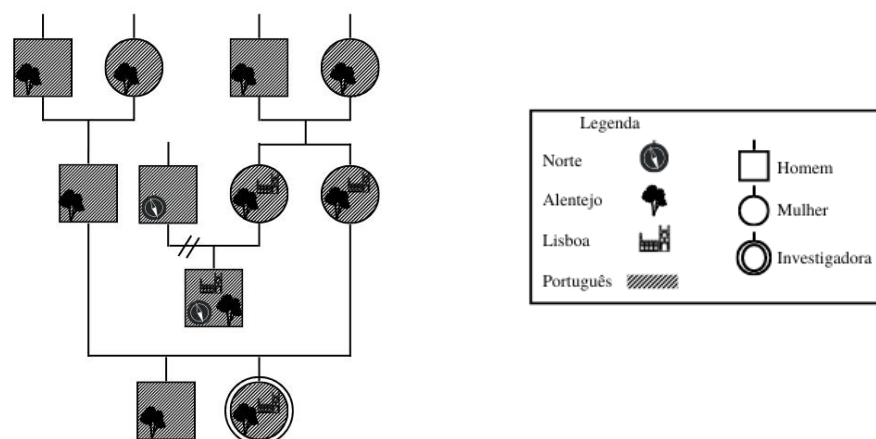
ser alentejano, tais como o grande sentido de comunidade e a mobilização social, onde *toda a gente é família*, e as famílias alargadas acabam por morar todas na mesma aldeia ou cidade. No entanto, há também características gerais de ser português tal como os baixos rendimentos e a precariedade (não ter as oportunidades que outros países desenvolvidos têm). No que toca a aspetos negativos da região alentejana a investigadora refletiu sobre a falta de privacidade. Havendo um grande sentido de comunidade que é positivo, há o lado menos bom que é a falta de espaço pessoal. Já as características negativas de ser português pode-se pensar na falta de oportunidades, de trabalhar mais do que aquilo que se recebe, de ser um país pequeno e relativamente pacífico, que leva a um pensamento também ele pequeno, e por fim, pela população envelhecida, os valores conservadores assumem ainda alguma importância. De evidenciar que estes aspetos descritos não se generalizam à população e são apenas uma reflexão pessoal sobre a cultura dominante.

Um outro aspeto a destacar é o termo de comparação, ou seja, estas características foram identificadas em comparação com países mais desenvolvidos e não foram comparadas com países em desenvolvimento. Durante as entrevistas realizadas no estudo observou-se algumas destas características sobre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPS) visados em comparação com Portugal, o que leva a crer que há um contínuo, onde dependendo de que país estejamos a comparar estas características têm mais ou menos relevo. Ao longo das entrevistas percebi que os PALOPS visados no que diz respeito aos aspetos mencionados acima têm-nos ainda mais exacerbados, quando comparados com Portugal, por exemplo as oportunidades e condições (como aspeto negativo mais exacerbados), o sentido de comunidade nas regiões mais rurais e o acolhimento (como aspetos positivos mais exacerbados).

É importante refletir ainda que a investigadora não conhecia nenhum dos participantes entrevistados, sendo que tal pode ser um aspeto positivo para a genuinidade, dado que qualquer resposta não afetará a interação, como também pode ser um aspeto negativo no sentido que não há um conhecimento profundo sobre a história e realidade do participante (descrição da relação com o participante como um critério consolidado para a escrita de investigações qualitativas (COREQ) - Tong et al. [2007]).

Figura 1

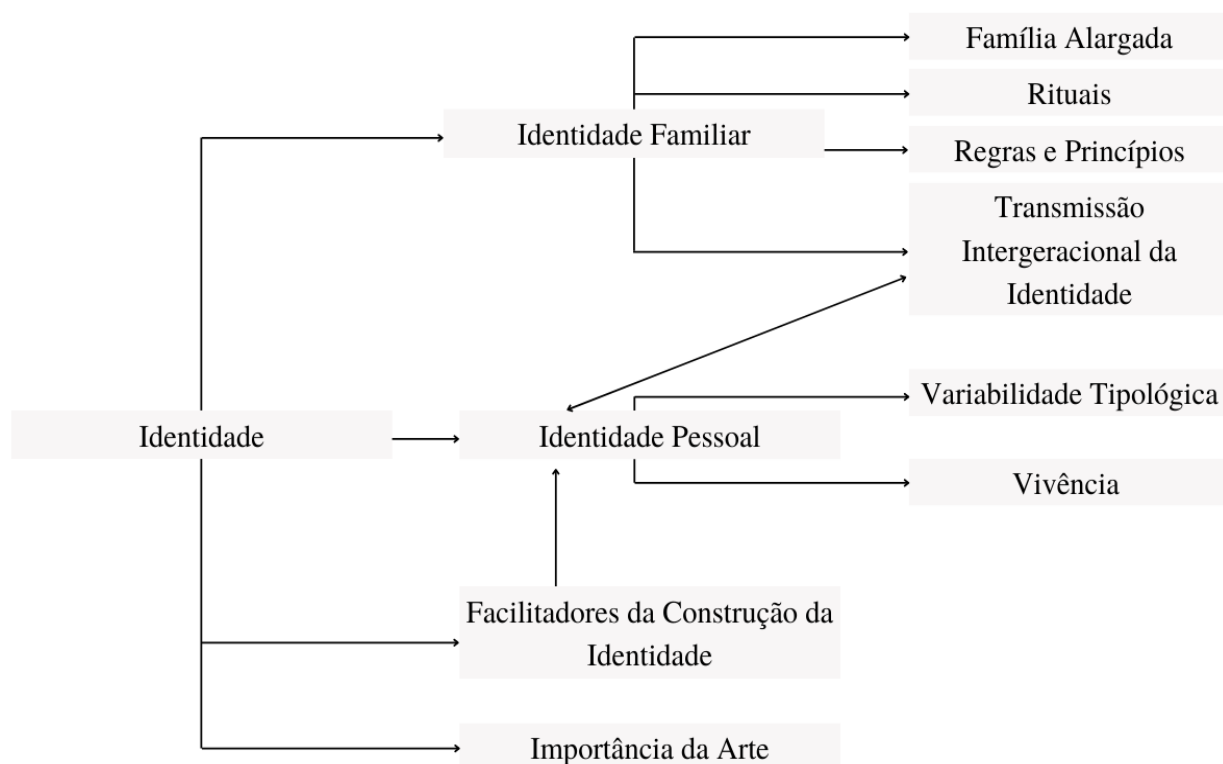
Genograma cultural com base na teoria de Hardy e Laszloffy (1995)²



Mapa Conceptual/ Mapa Mental:

Figura 2

Árvore de categorias gerais



² Nota. O genograma cultural de Hardy e Laszloffy (1995) inclui também símbolos de orgulho e vergonha que não foram incluídos neste genograma cultural.

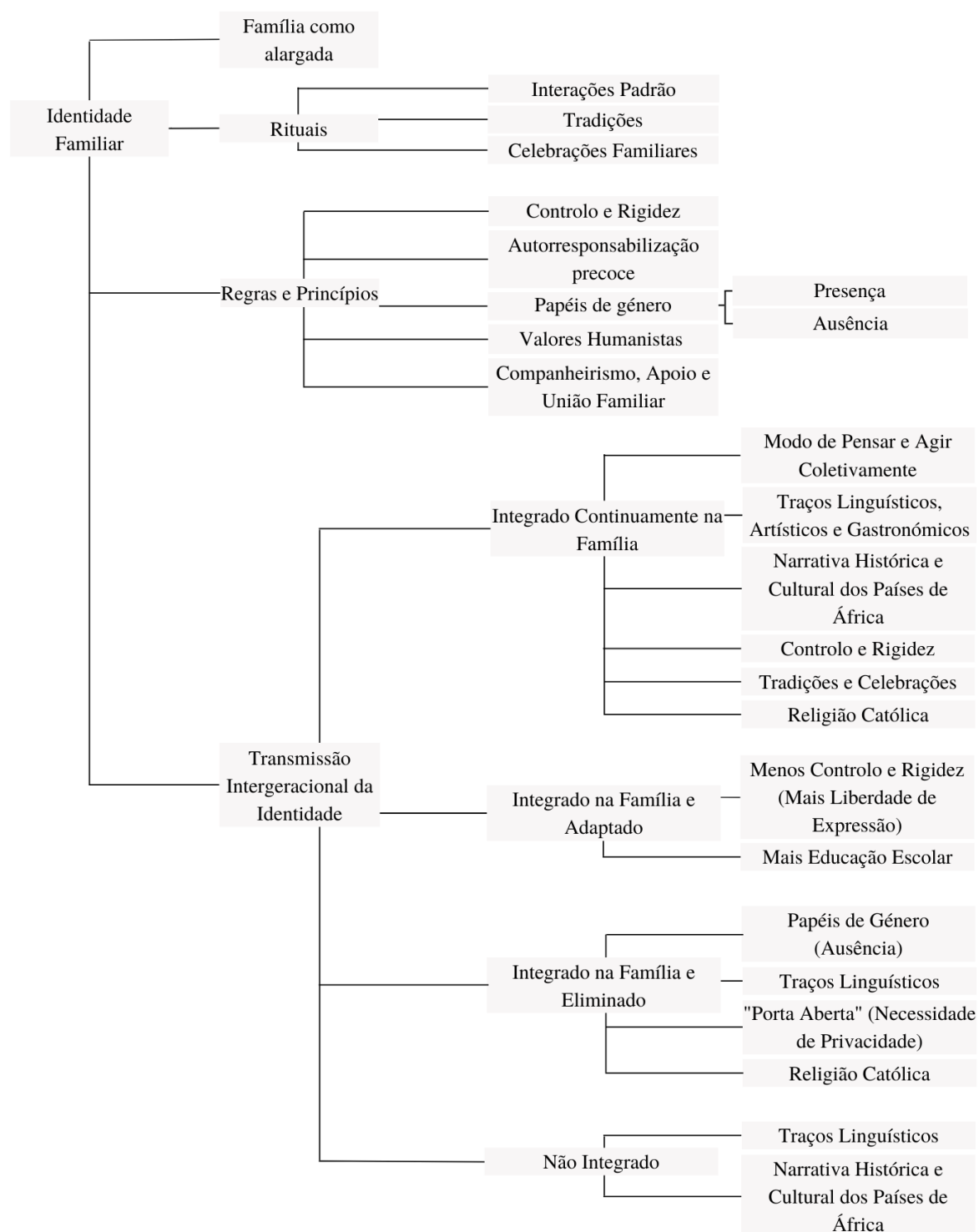
Figura 3*Árvore da categoria “Identidade Familiar”*

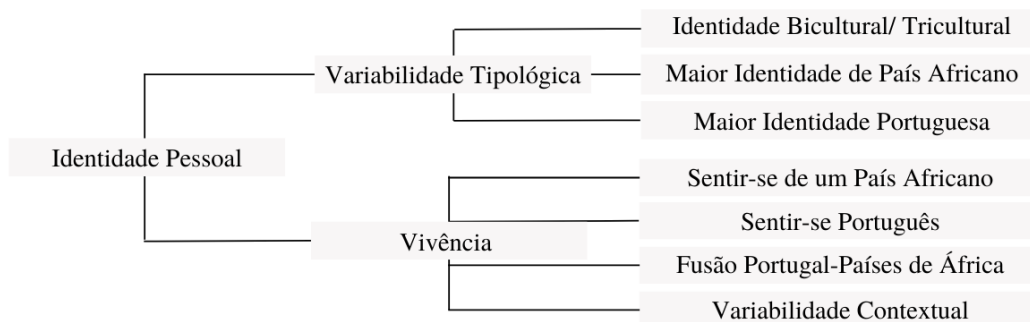
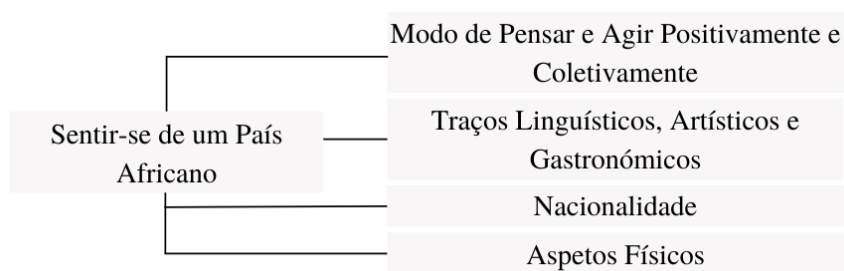
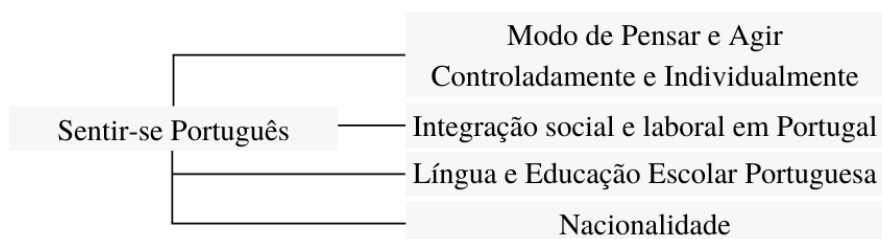
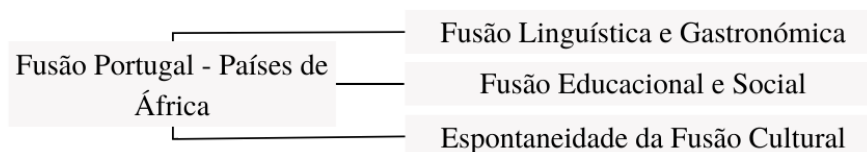
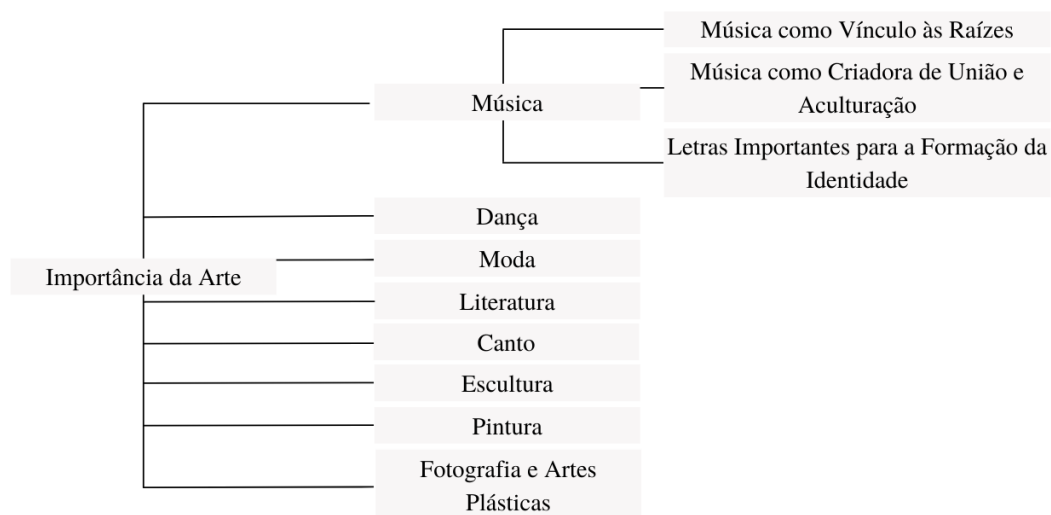
Figura 4*Árvore da categoria “Identidade Pessoal”***Figura 5***Árvore da categoria “Sentir-se de um País Africano”***Figura 6***Árvore da categoria “Sentir-se Português”***Figura 7***Árvore da categoria “Fusão Portugal - Países de África”*

Figura 8

Árvore da categoria “Facilitadores da Construção da Identidade”

**Figura 9**

Árvore da categoria “Importância da Arte”



Resultados

Relativamente aos resultados, estão descritos por extenso ou entre parênteses sendo “F” referente ao número de famílias codificadas nessa categoria e “R” o número de referências, ou seja, segmentos de discurso dos participantes codificadas em cada categoria ou subcategoria.

Para responder à primeira questão de investigação - como é que as famílias que se identificam como negras/portuguesas negras/afrodescendentes/de origem africana percebem e constroem a sua identidade - foi necessário distinguir aquilo que é a identidade familiar (o todo que surge da interação entre todos membros da família, isto é, como se caracteriza a família e seu funcionamento interno) e aquilo que é a identidade idiossincrática (identidade pessoal de cada membro da família) que surgiu daquilo que foi transmitido pela geração anterior e decidido pela geração seguinte sobre a sua inclusão. De destacar que a identidade foi tendencialmente cultural e como tal não abarca todas as áreas que constituem a identidade.

Identidade Familiar

Primeiramente surgiu a definição de família alargada (F8; R33). Os participantes definiram o conceito familiar pelos laços biológicos, mas também afetivos, onde os amigos, tios e vizinhos são integrados como parte da família. Numa das famílias surgiu o tema da inclusão das pessoas solteiras na família, nomeadamente do seu papel. O solteiro assume-se como uma tia, que presta auxílio a quem necessite, nomeadamente dos mais novos, e é incluído nas tomadas de decisão familiares, sem ser colocado de parte por não ter um companheiro e a sua família própria.

Sobre a identidade familiar foram também referidos os rituais (F11; R169) e as regras e princípios familiares (F11; R162).

Relativamente aos rituais, foram identificadas interações padrão (F11; R115), tradições (F10; R35) e celebrações familiares (F8; R19). As interações padrão foram referentes à forma como a família se organizava nas tarefas quotidianas, nomeadamente das responsabilidades partilhadas onde todos os membros da família colaboraram. Incluíram-se também nas interações padrão a rotina da escola e do trabalho e as atividades de lazer e de descanso após esse período. As tradições referem-se às festas e convívios organizados pela família (tais como os aniversários e os almoços/jantares festivos), às visitas que faziam aos familiares e às reuniões familiares que organizavam para resolver os problemas ou para apresentações familiares. As celebrações familiares incluíram a celebração dos dias festivos como o natal, a páscoa, os casamentos e as cerimónias fúnebres.

Relativamente às regras e princípios (F11; R162) é de salientar a importância dada ao controlo e rigidez (F10; R63), à autorresponsabilização precoce (F9; R29), aos papéis de género (F9; R21), nomeadamente se há presença (F6; R17) ou ausência (F3; R4), aos valores humanistas (F9; R16) e ao companheirismo, apoio e união familiar (F8; R27). O controlo e

rigidez referem-se a uma estrutura hierárquica por idade. Tal como Fiona afirmou: “*os mais novos obedecem ao mais velho, e isto nunca foi falado, é uma coisa que naturalmente (...) A mamã não está, o papa não está, o mais velho é que manda.*”. Nesta categoria incluíram-se valores como o respeito pelo mais velho, o ter cuidado com a linguagem e o recurso a punição física para educar.

“Tem de saber quando estamos a falar que este é adulto, e que este é criança. E isso tem de saber mesmo. Nem eu própria, que já tenho a idade que eu tenho, se vou falar com o meu pai, tem de saber falar com o meu pai, tenho de saber utilizar qual é a linguagem, qual é a palavra que eu vou utilizar para o meu pai, “oh não sei quê, tu aí” não não, já levaste uma, e já levaste uma daquelas boas.” (Íris)

Desta forma o controle e rigidez foi um princípio que se assumiu como estrutural para a organização das famílias participantes. A autorresponsabilização precoce refere-se à atribuição de autonomia e responsabilidades desde cedo, com o objetivo de desenvolver a capacidade de trabalho no sentido de aumentar o apoio e contributo à família. Este princípio assume-se como importante, dado guiar a prática e organização destas famílias. Relativamente aos papéis de género: em seis famílias as mulheres e os homens vão de acordo com as expectativas de que a mulher fazia as tarefas domésticas e que o seu trabalho era apenas complementar ao do homem, e que o homem é quem tem o emprego que sustenta a família e quem faz as tarefas braçais; e em três das famílias referiu-se que os homens e as mulheres fazem as mesmas tarefas e se auxiliam igualmente nas atividades a desempenhar. Os valores humanistas referem-se a valores como saber acolher o outro e saber honrar o compromisso com o outro. O companheirismo, apoio e união familiar refere-se à importância de ajudar e manter sempre unidos os elementos da família.

“é a união independentemente de tudo, os meus irmãos agora estão fora, mas estamos aqui, é a união. Temos família na Guiné, mas nunca esquecemos, e são nossos independentemente de ser de longe, mas sabemos que, estão longes, mas estão connosco.” (Lorena)

Após o surgimento de categorias que definiram as regras e princípios da família foi importante perceber quais foram os aspetos que para as famílias foram importantes transmitir à próxima geração e que irão formar e influenciar a identidade dessa geração. Daqui decorreu a categoria transmissão intergeracional da identidade (F11; R233). Nesta categoria percebeu-

se quais os aspetos da identidade familiar que foram ou não transmitidos para a geração seguinte, e se foram ou não integrados por essa geração recetora. Decorreram 4 subcategorias: o que foi integrado continuamente na família (F11; R162), integrado na família e adaptado (F7; R18), integrado na família e eliminado (F6; R12) e o não integrado na família (F3; R7). Foi possível perceber que houve um maior número de famílias (11) que integrou continuamente na família os valores transmitidos comparativamente com as que não integraram os valores na família (3).

No que diz respeito ao que foi integrado continuamente na família (F11; R156) foram referidos o modo de pensar e agir positivamente e coletivamente (F11; R81), os traços linguísticos, artísticos e gastronómicos (F10; R35), a narrativa histórica e cultural dos países de origem (F6; R16), o controlo e rigidez (F6; R15), as tradições e celebrações (F3; R3) e a religião católica (F2; R4). O modo de pensar e agir coletivamente refere-se a valores tais como saber acolher, ter a “porta aberta” para os outros, ter respeito pelo outro, saber honrar o compromisso, valorizar a união, saudar todas as pessoas e ser empático. Sendo estes valores aqueles que foram mencionados por todas as famílias e onde foi dada uma grande ênfase sobre a importância em passá-los para a geração seguinte. Os traços linguísticos, artísticos e gastronómicos (F10; R35) foram também referidos como tendo passado de geração em geração. Foi referida a continuação da gastronomia africana, do crioulo e línguas nacionais e das expressões artísticas africanas. Relativamente às expressões artísticas, nomeadamente a música, Mateus referiu: *“são estilos de música típicos de Cabo Verde e que nós nunca tínhamos ouvido e por termos mães e avós cabo-verdianos começaram a incutir a música.”*. Já Fiona salientou a importância de transmitir o crioulo: *“há sempre esta questão de se manter a língua porque nós temos, o crioulo tem família em tudo o que é parte do mundo, portanto a língua continua a ser aquilo que nos une.”*. De salientar que a transmissão do crioulo foi referida como importante, dado ter sido um meio de união familiar, por possibilitar a comunicação com gerações mais velhas que só falam crioulo e com familiares dispersos por todo o país, como ilustrado na citação de Fiona. Foi também referido o crioulo como facilitador na preservação dos segredos familiares, na medida em que conseguiam comunicar entre membros da família informações exclusivas de modo a que o convidado não percebesse. A transmissão do crioulo foi apreendida pelas várias gerações através das interações padrão e da audição dos familiares a comunicarem. As expressões artísticas comparativamente com a gastronomia e os traços linguísticos assumiram um menor papel dado terem sido referidas apenas por duas famílias enquanto a gastronomia e os traços linguísticos foram referidos por oito e sete famílias respetivamente. A narrativa histórica e cultural dos países africanos (F6; R16) foi referida como

um aspeto importante a ser transmitido para a próxima geração para que conseguissem perceber quais eram as suas raízes, e qual era a história da sua cultura africana e integrarem essa informação na sua identidade. Tal ideia foi ilustrada pela Maia: *“continuarmos a trabalhar na nossa narrativa, honrarmos nossos ancestrais, passarmos a quem tem dúvidas e para quem se sente inferior por ser afrodescendente, começar a perceber que é uma mais-valia”*. A mesma ideia foi ainda salientada por Amanda: *“tudo aquilo que não aprendi porque não vivi, consigo ter uma noção de como é que foi difícil as pessoas da época, ou seja, para os meus antepassados e mesmo para a minha mãe consigo perceber como é que a situação foi difícil”*. As citações de Maia e Amanda ilustram a importância da passagem da narrativa histórica e cultural para a formação da identidade, dado não terem vivido necessitam que as gerações passadas contem o seu passado sofrido.

O controlo e rigidez refere-se à preservação de uma parentalidade estruturada, onde há a regra de ter cuidado com a linguagem a dirigir ao mais velho e onde a educação tem presente a punição física. As tradições e celebrações onde houve valorização na preservação da celebração de dias festivos e na organização de convívios e festas feitas regularmente. E por fim, a transmissão de geração em geração da prática da religião católica.

No que diz respeito ao integrado na família e adaptado (F7; R18) foi referido menos controlo e rigidez (mais liberdade de expressão) (F5; R12) e mais educação escolar (F5; R6). Relativamente ao menor controlo e rigidez houve uma atenuação da parentalidade mais rígida para uma menos rígida. Houve maior liberdade de expressão, menos regras e já não se utilizava a punição física. Neste sentido, Francisca afirmou: *“Podemos aceitar aquilo que os pais dizem, mas podemos questionar, perceber o porquê de ter que fazer certa coisa”*. Nesta citação foi ilustrada a ideia de que na geração mais nova houve uma progressão, onde já existe maior liberdade para contraporem.

A maior educação escolar foi referida como um progresso, onde a geração seguinte tinha mais oportunidades de estudo que a anterior, havendo simultaneamente uma maior perceção da importância de estudar.

Relativamente ao que foi integrado na família e eliminado (F6; R12) foram referidos os papéis de género (ausência) (F3; R5), os traços linguísticos (F3; R4), a “porta aberta” (necessidade de privacidade) (F2; F2) e a religião católica (F1; R1). A eliminação dos papéis de género foi referente à não existência de papéis estereotipados das mulheres e dos homens, havendo partilha nas tarefas domésticas. Relativamente aos traços linguísticos é de referir que as famílias não continuaram a aprender a língua nacional que a família de origem falava. Ao contrário dos participantes de cultura cabo-verdiana e guineense em que todas as famílias

passaram o crioulo para a geração seguinte (6 famílias), foi de notar que o mesmo não se verificou nas famílias angolanas, onde apenas houve uma geração da família onde ocorreu esta passagem de uma das línguas nacionais. De referir que um dos aspetos referidos para não se falar em casa a língua nacional/crioulo foi para haver uma melhor adaptação ao contexto português e à língua portuguesa.

No que diz respeito à “porta aberta” (necessidade de privacidade) é de salientar que houve duas pessoas de diferentes famílias que salientaram a falta de espaço pessoal, pela forte componente que a família de origem tinha em ter sempre a “porta aberta”, onde a casa estava sempre cheia e havia um constante acolhimento do outro na própria casa.

“Nós aqui temos privacidade, e nós lá não tínhamos essa privacidade (...) É, eu gosto. Cheguei e estou na minha casa à vontade. Por exemplo em Angola, lá era difícil pensar nisso, chegar e estar à vontade não, as portas até já estavam abertas.” (Monique)

Por terem tido este valor na família de origem, sentiam que necessitavam de privacidade e como tal nas suas próprias casas em Portugal, esta privacidade foi um aspeto implementado. Por fim, sobre a religião católica foi mencionada a dispersão de religiões que os filhos assumiram e como tal uma recusa da religião católica da família de origem.

Na categoria não integrado na família (F3; R7) foi referido por duas famílias os traços linguísticos (R6) e por uma família a narrativa histórica e cultural dos países africanos (R1). Os traços linguísticos presentes na categoria dos valores integrados e eliminados e na categoria do não integrado distinguem-se na medida que na categoria do não integrado, nem houve uma tentativa de transmissão de uma geração para a seguinte, ou seja, os pais não passaram para os filhos. Enquanto na categoria dos valores integrados e eliminados os pais tentaram passar para os filhos, mas os filhos não aprenderam por escolha. Houve duas famílias angolanas onde não ocorreu esta tentativa de passar a língua dado não se falar em casa e os pais não saberem falar a língua nacional. Sobre a temática linguística, Blimunda referiu: *“é uma coisa que eu gostava de ter aprendido porque tem que ver lá está com cultura, mas foi uma das coisas que eu não aprendi (...) É um vazio”*. Como visível na citação, a não passagem da língua nacional foi sentida como um vazio por não ter sido aprendida, tendo tido consequências para a identidade.

Relativamente à narrativa histórica e cultural dos países africanos foi referido por uma família o quanto não houve a passagem da informação sobre a sua cultura e sobre a história do seu país de origem, tendo isso repercussões ao nível da identidade.

As subcategorias da categoria da transmissão intergeracional foram comparadas com o tempo de residência em Portugal, sendo que os indivíduos com tempo de residência em Portugal superior a 15 anos tiveram números mais elevados de referências em todas as categorias da transmissão intergeracional, sobressaindo um grande contraste naquilo que foi integrado continuamente na família (menos de 15 anos = R34 < mais de 15 anos = R114).

De evidenciar também que não ocorreram diferenças significativas entre os vários países africanos na transmissão intergeracional, a não ser os aspetos já distinguidos, como o caso dos traços linguísticos e da necessidade de privacidade.

Respondendo à segunda questão de investigação - de que forma ocorre a transmissão da identidade a gerações seguintes - foi possível perceber que a transmissão intergeracional da identidade ocorreu nos variados contextos onde a família estava presente, e em que se regeram pelas suas regras e princípios. Tais contextos incluíram quando desempenhavam tradições (nomeadamente nas reuniões familiares, nas festas e nas visitas a familiares), as interações padrão, ou seja no dia-a-dia e nas interações rotineiras que tinham, e nas celebrações familiares onde se juntava toda a família para comemorar alguma ocasião especial como nos casamentos. A transmissão dos aspetos da identidade ocorreu ao longo da vida e não num único momento e tal dificultou os participantes de se recordarem sobre os aspetos da identidade, dado que são tão subtis e intrínsecos.

Identidade Pessoal

Sobre a identidade pessoal, foram identificadas duas subcategorias, a variabilidade tipológica e a vivência. Na amostra do estudo todos os participantes tinham a identidade étnica (as características culturais que lhes foram ensinadas pela família de origem) e cultural (cultura dominante do local da migração). Ao explorar sobre a identidade cultural chegou-se a três tipologias de variabilidade da identidade cultural: a identidade bicultural/tricultural, a maior identidade de país africano e a maior identidade portuguesa. A identidade étnico-cultural foi idiossincrática e como tal dentro de uma mesma família houve diferentes vivências e influências culturais, como tal, para analisar estas três categorizações é necessário focar o nível individual. Percebeu-se que 13 indivíduos se identificaram como tendo uma identidade bicultural/tricultural, oito indivíduos com maior identidade de país africano e cinco indivíduos com maior identidade portuguesa. Houve, portanto, um maior número de pessoas que se identificou como sendo bicultural/tricultural e um menor número de pessoas com maior identidade portuguesa. Adicionalmente, no decorrer das entrevistas, houve uma repetida surpresa quando comparei a identificação cultural com as gerações. Seria de esperar que quanto

mais idade os indivíduos tivessem maior fosse a identificação com o país de origem e que quanto mais novos os indivíduos fossem maior seria a identificação portuguesa, porém tal não se verificou. Verificou-se que nas gerações mais novas (Z e Milénio) houve um maior número de pessoas com identidade bicultural/tricultural (6 pessoas) e com maior identidade de país africano (5 pessoas), sendo que na geração Z não houve nenhum indivíduo que tivesse maior identidade portuguesa e na geração Milénio apenas uma pessoa. Já nas gerações mais velhas (X e *Boomer*) o segundo e o terceiro lugar invertem-se. Houve maior identidade bicultural/tricultural (7), de seguida portuguesa (4) e de seguida de país africano (3). Foi possível perceber que nas gerações mais novas o número de pessoas com identidade bicultural/tricultural e maior identidade de país africano foi mais próximo, já nas gerações mais velhas esse número foi mais discrepante, parecendo haver nas gerações mais velhas uma maior adoção da identidade bicultural/tricultural em detrimento de uma identidade maior de país africano. De salientar também que durante a entrevista foi observado que as gerações mais velhas associavam o seu país de origem ao que sofreram lá com a guerra ou pelas poucas condições de vida que tinham lá; por outro lado, as gerações mais novas, que nunca visitaram o país de origem ou foram poucas vezes, têm a curiosidade ou gostaram muito de visitar e conhecer as origens. Também a progressiva aculturação e globalização possibilitou que os jovens conseguissem ter orgulho das suas raízes africanas dado que já não eram tão estigmatizadas. Tais fatores podem estar na origem deste fenómeno.

Relativamente à identidade étnico cultural comparou-se também com o tempo de residência em Portugal. Houve uma discrepância grande entre o número de participantes com mais de 15 anos em Portugal (20 participantes) e com menos de 15 anos (6 participantes) e como tal comparou-se apenas intra-categorialmente. Dos participantes com mais de 15 anos de residência em Portugal, 11 identificaram-se como sendo bicultural/tricultural, cinco com maior identidade de país africano e quatro com maior identidade portuguesa. Já relativamente aos participantes com menos de 15 anos de residência em Portugal, o maior número verificou-se na identidade maior de país africano (3 participantes), de seguida bicultural/tricultural (2 participantes) e em último a identidade maior portuguesa (1 participante). Ou seja, o aumento da quantidade de tempo a residir em Portugal equiparou o nível de se sentir português com o de um país africano, levando a uma identidade bicultural/tricultural.

De notar que as três categorias tinham presente as várias etnias e culturas, apenas as tinham em graus diferentes, ou seja, os indivíduos com maior identidade de país africano podiam-se sentir também, ainda que em menor parte, portugueses e vice-versa. De modo a compreender melhor este fenómeno da identificação étnico-cultural abordou-se

especificamente o que fazia as pessoas se sentirem portuguesas e o que as fazia sentirem-se de um determinado país africano, ou seja, a forma como viviam a identidade cultural (vivência).

Começando pelos aspetos que fizeram os entrevistados sentirem-se de determinado país africano (F11; R341) foram mencionados com destaque o modo de pensar e agir positivamente e coletivamente (F11; R263), os traços linguísticos, artísticos e gastronómicos (F11; R56), a nacionalidade (F9; R14) e por fim o aspeto físico (F3; R7).

Relativamente ao modo de pensar e agir positivamente e coletivamente muitos foram os aspetos mencionados que promoveram a comunidade, tal como a importância da confraternização e afetividade, a união, o acolhimento e “porta aberta” e a solidariedade e partilha. Esta ideia incluiu-se na distinção cultural feita por uma das famílias que atribuiu a forma de sentir (afetividade) como um aspeto cultural do país africano de origem em contraste com a forma de pensar que atribuiu a um aspeto cultural de ser europeu ao afirmar: “(...) *nós pensamos como europeus, mas sentimos um conforto maior na cultura africana, mas o nosso pensamento, é um pensamento europeu.*” (Pierre).

No modo de pensar e agir coletivamente foram referidos pelas famílias vários valores humanistas que refletiram esta forma de sentir o afeto e conforto da cultura africana. Todos estes valores foram agências que promoveram o sentido de comunidade e que tinham em vista o bem do coletivo.

“(...) no passado tínhamos aqueles fins de semanas ajantarados, porque o povo português, não que eles não se reúnam, mas nós éramos capazes de fazer aquilo todos os fins de semana. (...) lá diziam, mas vocês dão sempre festa, onde é que sai tanto dinheiro, mas aquilo não era festa, cada um trazia o seu, nos juntávamos e aquilo já parecia ser festa e nós estávamos ali a comer, a beber, a dançar, a rir, a contar histórias, era uma coisa divertida.” (Blimunda)

“(...) uma coisa que nós aqui somos famosíssimos é pelas festas. Pelas festas basta isto, os miúdos quando é de verão estão aí à toa, estão aí na rua e de repente dizem assim vá agora cada um dá aí 2 euros, ou 5 euros, todos recolhem, e há 2 ou 3 que vão (...) comprar carne, vão comprar carvão, vão comprar bebidas. A confusão é sempre aqui na rua da minha mãe, é a rua das festas, e ali no espaço de uma 1 hora está uma festa montada (...).” (Fiona)

As citações acima revelam a importância dada à confraternização e a facilidade e periodicidade com que se cria esses momentos de convívio. Em adição, a citação de Nicolau “*Estamos sempre nas casas uns dos outros.*” demonstra o espírito de comunidade como

promotor do estar junto. Foi nestes momentos de convívio que se criaram laços afetivos fortes. Tal como um dos participantes referiu: *“Lá eu sinto que as pessoas parecem mais calorosas, mais divertidas, mais leves. Aqui não sei, sinto mais a individualidade das pessoas. Lá sinto a unidade, são fatores importantes.”* (Eduardo).

A valorização da afetividade e da união entre as pessoas foi também um aspeto mencionado e que se incluiu em valores que promoveram a coletividade. Outro aspeto importante foi a abertura que era necessária ter para que estes momentos de confraternização acontecessem. Na entrevista com Fiona esta ideia esteve presente: *“(...) faz-se ali o convívio na rua, há aqui 3 portas que estão sempre abertas, (...) onde podemos beber um copo de água, onde se vêm sentar um bocado no sofá, são estas as 3 casas da confusão.”*. Da mesma forma que Abigail refere: *“E lá a gente tinha a porta sempre aberta, ninguém fechava a porta. (...) Entram na casa uns dos outros, e era sempre assim.”*. Nestas duas citações foram salientes a importância de acolher e receber bem as pessoas, tendo sido referido sistematicamente o termo “porta aberta” ou “casa aberta”.

“(...) se a vizinha for te bater à porta que não tem arroz, não tem açúcar, tu vais ter que dar, se tu tens na tua casa tu vais ter de dar, porque quando tiveres um acidente em tua casa, a primeira pessoa que te vai bater à tua porta é a tua vizinha, porque até o teu familiar chegar e vir para tua casa já não precisas de qualquer coisa.” (Íris)

Adicionalmente a estes valores esteve a importância de ajudar e partilhar com o outro, havendo um grande sentido de comunidade onde estava presente uma constante entreajuda tal como ilustrado na citação acima. Outro aspeto relacionado com a coletividade foi a ideia que a comunidade pode e deve educar os mais novos, ou seja, a educação era partilhada.

“O educar, qualquer pessoa podia te chamar à atenção se tu tivesses a fazer qualquer coisa que tu não devias, e hoje em dia se tu fazes isso meu deus és logo crucificada. No bairro não, se tu fizeres alguma coisa a pessoa chamava-te à atenção, tu pedias desculpa, calavas, tu seguias a tua vida e chegavas a casa e não contavas, se contasses ias levar porque a mãe, o pai ou a avó iam dizer se te chamaram à atenção é porque alguma coisa de mal tu estavas a fazer e então era bem feita, e isso trouxe aqui também o respeito pelos mais velhos” (Caetana)

Na citação de Caetana foi visível a ideia da educação partilhada pela comunidade. Refletor do coletivismo dos países africanos esteve também a importância de cumprimentar o outro.

“quando eu cheguei a Portugal, eu cumprimentava toda a gente, chegava à camioneta e era boa tarde, boa tarde, boa tarde, e olhavam para mim a pensar, mas esse senhor não está bom da cabeça, depois passei a não cumprimentar porque também ficava... todos os dias eu passava na paragem, cumprimentava toda a gente e parecia um bocadinho um louco.”
(Valentim)

“A pessoa quando chega, se você discutiu, bateram-te, não quero saber, mas quando chega num sítio, seja lá quem for, a primeira coisa é um bom dia (...) Vais ver como você vai sentir bem, só o teu bom dia.” (Íris)

Aquando da vinda para Portugal, este foi um aspeto mencionado como contrastante, dado que a saudação nos países de África dos participantes era feita tanto a familiares, como a conhecidos e até desconhecidos. Ainda sobre o modo de pensar e agir positivamente e coletivamente estão os aspetos que tenham que ver com a positividade com que veem e vivem a vida. Destacou-se a boa disposição. Todas as famílias durante o decorrer da entrevista salientaram a forma expressiva e emotiva com que falavam e o facto de terem um grande sentido de humor e serem brincalhões. Pietro e Sasha salientaram tal ideia afirmando: *“Somos muito gozões, e isso por acaso é uma característica (Sasha: Entre nós) dos blacks. (Sasha: Ya, nós gozamos com tudo) Fazemos piada com tudo”*. No mesmo sentido, Caetana acrescentou a expressividade e alegria do seu discurso.

“a gente vem para aqui, não falta alegria, é os gritos, os berros, porque depois nós não sabemos falar baixinho. Estou a falar português agora estou a falar baixinho, mas eu mudo de personalidade, a minha parte portuguesa sou muito... (fica pacífica e sossegada) quando eu passo para cabo-verdiana (postura muda e solta gargalhada) ... é outra coisa.” (Caetana)

De realçar que esta boa disposição ainda que expressa em discurso pelos participantes foi também observada pelo investigador na postura e expressividade com que falavam no decorrer das entrevistas.

A leveza da vida foi também referida: “*é viver com mais leveza (...) há sempre uma solução*” (Maia) e incluiu-se na forma de pensar positivamente.

“eu sinto que os angolanos, há sempre uma solução para tudo. É aquela coisa de “não consigo fazer isso”, aparece-me esse obstáculo, qualquer coisa há sempre um jeito, nós temos essa coisa muito incutida, de há sempre uma forma, há sempre um jeito de resolver as coisas. Não há muito tempo para a pessoa ficar... estagnada, ou deprimida por não conseguir ultrapassar, não, há sempre um jeito.” (Edna)

O ser positivo já não se refere à boa disposição (personalidade) mas sim ao estilo de vida e à forma simples e leve com que se enfrentavam a vida, onde havia sempre solução para os problemas.

A segunda categoria mais mencionada foi os traços linguísticos, artísticos e gastronómicos. Todas as famílias referiram este aspeto como sendo o que as fazia sentir do país africano de origem. A gastronomia africana foi a mais referida e falada. Parece haver uma preservação das receitas e do hábito de cozinhar os pratos típicos pelo menos aos fins de semana, tendo a cozinha um papel importante para manter a cultura africana dentro do meio familiar. Em mais de metade das famílias foi referido que a fala do crioulo, de línguas nacionais ou de ter sotaque era um dos aspetos que fazia os participantes sentirem-se africanos. E por fim, em termos artísticos foi mencionada a dança e a música africana como sendo um dos aspetos que fazia os participantes sentirem-se africanos pela forma como dançavam e como sentiam a dança e a música.

A terceira categoria mais referida foi a nacionalidade africana, ou seja, ter nascido efetivamente em país africano ou ter raízes africanas. Foi referida por nove das famílias, porém foi apenas mencionada como a parte objetiva e legal. Não houve, portanto, uma elaboração e aprofundamento como nas categorias já mencionadas acima e tal refletiu-se nas poucas referências que teve (14).

Por fim, é de salientar a pouca importância que o aspeto físico assumiu nas entrevistas. Ao abordar sobre o que fazia os participantes sentirem-se cabo-verdianos/ angolanos/ moçambicanos/ guineenses o cabelo foi apenas referido por duas famílias e a cor da pele negra por uma família. À vista desta ideia, Sasha e Alexa referem: “*deixar [o cabelo] bem espetado na cara para mostrar que não vou alisar ... (Alexa: é a nossa identidade)*”. Assim como Maia afirma “*a minha identidade está bem definida, aceito-me muito mais. Aceito o meu cabelo, que era uma coisa que eu não aceitava tão bem*”. O tema do cabelo na citação anterior, ainda que

tenha sido mencionado como importante para a identidade africana, parece ter sido um progresso, isto é, que foi uma frase dita porque houve um trabalho na autoestima que possibilitou no presente falar com orgulho e assertividade. Pode ter sido um tema pouco referido pela sensibilidade que tem na autoestima, como também pode ter sido por ser tão implícito que não foi recordado.

De um modo geral sobre a identidade cultural dos países africanos foi evidente a maior ênfase nos valores comunitários e na postura alegre e positiva e a menor ênfase nos aspetos físicos.

No que diz respeito ao que faz os participantes sentirem-se portugueses (F11; R75), relembro a citação de Pierre, onde se por um lado o ser africano foi o sentir, o ser português foi o pensar. Este “pensar” vai de acordo com as categorias que mais se salientaram: o modo de pensar e agir controladamente e individualmente (F8; R31) e a língua e educação escolar portuguesa (F8; R15). Outros dois aspetos também mencionados foram a integração social e laboral em Portugal (F6;R17) e a nacionalidade (F4; R4).

O modo de pensar e agir controladamente e individualmente relacionou-se com as ideias da necessidade de se ser controlado e informado nas decisões, tendo uma visão crítica e um pensamento que abrangesse várias realidades e as incluísse nas tomadas de decisões; o controladamente referiu-se também a um controlo do comportamento, no sentido de se ser cívico, cumprir normas sociais e ser-se comedido. Já o pensar e agir individualmente referiu-se a ter independência face à família e à comunidade havendo uma maior preocupação com a individualidade ao invés da comunidade. Como já referido o valor de acolher e ter a “porta aberta” foi mencionado como positivo por 10 das famílias, mas relatado por duas pessoas como um incômodo e consequente necessidade de privacidade. Deste modo esta necessidade de privacidade enquadrrou-se nesta forma de agir individualmente. Estes dois participantes (ambos da geração X e de origem angolana) sentiram a “porta aberta” como um exagerado intrometimento e emaranhamento da comunidade na família nuclear. Desta forma viram a sua privacidade a ser invadida e esse foi um aspeto que gostaram com a migração para Portugal, a privacidade e o respeito individual e à família nuclear.

A língua e educação escolar portuguesa foi referida como sendo um dos aspetos que os fazia sentirem-se portugueses, ou seja, falarem português e terem estudado e aprendido no sistema educacional português. Outro aspeto salientado foi a integração social e laboral em Portugal referente ao sentimento de que Portugal os acolheu tanto no meio social como no do trabalho. O modo de se relacionarem com portugueses e estarem integrados na vida profissional

portuguesa foi referido pelos participantes como sendo também um dos aspetos que os fazia sentirem-se portugueses.

Por fim, a nacionalidade que ainda com menor relevância que as categorias acima, foi abordada por quatro famílias. Nascer em Portugal ou ter familiares portugueses foi um dos aspetos que os fazia sentirem-se portugueses.

Com esta tentativa de separar aquilo que poderia ser influente da cultura portuguesa e da cultura dos países africanos percebeu-se que esta tarefa era por vezes complicada e não tão linear, dado que a identidade foi vista como algo uno e não dividido.

“Se perguntar quem é a Caetana eu sei explicar, agora o facto de eu explicar a Caetana portuguesa e a Caetana caboverdiana para mim é uma mistura então é muito difícil separar as duas porque são uma só.” (Caetana)

Houve, portanto, uma integração e mistura das duas influências culturais. Desta ideia surgiu a categoria fusão Portugal-Países Africanos (F11; R42). Foi referida por 11 famílias a fusão dos traços linguísticos e gastronómicos (R26), ou seja, a forma como integravam a culinária e a fala do crioulo/língua nacional com o português.

“(...) numa frase ela [a mãe] fala crioulo 50% depois fala português, e depois começa a juntar e eu e a minha irmã começamos a rir. E depois o engraçado, é quando ela junta mesmo, junta a mesma palavra as duas coisas, nem é frase.” (Mateus)

O crioulo ou a língua nacional foi falado em alguns contextos e o português noutros, como também pode ocorrer a mistura dos dois na mesma frase como na citação referida acima. Ainda sobre os traços linguísticos foi referida a alteração do sotaque, onde as vogais já não são tão abertas devido à aculturação portuguesa. A gastronomia foi referida pelas famílias como sendo mista, onde a comida portuguesa fazia-se habitualmente aos dias de semana e a comida tradicional dos países africanos fazia-se aos fins de semana.

Outro aspeto referido dentro da fusão Portugal-Países Africanos foi a fusão educacional e social (F4; R7), isto é, ter tido uma educação tanto segundo a cultura portuguesa como segundo a cultura do país africano de origem e ter tido convivência e relações com pessoas de ambas as culturas. Em adição a esta ideia de fusão daquilo que era influente da cultura portuguesa e da africana surgiu nas entrevistas a ideia de que esta integração foi tão espontânea

que tornou difícil a sua descrição. Foram seis as famílias que mencionaram a espontaneidade da integração cultural (R9).

“Isso é uma coisa que eu não penso, eu quando ajo, eu quando falo, quando convivo, quando faço quer que seja, não estou a pensar num lado ou no outro, é a Fiona. É a Fiona crioula nascida em Cabo Verde criada em Portugal, não te consigo fazer uma descrição.” (Fiona)

“Para mim, é um bocado isso, é quase plena, eu sinto-me tão em casa quando estou aqui como me sinto quando estou lá, não sinto uma grande diferença. Quer dizer, há diferenças sem dúvida, elas estão lá, mas eu estou habituada a conviver com elas de tal forma que não me incomoda nada, antes pelo contrário.” (Nicolau)

Portanto, houve uma naturalidade na integração dos aspetos culturais das diferentes culturas, dado que os participantes se viam como uma unidade holística, que ainda que com influências várias elas foram integradas espontaneamente e não pensadas e racionalizadas como distintas.

Adicionalmente surgiu a ideia de que essas várias influências variavam na sua saliência conforme o contexto. Daqui decorreu a categoria variabilidade contextual (F4; R13), sendo muito presente a ideia de que se sentiam de um país africano quando estavam em Portugal e que se sentiam portugueses quando estavam num país africano. Esta atribuição, foi referida por uma família como tendo influência externa, isto é, quando visitavam o país de origem, as pessoas desse país detetavam que eles não eram totalmente originários desse país. Desta forma este sentimento de diferença em comparação com o contexto, foi tanto interior como exterior (ou seja, dizerem que a pessoa é diferente e/ou a pessoa percecionar-se como diferente). Da mesma forma foi também referido que quando estavam em casa se sentiam mais africanos e que quando estavam na rua, na escola, ou no trabalho se sentiam mais portugueses. Ou ainda a ideia de que dependendo com quem falam e os temas que falam evocam mais ou menos determinado lado cultural.

“não existiam dois Pierres, só existia um Pierre, que se posicionava se calhar de uma maneira num contexto e de outra maneira mais no contexto familiar (...) eu adapto-me às situações sociais onde estou inserido, sinto-me mais à vontade para ser de uma maneira quando estou com algum grupo de pessoas, outros com outros, sem nunca excluir e esconder aquilo que sou” (Pierre)

Portanto, a identidade cultural parece ser flutuante dado ser influenciada pelo contexto que está em constante mutação, o que faz com que a identidade, ainda que una, sofra constantes variações relativamente à sua exposição.

Juntamente com o tema da identidade cultural surgiu nas entrevistas os fatores facilitadores da construção da identidade sendo que se salientou a importância do contexto social, nomeadamente dos pares semelhantes (F6; R8), seguido da comunidade e rede de apoio (F3; R5). Foram também mencionados como facilitadores a família (F2; R3), a educação (F2; R3), o conhecer o país de origem (F2; R3), o amadurecimento e o autoconhecimento (F2; R2), a culinária (F2; R2) e a globalização e disseminação cultural (F1; R2). Os pares semelhantes foram o aspeto mais referido, onde não havia somente um entender da dor abstratamente, mas um entender da dor porque viveram também essa realidade. Uma das participantes, Sasha, referiu: *“eu preciso de gente preta. (...) Eu preciso porque há dores que os brancos não entendem.”* Nesta citação foi ilustrada a necessidade de partilha e interação com pessoas que passaram pelo mesmo que o indivíduo.

Foi também evidente a importância dos pares semelhantes, na medida que possibilitaram afirmar determinados aspetos da identidade de origem africana, como foi o caso da fala do crioulo. Nessa perspetiva, Mateus afirma: *“depois comecei a falar crioulo, porque éramos 3 numa turma. Éramos dois descendentes, que era outro colega meu que era filho de cabo-verdianos e este rapaz que tinha vindo de Cabo Verde”*. Nesta citação, Mateus revelou que começou a falar crioulo tardiamente dado que até então não tinha tido contacto com pares semelhantes. O mesmo participante evidenciou o mesmo para a dança: *“O que fez mudar [de não dançar para dançar] foi a minha turma de secundário, o tal amigo. Porque ele dançava na associação (...) um grupo de dança”*. Somente quando teve colegas afrodescendentes como ele, é que começou a desenvolver a fala do crioulo e a dançar.

A referência ao amadurecimento e o autoconhecimento foi de acordo com o processo referido para a aceitação do cabelo como um aspeto de orgulho identitário. Bem como a família e a comunidade e rede de apoio foi de acordo com os valores transmitidos por esses mesmos sistemas (por exemplo a união familiar, o apoio comunitário e da narrativa histórica do povo) que contribuíram para a formação da identidade pessoal. Relativamente à culinária, foi um aspeto facilitador na medida em que servia como um quebra-gelo, como um aspeto cultural importante que sabiam que seria bem aceite pelo outro e como tal assumiu também uma importância para a afirmação da identidade, dado ser um aspeto apazível comum. A globalização e disseminação cultural apesar de ter sido referida apenas por uma família,

assumiu-se como uma ideia importante a ter em conta dado influenciar a melhor ou pior adaptação, e a melhor ou pior afirmação da identidade étnica.

Nas entrevistas foi também explorado se a arte desempenhava um papel na identidade cultural de modo a responder à terceira questão de investigação - qual o papel das expressões artísticas no processo de identidade. Porém não houve aprofundamento sobre as razões dessa importância a não ser o papel da música. Tal levou à ideia de que a arte não teve um papel muito relevante para a identidade pessoal, dado que não surgiu a reflexão sobre de que forma foi importante, mas apenas a deteção que gostavam ou que era um aspeto importante para a cultura dos países africanos. Primeiramente vários foram os tipos de arte enunciados, sendo a música a com maior relevância (F10; R 86), seguido da dança (F9; R21), da moda (F4; R7), literatura (F2; R4), canto (F2; R2), escultura (F1; R2), pintura (F1; R2) e fotografia e artes plásticas (F1; R1). Em concordância com os tipos de arte mais referidos, a música e a dança, esteve os traços artísticos (referente à dança e à música) já referidos nos aspetos que fazem os participantes sentirem-se de um país africano. Houve particularmente um indivíduo que referiu que a arte não contribuiu para construir a sua identidade e outro indivíduo que explicitou que não gostava de dançar. Dentro da categoria da música, percebeu-se que a música teve contributos importantes para a identidade cultural, nomeadamente por ter servido como um vínculo às raízes culturais (F6; R9). As famílias entrevistadas sofreram momentos de migração, sendo que a música foi um ponto de abrigo para se lembrarem do seu país de origem e não se esquecerem de quem são pelas raízes culturais. A música foi também mencionada como importante dado potenciar a união e a aculturação (F5; R13), ou seja, a música africana ao ter sido utilizada em diversos contextos sociais potenciou a disseminação cultural e uniu os povos; e foi também referida a importância das letras da música (F4; R5) para o conhecimento da identidade cultural, dado retratarem os sofrimentos do povo e como superaram as adversidades. De um modo geral, foi a música e a dança que se salientaram como mais importantes para a identidade, porém só a música é que foi elaborada quanto ao papel específico que desempenhava.

Discussão

Primeiramente, relativamente ao conceito de família dos entrevistados, foi de notar que se assemelhou em alguns aspetos ao que Alarcão (2002) denominou de família comunitária, nomeadamente na hierarquia por idade e do subsistema parental ser aberto à comunidade, onde qualquer pessoa mais velha tem o poder de educar. Também se relacionou com o conceito de família extensa que abarca não só os ascendentes e descendentes como também os de

parentesco indireto (Alarcão, 2002). Estes laços comunitários e familiares foram, portanto, vistos com primazia tal como White e Parham (1990) descreveram. Em adição no conceito de família das culturas africanas houve uma divergência relativamente ao que está descrito na literatura quanto às famílias europeias. Esta diferença foi a presença da regra da proximidade genealógica presente na cultura europeia (Jallinoja & Widmer, 2011), que não se incluiu no conceito de famílias dos participantes. O conceito de família comunitária relacionou-se também com o aspeto mais saliente que fazia as famílias sentirem-se de um país africano - o modo de viver e agir coletivamente. Houve uma priorização dos deveres comunitários, onde a solidariedade foi fomentada ao invés do individualismo e da competitividade (Alarcão, 2002).

No que diz respeito à identidade familiar as categorias que surgiram foram agrupadas em conceitos já estudados - rituais e regras e princípios - dado os termos se terem integrado nos resultados exploratórios. Percebeu-se que relativamente ao funcionamento familiar estiveram presentes rituais que fizeram parte da identidade familiar e que se assumiram como os contextos onde a identidade foi formada e transmitida. Desta forma, os rituais foram divididos conforme Wolin e Bennett (1984), em interações padrão, tradições e celebrações familiares. Da mesma forma, percebeu-se que a família detinha regras e princípios que eram implícitos e explícitos e que orientavam o funcionamento familiar e os comportamentos a adotar em cada situação (Sýkorová, 2011). Sobre as especificidades destas regras, foi possível perceber a concordância de alguns resultados com as dimensões do clima familiar de Teodoro et al. (2009), nomeadamente do controlo e rigidez no que diz respeito à dimensão da hierarquia (mais velhos com mais poder decisivo) e nos valores do companheirismo, apoio e união familiar que se relacionaram com as restantes duas dimensões do clima familiar - o apoio e a coesão. A estrutura hierárquica foi também referida por Nichols e Schwartz (2009) como um aspeto do funcionamento familiar em que os pais tinham controlo e autoridade, sendo este um aspeto comum e transversal a várias culturas. Relativamente ao respeito pelo mais velho referido pelas famílias foi de notar a concordância com o estudo de Dixon et al. (2008), que perceberam que as famílias de origem europeia não consideravam o respeito que os filhos tinham pelos pais como um aspeto que aumentava a intensidade dos conflitos (ou seja, o conflito existente mantinha-se relativamente ao grau de gravidade caso houvesse ou não uma falta de respeito), já nas famílias de origem africana percecionavam maior gravidade do conflito quanto menor fosse o respeito que os mais novos tinham pelos mais velhos. Tal resultado foi de acordo com a importância que as famílias afrodescendentes entrevistadas deram a este valor de respeitar os mais velhos.

Outro princípio que regeu o funcionamento familiar foi a autorresponsabilização precoce que tanto pode ser um valor adaptativo por facilitar a gestão das famílias grandes promovendo simultaneamente a autonomia e responsabilização, como também pode ter o seu papel negativo por ser uma criança parentalizada, que tem responsabilidades que à partida não deviam ser desempenhadas por ela, mas sim pelos pais (Nichols & Schwartz, 2009). A criança ao prestar este auxílio à família está a ser privada de desempenhar as atividades recreativas do seu estágio de desenvolvimento.

Relativamente à transmissão intergeracional foi dividida em quatro formas concordantes com o processo de duas etapas da transmissão, onde uma geração entende os valores que estão a tentar ser passados e posteriormente decide se os aceita ou rejeita (Barni et al., 2011; Grusec & Goodnow, 1994). Portanto, assume-se como um processo interativo que pode provocar mudança geracional na família (Falcke & Wagner, 2005), tal como os aspetos que as famílias adaptaram (mais liberdade de expressão e mais educação escolar) e que eliminaram (ausência de papéis de género e o não conhecimento das línguas nacionais). Relativamente ao que foi integrado continuamente na família, ou seja, onde não ocorreu mudança intergeracional, houve aspetos semelhantes ao estudo de Marshall (1995), nomeadamente da passagem do valor de ser trabalhador, honesto e respeitador (inserido na agência coletiva). Neste estudo foi também referida a religião, sendo que a religião assumiu o segundo aspeto com maior importância a ser transmitido no estudo de Marshall (1995) e no presente estudo assumiu a menor importância. Bem como no estudo de Marshall (1995) a identidade étnica não foi um aspeto prioritário, ao contrário do presente estudo que foi o terceiro aspeto mais referido (narrativa histórica e cultural do povo de origem). Esta questão foi explorada e aprofundada num segundo momento do estudo de Marshall (1995) e percebeu-se que ao ser perguntado explicitamente sobre a transmissão da identidade étnica, houve um consenso entre pais e filhos sobre a menor importância dos aspetos físicos (pele e cabelo) tal como se verificou neste estudo. Pode-se refletir sobre este resultado através do estudo de Utsey et al. (2015) em que quem considerava as características físicas dos brancos como mais atrativas tinha menos autoestima. Apesar do cabelo ser um aspeto importante e saliente da identidade africana, é um aspeto que foi muito estigmatizado, nomeadamente pelas mensagens degradativas de que o cabelo crespo é sujo e feio que proliferam ao longo do tempo nos grupos sociais (Kilomba, 2020). Tais ideias rebaixadoras da estética africana tiveram consequências na identidade das pessoas que cresceram com estas ideias construídas socialmente. À vista do contexto, tal resultado (o cabelo ter sido o aspeto menos referido para a identidade de origem africana) não foi surpreendente, dado que pode dever-se ao estigma internalizado ou à

experiência de racismo. Ao ser um aspeto controverso que não é comumente aceite pelas várias culturas foi um aspeto que foi pouco referido como forma de proteção da identidade. Ao contrário estão os aspetos mais referidos que se imaginam partilhados e não contestados, como a gastronomia e a arte (Klein & Azzi, 2001; Marques et al., 1988). Estas duas características tendo conotação positiva são uma segurança para a integridade da identidade grupal e como tal foram as mais mencionadas, ou seja, houve uma seleção intencional destes aspetos (Berry, 2005).

Também concordante àquilo que foi transmitido intergeracionalmente e que foi considerado como um aspeto com influências de PALOPS foi a ideia de serem um povo “*festiveiro e alegre*” (Follmann & Pinheiro, 2011), concordante com a forma de agir positivamente no presente estudo.

Sobre a importância da transmissão intergeracional da narrativa histórica e cultural dada pelos participantes nas entrevistas está a ideia concordante do estudo de Caldwell et al (2002) que percebeu que esse era um aspeto importante no apoio maternal para aumentar a autoestima e competências dos filhos, evidenciando ser uma dimensão de relevância para a identidade.

No que concerne à identidade pessoal, a variabilidade tipológica seguiu o modelo de Berry (1994), nomeadamente na existência da identidade bicultural (identidade bicultural/tricultural), a identidade assimilada (denominada no presente estudo como identidade maior portuguesa) e a identidade de orientação étnica (identidade maior de país africano). No presente estudo não houve nenhum indivíduo com uma identidade marginal, sendo que tal pode justificar-se pela relação que existe entre a formação da identidade e o nível de união e apoio familiar. Matheis e Adams (2004) perceberam que menores níveis de coesão e maiores níveis de conflito encontraram-se associados ao desenvolvimento de uma identidade difusa. Da mesma forma que quanto maior for o suporte maternal mais sentimentos positivos sobre o grupo racial e importância dada à sua cultura de origem (Caldwell et al., 2002). Nas famílias entrevistadas, verificou-se a valorização do apoio e companheirismo familiar, bem como a identificação da família e das redes de apoio como um facilitador na construção da identidade. Esta ideia vai de acordo com a literatura, sendo que tal se refletiu em nenhuma das famílias terem tido uma identidade difusa/marginal. Em adição foi também valorizada a autonomia e a liberdade de poderem ou não integrar aspetos familiares na sua individualidade, sendo estes fatores (apoio familiar e individualidade) importantes para o desenvolvimento da identidade (Alarcão, 2000).

Ainda relativamente aos resultados da variabilidade tipológica, percebeu-se que, ainda que a identidade bicultural tenha sido a mais presente em todas as gerações, as gerações mais

novas (Z e Milénio) tiveram mais participantes a categorizar-se com maior identidade de país africano do que com maior identidade portuguesa comparativamente com as gerações mais velhas (X e *Boomer*). Tal resultado foi na direção oposta ao esperado, com base na literatura, de que as gerações mais velhas por terem vivido a maior parte da vida no país de origem se sentirem mais africanas do que as gerações mais novas, que nasceram já em Portugal ou que migraram em criança para Portugal. No estudo de Giuliani et al. (2018) os imigrantes de segunda geração, em comparação com os de primeira geração, apresentaram níveis mais baixos de identificação com o grupo étnico e níveis mais elevados de identificação com o grupo onde estão migrados, porém no presente estudo sucedeu o inverso. Os autores desse estudo justificaram o resultado como uma estratégia de subida de estatuto, onde as gerações mais novas deixaram o grupo rejeitado e identificaram-se com o grupo onde vivem que é o dominante e valorizado. Por outro lado, os resultados contraditórios do presente estudo podem dever-se à associação de sofrimento ao país de origem pelas gerações mais velhas, dado terem vivido em condições de guerra e de falta de bens. No estudo de Mena et al. (1987) perceberam que a primeira geração que migrou, mas que viveu no país de origem tinha menos autoestima e que a terceira geração (a que já nasceu no país de migração) tinha maior autoestima. Este dado vai ao encontro das marcas identitárias que o contexto histórico pode ter criado nesta geração, nomeadamente da fraca autoestima. Por outro lado, as gerações mais novas, que já não sofreram contextos adversos de guerra, terão melhor autoestima. Esta maior autoestima foi também possibilitada pela disseminação cultural e maior liberdade de expressão com as injustiças sociais, nomeadamente da classificação de grupos como inferiores. Galinsky et al. (2003) mencionaram o termo de reapropriação, onde ocorre um desafio ao estatuto e se ativa a criatividade e competição social. Por outras palavras, há cada vez mais oportunidades de mudança social, onde os membros do grupo se identificam com o grupo minoritário para desafiar o sistema e mudar o significado e rótulo desse grupo.

Outro resultado dentro da variabilidade tipológica foram as diferenças da identidade tipológica consoante o tempo de residência em Portugal. Percebeu-se que os indivíduos que residem em Portugal há mais de 15 anos tiveram maior número de pessoas a classificarem-se com identidade bicultural, já os membros com menos de 15 anos de residência tiveram maior número de pessoas a classificarem-se com identidade de país africano. Tais resultados vão de acordo com o estudo de Stanciu e Vauclair (2018), que afirma que quanto mais tempo os imigrantes estão na cultura que os acolheu, mais se acomodam a essa cultura e mais divergem da cultura de origem. A escolha dos 15 anos foi pela existência de diferenças no sentido de pertença a um lugar, do qual Cantrill (1998), percebeu que quem morava há menos de 15 anos

no local estudado, descrevia o *sense of place* com características ambientais/naturais da área, e que quem morava há mais de 15 anos já relatava relações sociais.

Acerca da vivência desta identidade pessoal é de reavivar a teoria da autocategorização, segundo a qual as pessoas se identificam com grupos e fazem referência ao prototípico nesse grupo (Turner & Reynolds, 1987). Para além da identidade exigir que os membros do grupo pertençam a determinado grupo com características comuns, esta identidade é mais forte quando há um termo de comparação com um grupo distinto (Polzer et al., 2003; Tajfel, 1978; Turner & Reynolds, 1987). Tal ideia vai de acordo com a necessidade (tanto do investigador como dos participantes) da distinção positiva, neste caso entre aquilo que fez os participantes sentirem-se de um país africano daquilo que os fez sentirem-se portugueses. No caso dos grupos minoritários esta necessidade de distinção pode ser ainda maior quando existe a presença de um membro do *outgroup* dominante. Neste caso, em particular, o facto da entrevistadora ter uma identificação como branca e de cultura portuguesa pode ter potenciado o envolvimento do grupo para a garantia de uma identidade positiva (Tajfel et al., 1979). Em adição, Turner e Reynolds (1987) referiu que a autocategorização é feita com base nos aspetos que a própria pessoa considera como importantes para a identidade, ou seja, se houve uma distinção entre aquilo que é português e aquilo que é de país africano foi também porque ambas as categorias foram aspetos importantes para a identidade bicultural da pessoa.

Relacionada com a criação de uma identidade positiva descrita anteriormente, destacou-se o conceito da autoafirmação (Sherman & Cohen, 2006). Os participantes ao serem entrevistados por uma pessoa de cor de pele diferente e a entrevista envolver questões culturais, implicitamente, pode ter sido um momento exigente onde houve necessidade de autoafirmação para preservar a integridade individual e grupal. A autoafirmação que se traduziu nos resultados sobre os aspetos positivos contrastantes das duas culturas foram uma estratégia adaptativa de proteção e empoderamento da identidade (tal como no estudo de Cohen et al. (2006) onde autoafirmação reduziu a autoestima baixa nos grupos raciais). De um modo geral, os aspetos de autoafirmação e a identificação com as características do grupo são estratégias de *coping* face ao *stress* aculturativo. Por outro lado, a preservação da autoimagem pode levar a afirmações estereotipadas (Sherman & Cohen, 2006).

O papel dos estereótipos assumiu alguma relevância neste estudo, dado que os aspetos que emergiram para aquilo que veio do que é considerado da cultura africana (exemplo: modo de agir positivamente e coletivamente) e para aquilo que é considerado proveniente da cultura portuguesa (exemplo: o modo de agir controladamente e individualmente) foram correspondentes a estereótipos culturais. Da mesma forma que na autocategorização se usou

um grupo de comparação foi de salientar que os estereótipos foram atribuídos conforme o alvo de comparação. No presente estudo ocorreu o contraste coletividade-individualidade entre as duas culturas, onde a coletividade por ser maior nos países africanos foi um aspeto associado a essas origens, e a individualidade por ser maior em Portugal que nos países africanos foi associada à cultura portuguesa. Tal não quer dizer que Portugal é individualista e não coletivista, mas que é menos coletivista que os países de África e mais individualista que os mesmos (Gelfand et al., 2004; Hofstede, 1980). Este estereótipo pode divergir se comparado com outro país tal como evidenciado por North e Fiske (2015). A categoria “modo de pensar e agir coletivamente” abarca as ideias concordantes com a definição de Bhugra (2004), nomeadamente da solidariedade grupal, da união coletiva, da priorização dos interesses do grupo ao invés dos individuais, da dependência ao coletivo e da necessidade de obedecer às regras e deveres que possibilitaram a harmonia do grupo. Da mesma forma que o modo de pensar e agir individualmente associado à aculturação portuguesa se relacionou com o conceito do individualismo descrito na literatura, nomeadamente a preocupação com o cuidar de si e da família mais próxima (e não alargada), ter independência e privacidade e tomar decisões racionais com base nos próprios interesses (Bhugra, 2004).

Relativamente aos aspetos específicos estereotipados que surgiram nos dados, houve alguns pontos de encontro com a literatura, nomeadamente dos afroamericanos serem classificados como unidos, extrovertidos, trabalhadores, religiosos, divertidos, musicais, barulhentos e irresponsáveis (Judd et al., 1995). Tal ideia foi de encontro aos resultados sobre o que os fazia sentirem-se africanos - a boa disposição, a expressividade e a união coletiva (agir e pensar positivamente e coletivamente) - em contraste com a forma de pensar controladamente dos portugueses (de acordo com o estereótipo que afroamericanos em contraste são mais irresponsáveis). A religião e a música foram também referidas no estudo como aspetos importantes na identidade, o que se verificou também neste estudo. Da mesma forma, no estudo de Judd et al. (1995) os americanos brancos foram classificados como sendo mais independentes, mais ambiciosos, autocentrados e controlados, ou seja, que vai de acordo com “modo de pensar e agir individualmente” associada às influências portuguesas bem como a forma mais controlada e informada com que tomam as decisões.

No que diz respeito à utilização da língua portuguesa como aspeto que faz os participantes sentirem-se portugueses e à não transmissão das línguas nacionais nas famílias angolanas, tal foi um aspeto que pareceu vir de uma pressão externa, nomeadamente da escola. Como forma dos filhos se adaptarem à escola, os pais tomaram a decisão de incentivar a fala do português, dado que os professores associaram a fala dos dialetos a um menor desempenho

académico (Godley et al., 2006) e ao pouco domínio de ambas as línguas (Mabule, 2015). Porém foi notório que na fala do crioulo (que no presente estudo foi aprendida por todas as famílias) houve uma capacidade de fusão da língua e uma capacidade em alternar ambas as línguas, sendo classificado por Weinreich (2011) como um sinal de competência bilíngue. Portanto, segundo este autor é visto como uma capacidade adaptativa, que permite avaliar a necessidade de adaptação da fala aos contextos. De um modo geral, foi possível perceber o quanto a pressão externa e a conotação de grupos externos, sobre aspetos culturais, teve implicações para a intensidade da identidade cultural dos participantes, sendo um aspeto que influencia a transmissão da identidade.

Outro aspeto referido foi a integração social e laboral como sendo uma característica que fazia os entrevistados sentirem-se portugueses. Tal ideia vai em concordância com Berry (1970) de que a procura de relações intergrupais leva à integração ou assimilação na cultura dominante, mostrando ser um aspeto importante para a aculturação, da mesma forma que a vida profissional é um aspeto central da adaptação ao novo contexto social (Aycan & Berry, 1996).

No que diz respeito à forma de vivência da biculturalidade/ triculturalidade foi ainda salientada a fusão dos aspetos culturais distintos, isto é, a forma como integram a diferença cultural. Tal ideia remete para o conceito de *code switching* (Myers-Scotton, 1995; Slabbert & Finlayson, 1999). O *code switching* linguístico, ou seja, falar tanto crioulo como português, seja na mesma frase ou dependendo dos contextos, foi um aspeto verificado nos resultados sobre a forma como vivem as duas influências culturais. Esta mudança linguística no presente estudo parece servir tanto para aceitação social, para que o outro entenda a mensagem que se quer transmitir (mudar língua conforme a língua de domínio da pessoa com que se fala), como para preservar alguns segredos, ou seja falar crioulo com um familiar para que o português que esteja por perto não perceba (concordante com algumas das razões do *code switching* destacadas por Myers-Scotton (1995) e Finlayson e Slabbert [1997]).

De evidenciar que o *code switching* não se restringe à troca de língua, mas a outros aspetos como a forma como se fala, o tom, o ritmo e o volume (Goffman, 1981), sendo que esse foi um aspeto que nos resultados foi também salientado - a forma como mudavam de personalidade dependendo com quem falam. Um dos participantes do estudo referiu que ao falar com uma pessoa de origem cabo-verdiana a sua expressividade aumentava e que ao falar com um português a monotonia e seriedade era o comportamento adotado, sendo que tal exemplo é ilustrativo do *code switching*.

Outro aspeto saliente dos resultados foi a espontaneidade com que os participantes referiam a integração das várias influências culturais, sendo que essa ideia foi de acordo com Bhugra (2004) relativamente à identidade ser a totalidade de si. Nesta ideia acrescentou ainda que a identidade étnica e cultural estão integradas e que a aculturação, provocando mudança na identidade, a identidade continua a ser uma ao invés de repartida. Ou seja, a identidade é holística, ainda que com aspetos distintos integrados nela. Tal quer dizer que os vários aspetos da identidade não estão todos a ser transmitidos em todos os momentos, mas sim que há uma hierarquia dos traços que se salientam conforme o contexto (Finlayson & Slabbert, 1997). Esta ideia vai de acordo com o dado que surgiu da variabilidade contextual, onde dependendo da situação a que se era exposto haviam determinados aspetos da identidade que tinham maior saliência e eram mais visíveis do que outros. Quando os entrevistados afirmaram que se sentiam estrangeiros em Portugal, mas também se sentiam estrangeiros no seu país de origem, foi porque no contexto de Portugal os aspetos que os distinguiam (características africanas) eram os que a pessoa sentia como salientes. Da mesma forma que quando diziam que se sentiam africanos em casa e portugueses na rua, era porque conscientemente ou inconscientemente as características que os faziam sentir africanos não foram salientadas; já no contexto de casa onde houve familiares também eles da mesma origem e onde essas características estavam a ser expressas já houve uma subida na hierarquia onde essas características assumiram maior saliência (ideia concordante com uma das dimensões da identidade a que Collier (1989) denomina de saliência). Ao pensar neste último exemplo sobressaiu outro fator importante para a saliência da identidade, que foi em que medida há mais pessoas nesse contexto que partilham da mesma cultura identitária que a pessoa - a dimensão extensão (Collier, 1989). Este aspeto reforçou o que os participantes atribuíram como um facilitador da identidade - os pares semelhantes. Em adição esse facilitador foi também visto como uma das estratégias de *stress* aculturativo - a união ao grupo minoritário como um apoio psicológico sobre as questões de rejeição e de *stress* sofridos (Branscombe et al., 1999; Outten et al., 2009). Da mesma forma, a comunidade e a rede de apoio foi um facilitador na construção da identidade na medida que foi também um recurso de apoio face ao *stress* aculturativo. Por fim, outro facilitador foi a disseminação cultural, na medida em que uma boa adaptação sociocultural depende também da forma como a cultura acolhedora tem atitudes positivas e conhecimentos culturais que facilitam a adaptação psicológica (Schmitz, 1992).

Por último, relativamente à importância da arte é de destacar a música e a dança. Sendo que a música teve teorizações sobre a forma como era importante para a identidade, nomeadamente por ser um vínculo às raízes culturais (Raposo et al., 2021), por capacitar a

união e a aculturação (Campos & Simões, 2014), pelas letras das músicas potenciarem o conhecimento da história do povo (Varela et al., 2018) e auxiliarem na definição de opiniões (Pardue, 2015; Raposo et al., 2021).

Conclusão

Concluindo, os resultados do estudo revelaram as percepções identitárias (predominantemente culturais) das famílias afrodescendentes, nomeadamente a forma como percecionaram a sua identidade familiar (isto é, o conceito de família como sendo uma família alargada, os seus rituais e as suas regras), a forma como transmitiram esse modo de funcionamento familiar de geração em geração (através dos contextos onde ocorrem os rituais, ou seja, das interações padrão, tradições e celebrações familiares), a forma como percecionaram a identidade pessoal e o contributo da arte para a formação da identidade.

Nas regras e princípios que caracterizaram a identidade familiar destacaram-se o controlo e rigidez, a auto responsabilização precoce, os papéis de género, os valores humanistas e o companheirismo e união familiar.

A percepção da identidade pessoal teve influência daquilo que foi transmitido e integrado das gerações anteriores e foi facilitada pelos pares semelhantes, comunidade e rede de apoio, família, educação, conhecimento sobre os países de origem, autoconhecimento, culinária (aspeto cultural imaginado como partilhado e não contestado) e globalização. Já relativamente à arte parece não haver informação aprofundada que indique qual o papel da mesma na identidade, com exceção da música. A música foi importante para a identidade na medida que foi um vínculo às raízes culturais, possibilitou a união e aculturação e contribuiu para o conhecimento histórico cultural e para a formação de opiniões.

Ainda sobre a identidade pessoal percebeu-se que a forma como sentiram as influências étnicas e culturais e se categorizaram foi variante, podendo haver uma identidade bicultural/tricultural, uma identidade maior de país africano ou uma maior identidade portuguesa. No estudo observou-se maior número de pessoas com a primeira categoria de identidade e menor número com a última tipologia, sendo que o tempo de residência em Portugal influenciou a forma como se sentiam mais biculturalmente e portugueses.

Foi também salientado as especificidades que faziam os participantes sentirem-se portugueses e de país africano. Aquilo que foi associado a aspetos provindos das influências culturais africanas foi o modo de pensar e agir positivamente e coletivamente, a língua nacional/crioulo, a música, dança e comida tipicamente africanas, a nacionalidade e por fim o aspeto físico. Já o que foi associado a influências culturais portuguesas foi o modo de pensar e

agir controladamente e individualmente, a integração social e laboral no contexto português, a língua e a educação escolar portuguesa e por fim a nacionalidade. Na tentativa de separar as influências culturais decorreram as ideias de que existe fusão cultural, nomeadamente na língua, gastronomia, educação e no contexto social, e que a integração dos vários aspetos culturais distintos ocorre de forma espontânea e não racional. Por fim, descobriu-se que a identidade pessoal varia com o contexto, onde consoante a situação determinados aspetos têm maior ou menor saliência que noutro contexto.

O estudo teve algumas limitações. Por se constituir como um estudo qualitativo e exploratório, a amostra foi necessariamente pequena para um aprofundamento mais fino, no entanto não passível de generalização. Nesse sentido, seria importante alargar a investigação a um maior número de famílias. Para aprofundar o parco conhecimento existente sobre a temática foi utilizado um método subjetivo e como tal sujeito aos vieses de análise da investigadora bem como ao impacto dos estereótipos (tanto do investigador como dos participantes). Também o impacto da investigadora ser da cultura colonizadora dos países em estudo pode ter tido influência nos dados. Outra limitação foi a abstratividade do conceito de identidade que abarca diversas áreas e como tal ser difícil abordá-las na totalidade, sendo que este estudo se focou na vertente mais cultural. A limitação decorrente desta última foi a falta de uma definição de identidade apresentada no início das entrevistas que guia-se uniformemente a entrevista conceptualmente. Outro aspeto limitativo do estudo foi que as transcrições das entrevistas não foram enviadas para os participantes de modo que os mesmos comentassem ou corrigissem ideias presentes nas mesmas (sendo este um critério de qualidade para os estudos qualitativos – COREQ – que esteve ausente Tong et al. [2007]).

Para estudos futuros, seria interessante perceber as diferenças rurais e urbanas na construção da identidade, dado ter havido indícios neste estudo que as diferenças sentidas pela migração (e que levaram a maior ou menor *stress* aculturativo) sejam diferentes conforme se vivesse em meio rural ou urbano e a mudança migratória ter ocorrido para um meio rural ou urbano. Seria também interessante perceber as diferenças identitárias culturais comparando vários países de África. No presente estudo foram incluídos os países de Cabo Verde, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, mas o objetivo do estudo não se centrou em identificar diferenças entre os grupos, pelo que seria interessante fazê-lo num estudo futuro. Pelas evidências de que as gerações variaram na forma como sentiram a identidade, parece ser necessário aprofundar estas diferenças geracionais, nomeadamente o impacto da progressão temporal histórica (impactos da guerra e da globalização).

Por fim, a presente investigação contribuiu para o estudo da identidade das famílias afrodescendentes, nomeadamente sobre a forma como os participantes sentiram e viveram as várias influências étnicas e culturais, e sobre os aspetos que tiveram influência na construção da identidade. A contribuição para o aprofundamento desta temática é um passo necessário ao empoderamento desta população e ao seu sentido de identificação. Pode também refletir-se nas sociedades, uma vez que o conhecimento e a compreensão sobre a forma como este grupo se sente, pode facilitar a criação de uma identidade segura.

Desta forma, o presente estudo pode ter implicações práticas, nomeadamente consequências positivas para a sensibilização sobre a complexidade da identidade afrodescendente, para a prevenção das consequências dos problemas de identidade (como o bem-estar referido na revisão de literatura) e consequentemente no desenvolvimento de projetos de apoio à migração, com base nas dimensões facilitadoras da criação da identidade. O presente estudo apresenta também implicações na investigação na área da família, dado haver pouca informação sobre a identidade das famílias afrodescendentes. Nesta medida, este estudo teve um papel importante para futuras investigações, uma vez que foram identificadas dimensões que futuramente podem ser estudadas em amostras de grande dimensão de modo a avaliar se os dados podem ser generalizados. Por fim, relativamente às implicações preventivas, o estudo ao providenciar testemunhos sobre a forma como vivem a biculturalidade e a forma como empoderaram a influência dos PALOPS, pode prevenir possíveis problemas identitários desta população. Estes contributos mostram a dimensão da relevância dos critérios RATS - Clark et al. (2003).

Referências:

- Abel, S. (2018). Of African descent? Blackness and the concept of origins in cultural perspective. *Genealogy*, 2(1), 11. <https://doi.org/10.3390/genealogy2010011>
- Alarcão, M. (2000). *(Des)equilíbrios familiares* (1ª ed.). Quarteto.
- Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios familiares: uma visão sistemática* (2ª ed.). Quarteto.
- Alto Comissariado para as Migrações (2021). *Grupo de Trabalho Censos 2021 – Questões “Étnico-Raciais”*. <https://www.acm.gov.pt/-/grupo-de-trabalho-censos-2021-questoes-etnico-raciaais->
- Alvarez-Cáccamo, C. (1999). Towards a réconcéptualisation of communicativé codés. *Code-switching in Conversation: Language, Interaction and Identity*, 29.

- Awad, G. H., Hashem, H., & Nguyen, H. (2021). Identity and ethnic/racial self-labeling among Americans of Arab or Middle Eastern and North African descent. *Identity*, 21(2), 115-130.
- Awad, G. H., Kia-Keating, M., & Amer, M. M. (2019). A model of cumulative racial–ethnic trauma among Americans of Middle Eastern and North African (MENA) descent. *American Psychologist*, 74(1), 76.
- Aycan, Z. & Berry, J.W. (1996). Impact of employment-related experiences on immigrants' psychological well-being and adaptation to Canada. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 28, 240-251.
- Barni, D., Ranieri, S., Scabini, E., & Rosnati, R. (2011). Value transmission in the family: Do adolescents accept the values their parents want to transmit? *Journal of Moral Education*, 40, 105-121. <https://doi.org/10.1080/03057240.2011.553797>
- Backes, J. L. (2006). Articulando raça e classe: efeitos para a construção da identidade afrodescendente. *Educação & Sociedade*, 27, 429-443.
- Belanciano, V. (2020). *Não dá para ficar parado: música afro-portuguesa, celebração, conflito e esperança*. Afrontamento.
- Berry, J. W. (1970). Marginality, stress and ethnic identification in an acculturated Aboriginal community. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 1, 239-252.
- Berry, J. W. (1994). Acculturation and psychological adaptation. In A. Bouvy, F. van de Vijver, P. Boski & P. Schmitz (Eds), *Journeys into cross-cultural psychology* (pp. 222-249). Tilburg University.
- Berry, J. W. (2005). Acculturation: Living successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, 29(6), 697-712. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2005.07.013>
- Bhugra, D. (2004). Migration, distress and cultural identity. *British Medical Bulletin*, 69(1), 129-141. The British Council. <https://doi.org/10.1093/bmb/ldh007>
- Branscombe, N. R., Schmitt, M. T., & Harvey, R. D. (1999). Perceiving pervasive discrimination among African Americans: Implications for group identification and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(1), 135-149. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.77.1.135>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.

- Caldwell, C. H., Zimmerman, M. A., Bernat, D. H., Sellers, R. M., & Notaro, P. C. (2002). Racial identity, maternal support, and psychological distress among African American adolescents. *Child development*, 73(4), 1322-1336. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00474>
- Campos, R., & Simões, J. A. (2011). Participação e inclusão digital nas margens: uma abordagem exploratória das práticas culturais de jovens afro-descendentes. O caso do rap negro. *Media & Jornalismo*, 19, 117-133.
- Cantrill, J. (1998). The environmental self and sense of place: communication foundation for regional ecosystem management. *Journal of Applied Communication*, 26, 30-318.
- Clark, J. P., Godlee, F., & Jefferson, T. (2003). How to peer review a qualitative manuscript. *Peer Review in Health Sciences*, 2, 219-235.
- Cohen, G. L., Garcia, J., Apfel, N., & Master, A. (2006). Reducing the racial achievement gap: A social-psychological intervention. *Science*, 313(5791), 1307-1310.
- Collier, M. J. (1989). Cultural and intercultural communication competence: Current approaches and directions for future research. *International Journal of International Relations*, 13, 287-302.
- Collier, M. J., & Thomas, M. (1988). Identity in intercultural communication: An interpretive perspective. In Y. Kim & W. Gudykunst (Eds.), *Theories of intercultural communication* (pp. 99-120). International and intercultural communication annual, XII. Sage.
- Cook, T., & Campbell, D. T. (1979). *Quasi-experimentation: Design and analysis issues for field settings*. Rand McNally College Publishing Company.
- Coolican, H. (2018). Measuring people-variables, samples and the qualitative critique. In H. Coolican (Ed.), *Research Methods and Statistics in Psychology* (6^a ed., pp. 33-66). Routledge.
- Crawford, M. R., Grant, N. S., & Crews, D. A. (2014). Relationships and rap: Using ecomaps to explore the stories of youth who rap. *The British Journal of Social Work*, 46(1), 239-256.
- Cupach, W. R., & Imahori, T. T. (1993). Identity management theory: Communication competence in intercultural episodes and relationships. In R. L. Wiseman & J. Koester (Eds.), *Intercultural communication competence* (pp. 112-131). Sage.
- Dávila, R. R. (2018). Afro-descendants as subjects of rights in international human rights law. *Sur: Revista Internacional de Direitos Humanos*, 15(28).

- Dimock, M. (2019). Defining generations: Where Millennials end and Generation Z begins. *Pew Research Center*, 17(1), 1-7.
- Dixon, S. V., Graber, J. A., & Brooks-Gunn, J. (2008). The roles of respect for parental authority and parenting practices in parent-child conflict among African American, Latino, and European American families. *Journal of Family Psychology*, 22(1), 1.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Ed.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). EDIPUCRS.
- Falicov, C. J., & Brudner-White, L. (1983). The shifting family triangle: The issue of cultural and contextual relativity. In C.J. Falicov (Ed.), *Cultural perspectives in family therapy* (pp. 52-67). Aspen Systems.
- Fanon, F. (1963). *The wretched of the earth*. Grove press.
- Figueiredo, N. O. S. (2015). Cultura e identidade, pressupostos para a constituição do sujeito pós-moderno: Enfoque sobre os afrodescendentes. *Revista Memento*, 6(1).
- Fine, M., & Norris, J. E. (1989). Intergenerational Relations and Family Therapy Research: What We Can Learn from Other Disciplines. *Family Process*, 28(3), 301-315.
- Finlayson, R., Calteaux, K., & Myers-Scotton, C. (1998). Orderly mixing and accommodation in South African codeswitching. *Journal of Sociolinguistics*, 2(3), 395-420.
- Finlayson, R., & Slabbert, S. (1997). I'll meet you halfway with language': Code-switching within a South African urban context. *Language Choices*, 381-422.
- Follmann, J. I., & Pinheiro, A. A. (2011). Afrodescendentes em São Leopoldo: memória coletiva e processos de identidade. *Ciências Sociais Unisinos*, 47(2), 141-152.
- Fredrickson, G. M. (2015). *Racism: A Short History*. Princeton University Press.
- Galinsky, A. D., Hugenberg, K., Groom, C., & Bodenhausen, G. V. (2003). The reappropriation of stigmatizing labels: Implications for social identity. In M. A. Neale, E. Mannix, J. T. Polzer (Eds), *Identity issues in groups* (pp. 221-256). Emerald Group Publishing Limited.
- Gelfand, M. J, Bhawuk, D. P., Nishii, L. H., & Bechtold, D. J. (2004). Individualism and Collectivism. In R. J. House, P.J. Hanges, M. Javidan, P.W. Dorfman & V. Gupta (Eds.), *Culture, leadership, and organizations: the GLOBE study of 62 societies* (pp. 437-502). Sage Publications.
- Giuliani, C., Tagliabue, S., & Regalia, C. (2018). Psychological well-being, multiple identities, and discrimination among first and second generation immigrant Muslims. *Europe's Journal of Psychology*, 14(1), 66–87. <https://doi.org/10.5964/ejop.v14i1.1434>

- Godley, A. J., Sweetland, J., Wheeler, R. S., Minnici, A., & Carpenter, B. D. (2006). Preparing teachers for dialectally diverse classrooms. *Educational Researcher*, 35(8), 30-37.
- Goffman, E. (1981). *Forms of talk*. University of Pennsylvania Press.
- Grusec, J. E., & Goodnow, J. J. (1994) Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: a reconceptualization of current points of view. *Developmental Psychology*, 30(1), 4-19.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K., Denzin & Y.S., Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Sage.
- Hall, S. (2006). A identidade cultural na pós-modernidade (11ª ed.). *DP&A*, 15-61.
- Hall, S. (2015). Cultural Identity and Diaspora. In P., Williams & L. Chrisman (Eds.), *Colonial discourse and post-colonial theory* (pp. 392-403). Routledge.
- Hardy, K. V., & Laszloffy, T. A. (1995). The cultural genogram: Key to training culturally competent family therapists. *Journal of Marital and Family Therapy*, 21(3), 227-237.
- Hofstede G. (1980). Individualism and Collectivism. In G. Hofstede (Ed.), *Culture's consequences: comparing values, behaviours, intuitions, na organizations across nations* (2ªed., pp. 209-273). Sage Publication.
- Hofstede G. (1984). *Culture's consequences: international differences in work-related values*. Abridged Edition.
- Imahori, T. T., & Cupach, W. R. (2005). Identity management theory. In W. B., Gudykunst (Ed.), *Theorizing about intercultural communication* (195-210). Sage Publication.
- Jallinoja, R., & Widmer, E. D. (2011). Afterthoughts. In R. Jallinoja & E. D. Widmer, *Families and Kinship in Contemporary Europe* (pp. 234-249). Palgrave Macmillan.
- Jallinoja, R. & Widmer, E. D. (2011). *Families and kinship in contemporary Europe: Rules and practices of relatedness*. Palgrave Macmillan.
- Judd, C. M., Park, B., Ryan, C. S., Brauer, M., & Kraus, S. (1995). Stereotypes and ethnocentrism: Diverging interethnic perceptions of African American and White American youth. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(3), 460.
- Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó.
- Klein, O., & Azzi, A. E. (2001). The strategic confirmation of metastereotypes: How group members attempt to tailor an out-group's representation of themselves. *British Journal of Social Psychology*, 40, 279-293. <https://doi.org/10.1348/014466601164759>
- Klein, H. K., & Myers, M. D. (1999). A set of principles for conducting and evaluating interpretive field studies in information systems. *MIS Quarterly*, 67-93.

- Lacity, M. C., & Janson, M. A. (1994). Understanding qualitative data: A framework of text analysis methods. *Journal of Management Information Systems*, 11(2), 137-155.
- Lee, A. S. (1991). Integrating positivist and interpretive approaches to organizational research. *Organization Science*, 2(4), 342-365.
- Lima, C. B., & Aquino, M. D. A. (2009). A construção de identidades afrodescendentes na cibercultura: o olhar da ciência da informação. *Informação & Sociedade*, 19(1), 37-43.
- Lombardi-Diop, C. (2020). Filial Descent: The African Roots of Postcolonial Literature in Italy. *Forum for Modern Language Studies*, 56(1), 66-77. Oxford University Press.
- Mabule, D. R. (2015). What is this? Is it code switching, code mixing or language alternating? *Journal of Educational and Social Research*, 5(1), 339-350. <https://doi.org/10.5901/jesr.2015.v5n1p339>
- Marques, J. M., Yzerbyt, V. Y., & Rijsman, J. B. (1988). Context effects on intergroup discrimination: In-group bias as a function of experimenter's provenance. *British Journal of Social Psychology*, 27, 301-318. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1988.tb00834.x>
- Marshall, S. (1995). Ethnic socialization of African American children: Implications for parenting, identity, development, and academic achievement. *Journal of Youth and Adolescence*, 24, 377-396.
- Marshall, C., & Rossman, G. B. (2016). *Designing qualitative research*. Sage publications.
- Matheis, S., & Adams, G. R. (2004). Family climate and identity style during late adolescence. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 4, 77-95. https://doi.org/10.1207/S1532706XID0401_5
- McGoldrick, M., Giordano, J., & Garcia-Preto, N. (2005). Overview: Ethnicity & family therapy. In M. McGoldrick, J. Giordano & N. Garcia-Preto (Eds.), *Ethnicity & family therapy* (3^a ed., pp. 1-40). The Guildford Press.
- Mena, F. J., Padilla, A. M., & Maldonado, M. (1987). Acculturative stress and specific coping strategies among immigrant and later generation college students. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 9(2), 207-225.
- Minuchin, S. (1974). *Families & family therapy*. Routledge
- Miranda M., Gouveia-Pereira, M., & Vaes J. (2014) When in Rome... Identification and acculturation strategies among minority members moderate the dehumanisation of the majority outgroup. *European Journal of Social Psychology*, 44, 327-336
- Mourão, A. L. (2012). "The Cape Verdean Race": Identity-building in a suburban council estate. *Cadernos de Estudos Africanos*, 24, 45-72.

- Myers-Scotton, C. (1995). *Social motivations for codeswitching: Evidence from Africa*. Oxford University Press.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2009). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos*. Artmed Editora.
- North, M. S., & Fiske, S. T. (2015). Modern attitudes toward older adults in the aging world: a cross-cultural meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 141(5), 993-1021.
- Orlikowski, W. J., & Baroudi, J. J. (1991). Studying information technology in organizations: Research approaches and assumptions. *Information Systems Research*, 2(1), 1-28.
- Outten, H. R., Schmitt, M. T., Garcia, D. M., & Branscombe, N. R. (2009). Coping options: Missing links between minority group identification and psychological well-being. *Applied Psychology: An International Review*, 58(1), 146-170. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2008.00386.x>
- Pardue, D. (2015). Kriolu Interruptions Local Lisbon Rappers Provoke a Rethinking of “Luso” and “Creole”. *Luso-Brazilian Review*, 52(2), 153-173.
- Pillay, K. (2015). South African families of Indian descent: Transmission of racial identity. *Journal of Comparative Family Studies*, 46(1), 121-135.
- Polzer, J. T., Swann, W. B., & Milton, L. P. (2003). The benefits of verifying diverse identities for group performance. In J. Polzer (Ed.), *Identity issues in groups* (pp. 91-111). Emerald Group Publishing Limited.
- Raposo, O., Varela, P., Simões, J. A., & Campos, R. (2021). “Nos e fidju la di gueto, nos e fidju di imigranti, fidju di Kabu Verdi”: estética, antirracismo e engajamentos no rap crioulo em Portugal. *Sociedade e Estado*, 36, 269-291.
- Rosenberg, M. (1962). The dissonant religious context and emotional disturbance. *American Journal of Sociology*, 68(1), 1-10. <https://doi.org/10.1086/223261>
- Rotheram, M. J., & Phinney, J. S. (1987). Introduction: Definitions and perspectives in the study of children’s ethnic socialization. In J. S. Phinney & M. J. Rotheram (Eds.), *Children’s ethnic socialization* (pp. 10-28). Sage.
- Schmitz, P. (1992). Acculturation styles and health. In S. Iwawaki, Y. Kashima, & K. Leung (Eds.), *Innovations in cross-cultural psychology* (pp. 360-370). Swets and Zeitlinger.
- Sha, B. L. (2006). Cultural identity in the segmentation of publics: An emerging theory of intercultural public relations. *Journal of Public Relations Research*, 18(1), 45-65.
- Sherman, D. K., & Cohen, G. L. (2006). The psychology of self-defense: Self-affirmation theory. *Advances in Experimental Social Psychology*, 38, 183-242.

- Slabbert, S., & Finlayson, R. (1999). A socio-historical overview of codeswitching studies in the African languages. *South African Journal of African Languages*, 19(1), 60-72.
- Sluzki, C. (1996). *La red social: Frontera de la practica sistémica*. Editorial Gedisa.
- Stanciu, A., & Vauclair, C.-M. (2018). Stereotype accommodation: A socio-cognitive perspective on migrants' cultural adaptation. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 49, 1027–1047. <https://doi.org/10.1177%2F0022022118777300>
- Sýkorová, D. (2011). Making families at an old age. In R. Jallinoja & E. D. Widmer, *Families and Kinship in Contemporary Europe* (pp. 163-177). Palgrave Macmillan.
- Tajfel, H. E. (1978). *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations*. Academic Press.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (2004). The social identity theory of intergroup behavior. In J. T. Jost, J. Sidanius, *Political psychology* (pp. 276-293). Psychology Press.
- Tajfel, H., Turner, J. C., Austin, W. G., & Worchel, S. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. *Organizational Identity: A Reader*, 56(65). <https://doi.org/9780203505984-16>.
- Tella, M. A. P. (2006). *Estigmas e paradoxos: um estudo comparativo das relações raciais em São Paulo e Lisboa* [Tese de Doutorado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Teodoro, M. L. M., Allgayer, M., & Land, B. (2009). Desenvolvimento e validade fatorial do inventário do clima familiar (ICF) para adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11, 27-39.
- Turner, J. C., & Reynolds, K. J. (1987). A self-categorization theory. In J. C. Turner, M. A. Hogg, P. J. Oakes, S. D. Reicher, & M. S. Wetherell (Eds.), *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Basil Blackwell.
- Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19(6), 349-357.
- Utsey, S. O., Abrams, J. A., Opare-Henaku, A., Bolden, M. A., & Williams III, O. (2015). Assessing the psychological consequences of internalized colonialism on the psychological well-being of young adults in Ghana. *Journal of Black Psychology*, 41(3), 195-220.
- Vala, J., Brito, R., & Lopes, D. (2015). Distintividade racial e distintividade cultural: «eles não são uma raça inferior, mas a nossa cultura é superior». In J. Vala, R. Brito & D. Lopes

- (Eds.), *Expressões dos racismos em Portugal* (2.^a ed., pp. 123-146). Imprensa de Ciências Sociais.
- Varela, P., Raposo, O., & Ferro, L. (2018). Redes de sociabilidade, identidades e trocas geracionais: da “Cova da Música” ao circuito musical africano da Amadora. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 86, 109-132.
- Von Bertalanffy, L. (1972). The history and status of general systems theory. *Academy of Management Journal*, 15(4), 407-426.
- Weinreich, U. (2011). *Languages in contact: French, German and Romansh in twentieth-century Switzerland*. John Benjamins Publishing.
- White, J. L., & Parham, T. A. (1990). *The psychology of Blacks: An African American perspective* (2^a ed.). Prentice Hall.
- Wolin, S. J., & Bennett, L. A. (1984). Family rituals. *Family Process*, 23(3), 401-420.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T. T., Silva, S., Hall & K. Woodward, *Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais* (15^aed., pp. 7-72). Editora Vozes.

Apêndices

Apêndice A - Guião da Entrevista Semi-estruturada

Tarefa prévia: Pedir antecipadamente para pensarem se há alguma música ou qualquer outra expressão artística (dança, literatura, graffiti) que lhes seja significativa e pedir para trazerem (ex: fotográfica, ficheiro de som).

Blocos temáticos	Temas específicos	Objetivos	Questões-tipo
Introdução	Consentimento informado (explicitar o tema que irá ser abordado, como se vai proceder a entrevista, quais os objetivos, autorizações de gravação, e confidencialidade) Preenchimento do questionário sociodemográfico (Dados demográficos e contextuais dos membros da família - anexo 3) Explicação de como se vai criando o ecomapa ao longo da entrevista	Informar e organizar os entrevistados sobre o estudo. Recolher dados base. Facilitar o início da conversa.	
Tarefa Prévia	Relembrar sobre o pedido da música ou outra expressão artística que lhes signifique algo (a cada membro), e perguntar o porquê daquela escolha.	Proporcionar à família uma atividade quebragelo que inicie o tema de conversa.	Há algum tipo de arte importante para a identidade? Que papel a arte desempenha na criação da identidade?
História Familiar	Origens africanas (que país e cidade vêm) Vivências e/ou contacto com as origens africanas	Perceber o contexto e história familiar.	Quem da família nasceu no país africano e qual é esse país? Costumam visitar o país de origem?

Migração	Razão e tempo da migração (que idade tinha cada membro da família) Adaptação a Portugal (com quem vieram, quem deixaram, como foram os primeiros tempos, habitação e trabalho, como se sentem agora, ganhos e perdas) Contexto social (exploração dos aspetos mencionados no questionário sociodemográfico sobre os aspetos contextuais)	Compreender vivências e significados face à migração	Há quanto tempo ocorreu a migração? Qual foi a razão? Como foi a adaptação a Portugal? O que sentiram que perderam e o que ganharam com a migração?
Processos e Mecanismos Familiares	Organização familiar (separações, relações familiares, limites, polarizações sobre a migração, padrões de comunicação, hierarquias) Rituais familiares, ciclos de vida (transições, significados atribuídos, dilemas desenvolvimentais) Transmissão intergeracional	Explorar processos e mecanismos familiares face às mudanças sofridas ao nível contextual e cultural	Como se organizam em casa? Quais as tarefas atribuídas a cada um? Quais os rituais e tradições que têm enquanto família? Que aspetos consideraram importantes para transmitir à próxima geração
Identidade familiar e cultural	Perceção da primeira (pais) e da segunda geração (filhos) sobre a vivência da biculturalidade. (Exemplo: O que o faz sentir de x país africano e o que o faz sentir português) Pontos de encontro (semelhanças) e de tensão (contrastes) Facilitadores na criação da sua identidade	Perceber significações e percepções da identidade familiar e cultural	Como vivem a biculturalidade? Quais são as semelhanças e diferenças que percecionaram sobre as duas culturas? O que facilitou a criação da identidade? O que o faz sentir africano e o que o faz sentir português?
Finalização	Mostrar que a conversa chega ao fim Dar oportunidade para fazerem comentários ou algo que gostassem de falar e que não foi perguntado Agradecimentos e abertura para futuros contactos (resultado do estudo)		

Apêndice B - Questionário Sociodemográfico

1. Idade: _____

2. Nacionalidade: _____

3. Naturalidade: _____

4. Sexo/Género: ☐ Masculino ☐ Feminino ☐ Outro: _____

5. Orientação sexual:
☐ Homossexual ☐ Heterossexual ☐ Bissexual ☐ Outro: _____

6. Religiosidade:
☐ Crente Praticante ☐ Crente Não Praticante
☐ Não Crente ☐ Outro: _____

7. Habilitações Literárias:
☐ 1º Ciclo (4º ano) ☐ 2º Ciclo (6º ano) ☐ 3º Ciclo (9º ano)
☐ Secundário (12º ano) ☐ Ensino superior

8. Profissão/Atividade: _____

9. Situação Profissional Atual:
☐ Empregado – Tempo Inteiro ☐ Empregado – Tempo Parcial
☐ Estudante ☐ Desempregado
☐ Reformado/Pensionista

10. Identificação étnica/cultural/racial: _____

11. Zona de residência:
_____ (Concelho) _____ (Tempo de residência em Portugal)

12. Filhos
☐ Sem filhos ☐ Idade dos filhos (separe por virgulas): _____
☐ Com filhos
☐ Gravidez atual

13. Composição do Agregado Familiar:

14. Apoios e recursos

Familiar (colocar graus de parentesco): _____

Comunitário (ex.: apoio do bairro, associações/grupos religiosos, desportivos, artísticos, políticos..., bem como organizações sociais e de saúde): _____

Laboral/escolar: _____

Relações de amizade: _____

Apêndice C - Informação divulgada para recrutamento dos participantes

A Investigação: O presente estudo visa aumentar o conhecimento científico nacional sobre as identidades das famílias que se identificam como negras/portuguesas negras/afrodescendentes/de origem africana, nomeadamente as suas experiências intergeracionais, os seus significados e os seus processos. Esta investigação é no âmbito da dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde- Psicologia Clínica Sistémica, de Mariana Vilhena na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob a supervisão das Prof. Doutoras Luana Cunha Ferreira e Mariana Pires de Miranda.

Participação: Com recurso a entrevistas familiares, preferencialmente presenciais (mas com possibilidade de ser online), o estudo pretende: compreender os processos de identidade das famílias que se identificam como negras/portuguesas negras/afrodescendentes/de origem africana; explorar de que forma transmitem a identidade cultural a gerações futuras; e perceber o papel das expressões artísticas para afirmarem estas identidades. As entrevistas familiares são momentos de partilha de histórias familiares sob o tema da construção da identidade e suas formas de expressão. A entrevista decorrerá com os vários membros da família e terá a duração estimada de 60 a 90 minutos.

Quem pode participar: Famílias que se identificam como sendo negras/portuguesas negras/afrodescendentes/de origem africana. Todos os elementos da família têm de ter mais de 18 anos, sendo que o número mínimo de elementos a estar presente são dois elementos de pelo menos diferentes gerações (exemplo: mãe e filha).

Questões éticas: Todas as informações relatadas no decorrer do estudo serão usadas exclusivamente para fins de investigação, e a identidade dos participantes será confidencial, não havendo no relatório final qualquer elemento identificativo. O som das entrevistas será gravado, porém estas gravações serão eliminadas no final da investigação.

Apêndice D - Consentimento informado

Estudo sobre as Identidades das Famílias Afrodescendentes: Experiências intergeracionais, significados e processos.

A investigação decorre no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica Sistémica, realizada por Mariana Vilhena Cortes, estudante da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, e tendo como supervisoras as Professoras Doutoras Luana Cunha Ferreira e Mariana Pires de Miranda.

A investigação tem como objetivos: compreender os processos de identidade das famílias afrodescendentes; explorar de que forma transmitem a identidade cultural a gerações futuras; e perceber o papel das expressões artísticas para afirmarem esta identidade.

Desta forma é esperado dos participantes, através de uma sessão de entrevista familiar, a partilha da sua história familiar e pessoal no que diz respeito à construção da identidade e das formas de expressão da mesma. A entrevista decorrerá com os vários membros da família e terá a duração estimada de 90 minutos.

Por motivos de logística da análise de dados, o som da sessão de entrevista será gravado, sendo garantida a confidencialidade dos dados e todos os dados serão destruídos após a conclusão da investigação.

A participação no estudo é voluntária, e como tal, a qualquer momento o participante poderá desistir do estudo sem qualquer consequência.

Todas as informações relatadas no decorrer do estudo serão usadas exclusivamente para fins de investigação, e a identidade dos participantes será confidencial, não havendo no relatório final qualquer elemento identificativo.

No final da investigação, caso queira receber uma síntese dos resultados, requer-se o preenchimento do espaço destinado ao email.

Muito obrigada pela sua colaboração nesta investigação!

Investigadora: Mariana Vilhena Cortes

Endereço eletrónico: marianacortes@campus.ul.pt

Leia com atenção toda a informação acima explicitada. Em caso de dúvidas relativas à informação apresentada questione a investigadora para que as mesmas sejam esclarecidas. Se concordar com todas as informações providenciadas assine o presente documento.

Declaro ter lido e compreendido o presente documento, bem como as informações verbais que me foram transmitidas pela investigadora do estudo. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço para fins de investigação.

Assinatura: _____

Data: / /

Correio eletrónico (em caso de querer receber síntese de dados de investigação):

Apêndice E - Operacionalização de categorias

Categorias				Definição	Citações
Identidade pessoal	Variabilidade e tipológica	Definição de variabilidade tipológica: Definição segundo o modelo da tipologia da identidade étnico-cultural (Berry, 1994), em que um determinado indivíduo com determinada etnia (características culturais comuns a um povo - língua, religião, costumes, tradições - que são transmitidos de geração em geração pela família e pela comunidade e não geneticamente (McGoldrick, Giordano, & Garcia-Preto [2005]), migrou e está inserido numa outra determinada cultura (cultura dominante do local onde migrou). Deste contacto com a cultura de origem (identidade étnica) e com a cultura do lugar migrado (identidade cultural) decorrem 3 tipos de identidade.			
		Identidade bicultural/tricultural		Quando a identidade cultural e étnica são fortes (Berry, 1994).	“eu sou portuguesa, mas eu considero-me também cabo-verdiana pela minha educação. Não acho que seja algo mau, é algo positivo porque só temos a aprender com os dois e nunca entram em conflito. Eu sinto-me uma pessoa muito mais apta para as coisas porque tenho a visão das duas coisas. Eu sou portuguesa porque fui educada pela escola também pelo meu meio envolvente, muitos portugueses, mas também em casa (...)” (Francisca) “Porque eu tenho essas duas realidades, o tempo em que eu passei lá e o tempo em que eu vim para cá.” (Edmundo)
		Maior identidade portuguesa		Quando a identidade cultural é forte mas a identidade étnica é fraca (Berry, 1994).	“eu vim para cá nova e praticamente aprendi mais coisas daqui do que de lá” (Eva) “É, em termos psicológicos, a sociedade portuguesa ajudou-me bastante, eu aprendi porque eu não seria a pessoa que sou hoje se continuasse lá, até porque haviam e há muitas coisas lá que me frustram e sinceramente é como eu lhe disse eu me sinto mais filha de Portugal do que angola, apesar de não ter nascido cá.” (Blimunda) “Isto acontece precisamente por isto, porque eu vim para cá muito pequena, portanto a aculturação, o meu crescimento foi muito nos padrões de Portugal.” (Fiona)
		Maior identidade de país africano		Quando a identidade cultural é fraca mas a identidade étnica é forte (Berry, 1994).	“Eu sinto-me angolano porque dificilmente me consigo desligar de Angola. Eu vivo cá, eu pessoalmente, a minha filha veio aqui muito nova, a minha mulher é filha de português e de angolana, então ela tem metade lá, metade aqui, eu estou mais no 70% 30%.” (Valentim) “Eu é mais cabo-verdiana. Dou-me bem com os portugueses, são meus amigos, não tenho razão de queixa, mas pronto sinto-me mais cabo-verdiana.” (Melissa)
	Vivência	Sentir-se português	Modo de pensar e agir controladamente e individualmente	Ter um pensamento e comportamento controlado no sentido de cumprir normas sociais e ser comedido, mas também no sentido de ser controlado e ponderado nas decisões, tendo por base uma reflexão informada sobre as várias realidades e conhecimentos existentes. Pensar e atuar individualmente refere-se a uma forma de estar mais centrada no individual e não comunitária, havendo desta forma uma maior liberdade, independência e privacidade.	“O ser português, é ser-se... é olhar para as coisas e ter às vezes o receio de não poder chamar nomes às coisas porque temos medo, do reflexo que as coisas têm.” (Ravi) “a educação, a maneira de tratar das pessoas, o civismo e essas coisas por exemplo acredito que tenha acolhido daqui porque aqui é muito mais credente. Por exemplo, aqui as pessoas têm uma noção de civismo muito mais acentuada, por exemplo as pessoas são mais individualistas, mas a nível social respeitam-se mais do que lá.” (Eduardo) “Para mim é mais a independência, porque lá é muito laço familiar” (Lorena) “E dando o melhor para a tua própria família, não se preocupa muito para além do tio, e mais ainda (entrevistadora: dos outros mais afastados, aqui focamo-nos mais na nossa, o que não quer dizer que não tenham esse valor de ajudar o próprio) mas é quando é necessário.” (Lorena) “Nós aqui temos privacidade, e nós lá não tínhamos essa privacidade. (...) Cheguei e estou na minha casa à vontade. Por exemplo em Angola, lá era difícil pensar nisso, chegar e

					estar à vontade não, as portas até já estavam abertas.” (Monique)
			Integração social e laboral em Portugal	Sentir-se português por conviver com portugueses, ter relações afetivas com portugueses e por estar inserido num contexto de emprego em Portugal.	“as convivências que eu tenho, porque eu tenho amigos portugueses, meu parceiro por exemplo é português” (Rimena) “Sinto-me português porque quando eu era jovem, quando eu vim, parte da minha juventude eu passei aqui, a minha convivência (...) ao longo desse tempo fui forjando ali, para além da amizade, fui forjando um conhecimento sobre Portugal que eu não tinha” (Nicolau) “Mas aqui, de certa forma, acaba por ser um pouco mais independente, porque aqui a vida já é outra, não é como lá que somos muito vizinhos, perto uns do outro, já podem por exemplo deixar o filho a casa do vizinho, mas aqui não, aqui se calhar era um pouco mais difícil juntar-se, por causa do tempo, ter de ir de trabalhar” (Rimena)
			Língua e educação escolar portuguesa	Sentir-se português ou em parte portugueses por ter a língua em comum, o português e por ter frequentado o ensino escolar português.	“a língua também, eu falo mais português, maioritariamente do que crioulo” (Rimena) “educação escolar é tudo Portugal, a minha postura, a língua.” (Amanda) “Eu sou portuguesa porque fui educada pela escola” (Francisca) “cresci aqui em Portugal, desde o primeiro ano que estou aqui por isso a educação é 100% Portugal” (Amanda)
			Nacionalidade	Sentir-se português por ter efetivamente nascido em Portugal ou por ter familiares portugueses.	“eu não sou só cabo verde, também tenho a minha origem porque nasci aqui.” (Pietro) “e é o país de um homem extremamente importante na minha vida, que é o meu avô e fui adquirindo esses valores lusitanos” (Nicolau)
		Sentir-se de um país africano	Modo de pensar e agir positivamente e coletivamente	Forma de pensar e agir positivamente no sentido de ver a vida como positiva, leve, descontraída e simples; e positivo também no sentido de ser alegre, brincalhão e ter boa disposição. Pensar e agir coletivamente refere-se a agir segundo princípios que favoreçam a comunidade. Tal inclui ser solidário, acolher o outro, dar-se importância à confraternização e às relações humanas, a união e entreajuda entre as pessoas, o respeito, os hábitos de uma sociedade coletivista como cumprimentar todas as pessoas mesmo que não se conheça, ser-se trabalhador e respeitador para o bem da comunidade, e a educação ser partilhada pela comunidade, ou seja qualquer pessoa pode intervir e ensinar o outro a ser melhor.	“Eu acho que os angolanos veem a vida com mais leveza.” (Edna) “Somos muito gozões, e isso por acaso é uma característica (Sasha: Entre nós) dos blacks. (Sasha: Ya, nós gozamos com tudo) Fazemos piada com tudo” (Pietro) “o povo angolano é um povo muito brincalhão e que gosta muito de estigar” (Blimunda) “O crioulo é mais expressivo na alegria, na dança, na forma como se dança.” (Fiona) “ser mais aberto, mais animada, no sentido de mais brincalhona” (Rimena) “Se eu estou num grupo eu sou aquela pessoa que transmite alegria, estou sempre a rir assim como a minha mãe” (Caetana) “E lá a gente tinha a porta sempre aberta, ninguém fechava a porta. (...) Entram na casa uns dos outros, e era sempre assim.” (Abigail) “Sim, casas abertas. É chegar e entrar e pronto é assim.” (Melissa) “nós estamos regularmente uns com os outros” (Pierre) “Lá eu sinto que as pessoas parecem mais calorosas, mais divertidas, mais leves. Aqui não sei, sinto mais a individualidade das pessoas. Lá sinto a unidade, são fatores importantes.” (Eduardo)

					“Ser solidário, ser amigo. Em Angola é uma marca.” (Ravi) “Para mim um dos princípios que eu aprendi é a questão da ajuda mútua, porque entre nós, nós nos ajudamos muito, e constantemente.” (Eduardo)
			Traços linguísticos, artísticos e gastronómicos	Sentir-se de um país africano por falar/entender crioulo/língua nacional, ou/ter sotaque; por se identificar com a dança e a música africana; e pela importância que a comida tipicamente tradicional dos países de África (Cabo Verde, Angola e Guiné) assume na identidade cultural.	“Esta mulher é doente pela cozinha, está sempre a encostar a barriga no fogão.” (Fiona) “A parte da gastronomia, onde quer que se vá em que haja um crioulo e haja uma festa, nós já sabemos que a mesa é composta, há coisas que nunca faltam naquela mesa” (Fiona) “há pratos que são mesmo referência, ninguém pode escapar por exemplo de uma moamba de galinha.” (Nicolau) “É poder chegar em casa e falar, e ser eu mesma, falar à vontade o calão de Angola.” (Amanda) “A questão da língua, há sempre esta questão de se manter a língua porque nós temos, o crioulo tem família em tudo o que é parte do mundo, portanto a língua continua a ser aquilo que nos une.” (Fiona) “a maneira como eu me identifico com a arte, com a música” (Eduardo) “Se calhar vou apontar mais o caboverdiano, o gingado pela dança” (Caetana)
			Nacionalidade	Ter nascido efetivamente em algum dos países de África ou ter algum familiar que seja de origem africana.	“como nasci lá primeiro sou angolano” (Nicolau) “Tive a vida toda lá, lá namorei, lá fiz todos os filhos, tudo lá.” (Íris) “Eu nasci aqui, não é que eu me tenha sentido português, mas eu sinto que sou caboverdiano mesmo nascendo aqui. Não é de onde eu nasci mas sim as minhas raízes, mas eu não sou só Cabo Verde, também tenho a minha origem porque nasci aqui.” (Pietro)
			Aspetos físicos	Importância de características físicas, nomeadamente do cabelo e da cor da pele negra.	“a minha identidade está bem definida, aceito-me muito mais. Aceito o meu cabelo, que era uma coisa que eu não aceitava tão bem” (Maia) “Eu gosto de o deixar bem, quando vou a entrevistas de emprego e coisas do género, gosto de deixar bem, espetado na cara [o cabelo]... para mostrar que sim, e não vou alisar, e vou usar como eu quiser e é isso” (Sasha) “por ser negra” (Íris)
			Fusão Portugal-países de África	Fusão linguística e gastronómica	“Ela fala 50/50 (mãe ri-se). Ela veio aos 14 anos, mas por exemplo numa frase ela fala crioulo 50% depois fala português, e depois começa a juntar e eu e a minha irmã começamos a rir. E depois o engraçado, é quando ela junta mesmo, junta a mesma palavra as duas coisas, nem é frase.” (Mateus) “o mais velho com o meu pai também fala crioulo, é uma coisa de vamos à escola, aprendemos o português, comunicamos com o português, mas temos o crioulo que não perdemos, mesmo os que nasceram aqui.” (Lorena) “eu até já mudei muito o meu sotaque, não sei se conta, mas nós angolanos abrimos muito nas vogais, e agora já mudei muito, muito mesmo.” (Íris) “Dizer este sábado quero comer uma comida típica, e também posso dizer em termos de comida portuguesa também adoro, e também fazemos aqui em casa, os nossos

					pratos variam sempre entre comida portuguesa, e comida africana.” (Amanda)
			Espontaneidade da fusão cultural	A integração dos aspetos das várias culturas ocorre de forma natural e espontânea e havendo dificuldade em separar uma da outra.	“Isso é uma coisa que eu não penso, eu quando ajo, eu quando falo, quando convivo, quando faço quer que seja, não estou a pensar num lado ou no outro, é a Fiona. É a Fiona crioula nascida em Cabo Verde criada em Portugal, não te consigo fazer uma descrição.” (Fiona) “Para mim, é um bocado isso, é quase plena, eu sinto-me tão em casa quando estou aqui como me sinto quando estou lá, não sinto uma grande diferença. Quer dizer, há diferenças sem dúvida, elas estão lá, mas eu estou habituada a conviver com elas de tal forma que não me incomoda nada, antes pelo contrário.” (Nicolau) “Eu posso estar aqui a falar contigo em português, como eu tive a falar aqui crioulo com a minha mãe, posso estar a falar francês, inglês e isso não interfere em nada aquilo que eu sou e daquilo que eu passo.” (Caetana)
			Fusão educacional e social	Interagir com meios sociais de diferentes culturas - africanas e portuguesas; e ter sido educado simultaneamente pela cultura portuguesa e pela africana.	“Porque tinha uma relação com colega branco que tinha sido meu colega na 4ª classe, que estudou comigo.” (Ravi) “eu não tinha noção do quanto eu tinha Portugal por causa do meu pai e da minha família. Do quanto eu tinha sido criada nesse regime misto, do quão misto era, até à altura que eu fui para os EUA e me deparei com pessoas de outros países africanos, pessoas também de angola que eram completamente diferentes de mim, e foi aí que eu vi que não era normal, que a educação que eu tive já foi uma educação mista mesmo” (Edna)
		Variabilidade contextual		Ideia que a identidade se modifica conforme o contexto e as situações a que se esteja exposto. Ou seja, num determinado momento revela-se partes da identidade que não se revela em outros contextos e vice-versa.	“cá dentro eu sou africana, mas na rua eu sou portuguesa.” (Monique) “sinto que essas culturas trabalham todos os dias me mim em várias alturas do dia, dependendo da pessoa com quem eu me estou a relacionar com quem eu estou a falar, o tema que estou a lidar, a situação.” (Maia) “Exato e a minha filha já me disse isso, quando eu estou ... ela ouve-me a falar ao telefone e às vezes quando estou a falar assim de coisas mais importantes, mais de trabalho, sou muito mais serena, falo português assim mais... e ela diz mãe tu já viste, és completamente diferente, quando é connosco (interjeições variadas mais altas) agora quando é... (começa a rir) ela diz-me mesmo, quando estou a falar línguas diferentes eu tenho uma outra postura.” (Caetana)
Identidade familiar	Família alargada	Definição de família alargada: Conjunto de elementos que se unem por laços biológicos e afetivos, e que habitualmente coabitam, tais como pais, filhos, primos, tios, avós e amigos ou vizinhos que sejam próximos afetivamente. Não há graus de parentesco (primos em 1º, 2º ou 3º grau), são todos vistos como tendo a mesma proximidade familiar. A família não é vista como família nuclear onde só existem os pais e os filhos, mas sim de forma alargada onde os amigos são incluídos como tios e os vizinhos são também parte da família.			“nós africanos quase que somos todos da família (ri-se) é amigo, ou já viu com o pai uma vez cumprimentar, é o tio. Às vezes nem chegas a conhecer o nome mas sabes que pronto o tio é mais fácil, é para todos, tio é mais fácil do que memorizar o nome da pessoa.” (Lorena) “Ali, o vizinho é família, protege.” (Valentim) “depois também temos esta coisa, se ele é primo do Pierre também é meu primo não temos essa coisa de é só meu primo como se faz nas famílias europeias, que é “ah não, é primo em segundo grau”, aqui é primo é primo, não temos isso, e sempre foi assim.” (Maia) “a nossa cultura, vivemos avós, tios, tios que quiserem, vivemos todos na mesma casa. É aquele calor familiar de muita gente, daquela partilha, e tudo.” (Lorena) “Porque a família portuguesa é exatamente isso que ele está a dizer, é só pai e mãe e os filhos. Ali não, é o pai, a mãe, o avô, a avó, os tios, tudo é família. A família africana é uma família muito grande.” (Nicolau)

	Rituais	Definição de Rituais conforme Wolin e Bennett (1984). Práticas sistemáticas ao longo do tempo divididas em: celebrações familiares (ocasiões que são praticadas em família e que geralmente estão associadas às culturas às quais as famílias estão inseridas), tradições familiares (atividades específicas e únicas da família, com menor standardização das culturas, também não são tão padronizadas como as celebrações mas podem ser feitas com bastante frequência e dos quais as famílias escolhem como querem realizar e se querem ou não) e interações padrão (sem planeamento, recorrentes e podem ser feitas de formas diferentes).		
		Interações padrão	Inclui as tarefas de dia a dia e como se organizam para as desempenhar, tais como o quotidiano de trabalho/escola, as atividades recreativas e convívios que se costuma fazer fora do horário de trabalho.	“ele foi o meu braço direito quando ela era pequenina porque eu ia trabalhar e ele é que tomava conta da irmã. Ele tinha 8 anos, eu deixava a comida e tudo preparado, desligava o gás e ele aquecia comida no micro-ondas para a irmã e para ele.” (Eva) “os mais velhos iam buscar os mais novos ao infantário.” (Fiona) “as crianças de um certo modo a partir de uma certa idade já começavam a ter aquela responsabilidade de fazer o comer, de fazer o jantar. (...) A minha mãe se calhar já com 12 ou menos anos ela já preparava o jantar” (Rimena) “eu sou a mais velha, a minha mãe colocou a maior parte das responsabilidades em mim por eu ser a mais velha. Eu hoje sou dona da minha casa, faço tudo, desenrasco-me em tudo o que é preciso.” (Caetana) “Depois de eles comerem, eles saíam para ir brincar ali com as outras crianças, ao pé da avó e dos tios” (Eva) “Íamos ao monte, ao churrasco. A minha avó e o meu avô sempre a preparar coisas.” (Mateus) “No passado, era levantar cedo deixar os filhos na escola ou no infantário, passávamos todo o dia fora a trabalhar e à noite nós nos reunimos os pais com os filhos e estávamos ali a conversar e nos fins de semana, todos os fins de semana, nós tínhamos aqueles almoços, que chamamos almoços ajantarados porque podiam ir até às tantas da noite, ou em nossa casa ou então na casa de alguns amigos. Eram assim os nossos dia-a-dias” (Blimunda) “Lembro-me de crescer e o meu pai sempre sair do trabalho, ia beber uma cerveja, íamos aos gelados, íamos fazer alguma coisa quase todos os dias. Às vezes acabava por ser uma rotina, ele vai nos buscar à escola e vamos dar uma volta, não vamos para casa.” (Edna) “A comida tradicional, aos sábados e domingos é comidas específicas, normalmente ao sábado é um funge, as pessoas juntam-se e comem todos.” (Eduardo) “ela está cheia de trabalho quando chega eu faço comida, quando chega cedo, não vais ficar à espera, está cansado, eu faço comida” (Noé)
		Tradições	Tradições como reuniões familiares, festas de aniversário, almoços e jantares festivos, e visitas a familiares.	“se alguma coisa não está bem, então é chamada a família para conversar” (Caetana) “há um primo que faz jantar de primos e vamos a casa desse primo só jantar e somos os primos só.” (Pierre) “até os fins de semana lá são diferentes lá de cá, porque normalmente nós sentamos a família, os primos, os tios, os avós e fazemos uma festa ao fim de semana, um jantar, ou um almoço de domingo à tarde” (Edmundo) “Eu lembro-me que por exemplo no domingo íamos a casa do meu avô, os netos todos, íamos a casa do meu avô a partir das 15h e lá passávamos a tarde” (Ravi) “nós as férias grandes eram todas passadas lá [na casa do tio] e alguns natais também eram passados lá. É irmos todas passar as férias, e agora que já somos mães e pais é carregar

				os filhos todos e ir para lá e é também uma alegria e uma festa.” (Caetana)
		Celebrações familiares	Inclui festas de anos, casamentos, natal, páscoa, dia do homem, primeiro batismo e cerimónias fúnebres	“aniversários sempre juntos. Com muita comida.” (Sasha) “Fazem casamentos, tanto civil, religioso e não só (...) raramente encontra um número limitado de pessoas, é alargado. É o filho de fulano que vai casar, e temos convidados mais próximos, mas se ele ouvir casamento de tal “ah eu conheço o pai” “ah eu conheço a mãe” (Lorena) “Tradição, Natal sempre juntos” (Sasha) “comemorações familiares, uma páscoa, a minha mãe dá importância a isto” (Fiona) “nós temos um ritual que é, antes do batismo, existe uma coisa que é o primeiro batismo que se faz, que é quando a criança tem 7 dias de vida, que se chama o cristão (...) com o terço, a água, a velinha, o sinal da cruz, mas não é feita por um padre, é feita por uma pessoa mais velha que já durante anos e anos tem esse ritual.” (Caetana) “Nós temos uma coisa que se chama esteira, que é quando uma pessoa morre mantém, põe durante 7 dias não é mamã? (Abigail: Depende se for em Cabo Verde é um mês) mas os aqui é 7 dias, que é meter um pano branco, com uma cruz, a fotografia da pessoa e as velas.” (Caetana)
	Regras e princípios	Definição de Regras/Princípios: conhecimentos implícitos ou explícitos sobre os comportamentos apropriados às mais diversas situações, sendo que podem sofrer alterações ao longo do tempo de modo a estruturarem os relacionamentos familiares (Sýkorová, 2011).		
		Companheirismo, Apoio e União Familiar	Valorizar a entajuda no meio familiar e o valor de se manterem juntos e unidos.	“mas filho está cansado, tem que ajudar. Se visse que precisar de algo, se te pedir tanto, queres o quê, se precisa de algo dá” (Noé) “a família é o nosso porto de abrigo, então nós percebemos muito rapidamente que se tivermos algum problema, quem nos vai safar vão ser os nossos familiares. Os nossos familiares, é que têm uma palavra de conforto nos nossos momentos mais tristes” (Pierre) “manter sempre forte esta união entre a família, que é a base.” (Amanda) “Epa esta parte da família, nós somos muito família, e de ajudar os nossos irmãos, sou muito de ajudar os meus irmãos, quero que eles estejam sempre bem e desdobro-me para ajudá-los, portanto esta parte da família, de ajudarmos e o cuidar uns dos outros para mim é o que prevalece.” (Fiona) “foi uma coisa extremamente difícil que eu passei e a família esteve sempre lá nas dificuldades.” (Nicolau) “um dos princípios que eu aprendi é a questão da ajuda mútua, porque entre nós, nós nos ajudamos muito, e constantemente. É muito comum eu ligar para a minha tia, ou os meus primos ligarem para mim, acontece muito isso.” (Eduardo)
		Valores humanistas	Valores que respeitam a condição humana, nomeadamente a capacidade de receber e reconfortar os convidados, e de não falhar as promessas feitas e os compromissos.	“nossa família também é assim, recebe bem as pessoas.” (Mateus) “O à vontade. Chega na pessoa senta aí, fica aí, come aí.” (Sasha) “saber quando aceitas um compromisso, é honrar, não falhar, acho que é isso, porque da forma em que ele foi adquirir o conhecimento e o valor do meu pai, ele transmitiu para nós.” (Lorena)
		Controlo e rigidez	Haver valores que controlem e organizem de	“tem aquela questão de família, e de segredos de família. Agora estás aqui, e imagina o meu pai quer me falar alguma

				forma rígida a família, tal como saber manter os segredos familiares, ter respeito pelos mais velhos, educação com recurso a punições físicas, importância dos conflitos familiares serem resolvidos no momento com o diálogo, e haver uma hierarquia por idade como forma de estruturar e organizar a família espontaneamente. Nesta hierarquia o mais velho tem mais poder e responsabilidade que o mais novo, isto é, quem assume o controlo da família é o membro mais velho presente no momento.	coisa, não vai falar português que é para não te expor, mas também para não te fazer sentir constrangida. Por exemplo fala crioulo em que sabe que pronto eu percebi, mas não te vai, nós falamos crioulo para não te expor também e para não te deixar saber que esta família tem isto” (Lorena) “É impensável, eu ouvir respostas como ouvia de colegas meus a falar para os pais, era impensável eu dar determinadas respostas à minha mãe.(...) os filhos mais velhos, chamamos à atenção à forma como falaram, como responderam, como se dirigiram.” (Fiona) “Mais velho, crianças têm de saber respeitar os adultos. Eu vejo aqui uma menina de 12 anos a falar para o pai, a falar para a mãe, a falar para o avô, com o nariz empinado, não sei quê, lá já levaste na boca, aí já já.” (Iris) “eu quando saí da casa da minha mãe e arranjei o meu marido, o meu marido não podia entrar nos quartos, ainda que fosse meu noivo, não podia entrar” “Portanto, a minha mãe e o meu pai não estavam, os mais novos obedecem ao mais velho, e isto nunca foi falado, é uma coisa que naturalmente ... (...) A mamã não está, o papa não está, o mais velho é que manda. Os mais novos têm de obedecer ao mais velho, do mesmo modo que o mais velho tem a obrigação de tomar conta dos mais novos.” (Fiona) “Levar porrada dos mais velhos.” (Caetana)
		Autorresponsabilização precoce		Fornecer liberdade de expressão e de ação, fomentar a independência e autonomia de desempenharem tarefas sozinhos e assumirem suas responsabilidades e ter trabalhado desde cedo.	“lá as crianças praticamente fazem tudo.” (Eva) “eles nos dão a liberdade de nós tentarmos ser o que nós queremos ser. (...) os pais portugueses protegem muito os filhos, uma criança, menos de 18 anos basicamente não deixa ir à escola sozinho. Na nossa cultura quando os pais vêm que aquela criança já tem uma certa maturidade e que a escola não é tão distante, tomam essa iniciativa, eu vou te dar essa liberdade (...) vais à escola sozinho e isso não quer dizer que eu não te amo ou tão bom pai como os outros que levam o filho à escola.” (Lorena) “comecei a trabalhar muito cedo com 16 anos” (Blimunda) “as crianças de um certo modo a partir de uma certa idade já começavam a ter aquela responsabilidade de fazer o comer, de fazer o jantar.” (Rimena)
		Papéis de género	Presença	Presença ou ausência nas regras familiares dos padrões sobre quais as tarefas do homem e da mulher	“As mulheres cozinham. (Ma: E os homens não?) Não, os homens não. As mulheres mais novas aprendem com os mais velhos as comidas tradicionais.” (Pierre) “Os nossos pais querem já preparar para uma vida conjugal futuramente e aqui os pais não viam assim. Pensavam vou preocupar com a minha filha para estudar” (Rimena)
		Ausência	“Há muitos cabo-verdianos que dizem assim: as moças é que têm de fazer, os moços não. Mas eu não.” (Eva) “vamos fazendo as coisas conforme a necessidade e quem chegar mais cedo. A obrigação é de fulano, ou do pai sustentar a filha, ou é a mulher que tem de cuidar da casa, não. (...) os meus irmãos faziam-me isso tudo, a minha mãe implementava, eles são rapazes e foram os primeiros a nascer, mas tinham a preocupação de ajudar a mãe” (Lorena) “eu faço a comida, o meu marido ajuda a pôr a mesa” (Monique)		
	Transmissão	Definição de transmissão intergeracional: aspetos que são passados de uma geração para outra (pai-filho), havendo uma reciprocidade entre as gerações (Falcke & Wagner, 2005). Sendo que o processo de transmissão passa por duas etapas, a primeira em que uma das			

	intergeracional da identidade	gerações percebe os valores que a outra geração está a querer passar, e a segunda etapa em que essa mesma geração escolhe aceitar ou rejeitar os valores percebidos (Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2011). De salientar que o processo de transmissão ocorre ao longo da vida, em vários momentos e de várias formas.			
		Integrado continuamente na família	Modo de pensar e agir coletivamente	Transmitido da geração anterior e integrado pela seguinte: o valor de cumprimentar as pessoas com quem se cruza na rua ou outro local, independentemente de se conhecer a pessoa ou não; a importância de manter a família unida, mantendo o espírito de entreadajuda e companheirismo entre os membros da família; os valores e princípios que respeitam a condição humana, nomeadamente o respeito pelo outro, a prestação de condolências, o saber honrar o compromisso, e saber acolher (incluindo o espírito de bairro de ter a porta aberta para convidados); o valor de ser trabalhador e esforçado para obter sucesso na vida; e o ser empático.	“Dizer bom dia, boa tarde, porque é a educação que nos deram, qualquer sítio que tu vás tens de cumprimentar as pessoas, não interessa quem está tu tens de cumprimentar.” (Caetana) “A base de tudo, é, todas as famílias têm as desavenças, é a união independentemente de tudo, os meus irmãos agora estão fora, mas estamos aqui, é a união.” (Lorena) “O respeito com as pessoas, a humildade, o essencial.” (Mateus) “Mesmo que não conheça a pessoa diretamente e a minha mãe chega lá e diz, olha sou filha de x, sou filha do y, e vai em representação à família prestar os sentimentos, por toda a família de cabo verde e de quem aqui está.” (Fiona) “eles também nos têm incutido sempre, é o trabalho, o ser honesto no teu trabalho, ser uma pessoa cumpridora, cumprires com o teu horário, cumprires com os teus compromissos” (Fiona) “a pessoa bate a porta a qualquer hora que quer” (Monique) “Sim, casas abertas. É chegar e entrar e pronto é assim.” (Melissa)
			Traços linguísticos, artísticos e gastronómicos	Foi transmitido e aprendido pela geração seguinte: o crioulo e as línguas nacionais; a cultura artística do povo africano; e o cozinhar as receitas dos pratos típicos dos países africanos.	“há sempre esta questão de se manter a língua porque nós temos, o crioulo tem família em tudo o que é parte do mundo, portanto a língua continua a ser aquilo que nos une.” (Fiona) “são estilos de música típicos de Cabo Verde e que nós nunca tínhamos ouvido e por termos mães e avós cabo-verdianos começaram a incutir a música.” (Mateus) “As mulheres mais novas aprendem com os mais velhos as comidas tradicionais.” (Pierre)
			Narrativa histórica e cultural	A história da cultura do país africano e das suas raízes culturais foi passada de uma geração para a seguinte e recebida pela mesma.	“saber de onde é que tu vens, e não esquecer dos teus antepassados, a tua cultura, e a familiaridade de como é que as coisas são.” (Lorena) “O que eu me lembro é que a génese de Angola, por exemplo como é que é feito o país Angola, o que é Angola hoje, de onde veio, quem são as pessoas que estão à frente de Angola. (...)A história, e saber como é que ela foi feita. E dentro dessa história explicar o homem angolano que é hoje, de onde veio este homem angolano, qual foi” (Ravi) “as coisas foram tão violentas, tão destrutivas, tão más, tão dolorosas que não tem como esquecer, e involuntariamente acabei por lhes transmitir isso.” (Nicolau) “(…) eu passei-lhe também tudo sobre Cabo Verde, sobre as raízes para ela também perceber que ok nasceu em Portugal, sou portuguesa, mas também tenho que aqui respeitar a minha cultura que é a da minha mãe, dos meus pais, e isso acho que é bom, ela conhecer-se.” (Caetana)
			Controlo e rigidez	Integrado nas várias gerações da família a prática de uma parentalidade rígida onde há recurso a castigos com violência física e onde é necessária uma atenção à forma com que se fala com os mais velhos.	“o meu filho que às vezes fica zangado(...) mas já falei o que é que vai fazer, vais bater? vem-me bater, e vais levar uma.” (Íris) “É impensável, eu ouvir respostas como ouvia de colegas meus a falar para os pais, era impensável eu dar determinadas respostas à minha mãe.” (Fiona)

			Tradições e celebrações	Transmitido da geração anterior e integrado pela seguinte o espírito festivo e a importância de fazer convívios e celebrar dias festivos.	“uma coisa que nós aqui somos famosíssimos é pelas festas.” (Fiona)
			Religião Católica	Transmitida pela geração anterior e integrada pela geração recetora a prática da religião católica.	“isto está entranhado e em Cabo Verde também eram muito religiosos.” (Fiona) “Eu cresci neste ambiente. Ele já não, eu puxei. Mas eu cresci neste ambiente, porque na casa onde eu cresci, todos nós somos religiosos, todos religiosos.” (Íris)
		Integrado na família e adaptado	Menos controlo e rigidez (mais liberdade de expressão)	Valores que foram recebidos da geração anterior, mas que sofreram alterações na forma como a desempenham no seu dia a dia. Tal inclui a receção de uma parentalidade rígida que foi modificada. Neste caso modificado para uma atenuação dessa rigidez parental, nomeadamente ao nível da liberdade de expressão onde os jovens têm mais voz, na ausência de punições físicas e em haver menos regras estruturadas.	“Podemos aceitar aquilo que os pais dizem, mas podemos questionar, perceber o porquê de ter que fazer certa coisa” (Francisca) “Também agora, há um respeito pelos jovens. É ouvir mais os jovens para tentarmos ter aqui um equilíbrio entre pais e filhos, e primos, e tudo mais, acho que é mais abertura.” (Amanda) “nós tínhamos a liberdade de nos expressar, tínhamos a liberdade de poder, temos até hoje, de poder contrapor, mas com respeito” (Maia) “A minha mãe na época dela apanhava. Nós não. Na minha época chamavam à atenção” (Caetana) “Tudo, nós tínhamos hora para estar em casa, tínhamos hora para estar na mesa, era tudo regra, era tudo regrado” (Monique)
			Mais educação escolar	A modificação do que foi transmitido pela geração anterior para progressivamente haver mais possibilidade de prosseguir estudos e ter mais oportunidades.	“A minha mãe teve pouca, eu tive lá um bocadinho, depois eu vim, estudei até ao 3º ano cá e depois vim aqui estudar o 4º ano” (Rimena) “Os meus pais deram a todos nós oportunidade para estudar, o esforço que eles fizeram” (Fiona)
		Não integrado na família	Traços linguísticos	Uma geração não passou à seguinte o crioulo ou as línguas nacionais.	“é uma coisa que eu gostava de ter aprendido porque tem que ver lá está com cultura, mas foi uma das coisas que eu não aprendi (...) É um vazio” (Blimunda) “Por acaso é uma coisa que eu me arrependo porque quando fui para os EU, tem muitos africanos, de muitas partes, e todos eles falavam um dialeto ou dois do país” (Edna)
			Narrativa histórica e cultural dos países africanos	Uma geração não passou à geração seguinte a história da cultura do país africano a que pertencem.	““ah pera aí, estes moçambicanos não são atrasados como são retratados na RTP África” as pessoas não estão deitadas no chão à espera da vacina da rubéola, então as narrativas que nos colocam e que até hoje em relação aos africanos são completamente desfasadas e relativamente à nossa história também, não se conta o que é que aconteceu quando descobriram as ex colónias” (Maia)
		Integrado na família e eliminado	Papéis de género (ausência)	A receção e vivência de alguns papéis de género que na transmissão à outra geração não foram passados.	“a minha educação se calhar é um bocadinho diferente dos outros porque depende de cada família, mas tendo irmãos, mais irmãos que meninas, fomos educados de que se o homem faz, a mulher também faz, tarefas de casa não cabe só à mulher (...) vem da própria criação do meu pai, ele foi educado de uma forma e ele com o tempo tu avalias o que é bom para ti e o que é que queres passar para os teus filhos e o que queres melhorar. Então para nós não tem essa de género, a mulher faz isso o homem faz aquilo, nós todos fazemos.” (Lorena)
			Traços linguísticos	Tentativa de transmitir a língua nacional falada pela família, mas uma recusa e falta de interesse em	“Não, nada, nem tem interesse [filha em falar umbundo]. Eu falo porque ainda tento manter os meus ancestrais, manter isso, e tento fazer esse esforço, via <i>skype</i> com familiares em Angola tento puxar um bocadinho porque a pessoa quando

				aprender essa língua.	deixa de exercitar esquece.” (Valentim) “Eu não falo, mas eu entendo os sons da origem kimbundo, os meus avós e os meus pais falam mesmo kimbundo, até as minhas irmãs dizem que eu sou colona porque eu não sei falar, só ouço e entendo bem mas não consigo falar” (Íris)
			Porta aberta (necessidade de privacidade)	Foi transmitido o valor da porta aberta porém pela geração recetora não foi adotado. Ao invés, houve uma necessidade de obter espaço pessoal.	“Nós aqui temos privacidade, e nós lá não tínhamos essa privacidade (...) É, eu gosto. Cheguei e estou na minha casa à vontade. Por exemplo em Angola, lá era difícil pensar nisso, chegar e estar à vontade não, as portas até já estavam abertas.” (Monique)
			Religião católica	Na transmissão da religião católica da geração anterior a geração recetora decidiu recusar e adotar uma prática religiosa diferente da que foi passada.	“você tem-me a mim que até aos 17/18 anos fui católico apostólico romano (...) Aconteceu é que foram para o lado judeu” (Ravi)
Facilitador es da construção da identidade	Pares semelhantes			Pessoas com as mesmas características e com que nos identificamos foram um fator importante e facilitador da construção da identidade.	“depois comecei a falar crioulo, porque éramos 3 numa turma. Éramos dois descendentes, que era outro colega meu que era filho de cabo-verdianos e este rapaz que tinha vindo de Cabo Verde.” (Mateus) “eu preciso de gente preta. (...) Eu preciso porque há dores que os brancos não entendem.” (Sasha) “as redes de apoio, estar perto de pessoas, por exemplo em Angola, ter amigos, estar numa escola em que tenham educação parecida à minha.” (Edna) “acabava por ter uma rede de apoio, algumas pessoas que eram parecidas, que pensavam mais ou menos da mesma forma, com quem podia falar abertamente sobre muitos assuntos. Porque eu acho que o angolano, são pessoas que são muito... como se diz <i>passionate</i> ? falam com fervor, e estar por exemplo num ambiente onde as pessoas entendam que isso não é uma agressividade, e que pronto te sentes bem, acolhida, pela tua forma de ser, acho que é importante, foi o que permitiu ser eu e não ficar acanhada.” (Edna)
	Comunidade e rede de apoio			A comunidade e grupo a que se pertence e também o suporte social como um fator que facilita a construção da identidade.	“A nossa família e a comunidade onde nós estamos inseridos, sem dúvida. Não seríamos as mesmas pessoas se não tivéssemos vindo para aqui e se não morássemos neste bairro.” (Fiona)
	Família			O meio familiar facilita o desenvolvimento de quem se é.	“A nossa família” (Fiona) “acabam por ser os nossos pais.” (Amanda)
	Educação			A forma e valores com que se é criado como facilitadores para construir a identidade.	“A minha identidade vem da minha educação (Caetana) “viemos de um meio que era mais educado” (Pierre)
	Conhecer o país			Viajar e conhecer o país de origem ajuda a saber quem se é e onde se pertence.	“Uma das coisas que mais facilitou foi eu realmente mergulhar naquilo que é a cultura de Angola. Por exemplo, eu viajei muito com o meu pai, com a minha irmã também, e a minha mãe. Então em Angola eu já conheci muito.” (Eduardo) “eu agora tenho uma consciência muito maior desde que fui para Moçambique” (Maia)
	Amadurecimento e autoconhecimento			O crescimento pessoal e as experiências que se adquire com o tempo como contribuintes para construir e fortalecer quem se é.	“É não deixarmos de ser quem somos, insistir sempre nisso.” (Monique) “quando começamos a olhar por cima do mundo, e nós estamos dentro do mundo.” (Maia)

	Culinária		Cozinhar como tendo um contributo para se encontrar quem é.	“Eu me encontrei muito através da culinária.” (Monique) “Foi isso que me manteve o contacto com as minhas raízes mesmo estando em Portugal, e a comida também.” (Sasha)
	Globalização e disseminação cultural		A maior aceitação e conhecimento cultural de África pelo mundo como facilitador para construir a identidade.	“Agora a cultura africana é mais aceite em Portugal e isso nota-se muito, na gastronomia, na música, mesmo no teatro, nas novelas, já se nota mais essa abertura, mas antigamente não, então eu sempre tive que ser uma coisa em casa e outra coisa fora de casa, por isso é algo que já está tão assente e que é tão natural.” (Amanda)
Importância da arte	Música	Música como vínculo às raízes	Expressão artística musical como uma forma de ligação à cultura de origem.	“É através da música que eu vou conhecendo também um pouco aqui a cultura africana e mais especificamente Angola” (Amanda) “Música cabo-verdiana. Foi isso que me manteve o contacto com as minhas raízes mesmo estando em Portugal” (Sasha) “Eu em 2013 fui morar para os EUA e acho que foi uma coisa importante para me manter ligada, para manter o vínculo com o meu país, foi e continua a ser. Eu ouço semba, kizomba, gosto muito de estilos que depois começaram a aparecer mais” (Edna)
		Música como criadora de união e aculturação	Expressão artística musical como possibilitadora de momentos de convívio inter e intraculturalmente.	“eu acho que as artes sempre estiveram presentes na minha vida, desde tenra idade, porque nas famílias africanas a dança e a música, fazem parte do nosso dia a dia, não há dia que não se ouça música, e não há dia praticamente em que não se dê um pezinho de dança nas nossas vidas.” (Pierre) “eu levei musica africana para eles ouvirem, porque senão eles não conheciam música africana” (Pierre) “Nós fazemos coisas juntos, e a música também nos une. Nós gostamos da mesma música.” (Maia) “É através da música que eu vou conhecendo também um pouco aqui a cultura africana e mais especificamente Angola e também é através da música que nós nos interligamos todos.” (Amanda) “Mas existem sempre aquelas palavras que vão passando também pela música, principalmente aqueles sembas, há músicas que são baseadas em dialetos e as pessoas conhecem, podes não falar fluentemente mas a palavra conheces.” (Edna)
		Letras importantes para a formação da identidade	As histórias e informações culturais presentes nas letras das músicas como uma fonte importante para definir quem se é.	“Aquilo que eu sou deve-se um bocado mais à música porque eu sempre me preocupei, sempre me interessei pela mensagem que os autores queriam passar, e sempre liguei muito às letras, saber o que é que eles querem passar. Algumas serviram nalgumas fases da vida mais naquela altura dos <i>teens</i>, e da irreverência e prestava atenção bastante às letras, ao que eles queriam tentar passar, e por aí também formei algumas das opiniões que tinha na altura.” (Pierre) “consigo perceber um pouco pelo que é que o meu povo já passou e consigo me sentir, mesmo estando agora na europa, consigo me sentir, 100% africana porque através da música vou continuando a estar presente na minha cultura” (Amanda)
	Dança		Expressão artística caracterizada por movimentos corporais ao som de uma melodia.	“e a dança mais por... é a minha expressão cultural lá, é como eu me expresso culturalmente, eu acho que toda a gente tem uma expressão cultural, alguém consegue fazer uma coisa bem, cantar, dançar, qualquer coisa. E acho que a dança é a minha expressão cultural.” (Pierre) “Para mim dança é importante, que eu gosto.” (Alexa)

			“Desde as danças com os meus amigos quando éramos mais novos, era uma coisa que se fazia imenso e foi uma coisa que contribuiu para aquilo que eu era na altura antes de vir para aqui.” (Edmundo) “é mesmo, gostamos e crescemos com elas. Tanto que eu sou uma das batucadeiras (...) está mesmo entranhado, por isso é algo que é vivido em casa.” (Caetana)
	Moda	Estilo físico que se adota através de tecidos e vestimentas específicas.	“E a nossa cultura tem muito de arte, nós temos além de arte de os panos, os tecidos que nós usamos” (Lorena) “Nós utilizamos tudo um pouco da cultura, mesmo uns tecidos, alguns tecidos que utilizamos, porque há os tecidos africanos, eu sou fã, amo as roupas. E está tudo enraizado, tanto de um lado como do outro.” (Caetana)
	Literatura	Importância da leitura e escrita na identidade.	“a arte para mim também teve sempre presente. Eu comecei mais se calhar a ler, desde cedo percebi que gostava de ler os livros, sempre foram a minha primeira expressão cultural.” (Maia) “Eu vou usar aquilo que eu tenho como arma, a literatura, vou escrever” (Ravi)
	Canto	A capacidade de cantar como forma de expressão da identidade.	“há outra coisa aqui em casa, é que aqui em casa somos cantores, O Edmundo canta, eu canto, o Noah canta o Nuno canta” (Blimunda) “eu sou corista, ele é corista, ele é baixo, eu sou soprano, eu canto mais hinos da igreja. (...) mesmo a trabalhar prefiro cantar” (Íris)
	Escultura	Arte que representa objetos com relevo como tendo um papel importante na cultura africana.	“Posso começar pelos nossos bonecos africanos, simbolizam a nossa terra, a nossa África que por exemplo, era o que estava a dizer à Amanda, tem algumas esculturas e estátua que eu trouxe de angola (...) Tenho estátuas aqui que significam muito para mim que são os sobas lá.” (Monique) “Eu tenho por exemplo aqui duas esculturas que são os vasos africanos, que são de bairro que a gente comia na altura, não havia as panelas de alumínio nem os inox que existem agora, nós comíamos nas panelas de barro, e eu tenho aqui esculturas que têm esta mulher com a panela de bairro e a colher de pau na cabeça. As pessoas devem perguntar, mas o que é isso, então eu faço questão de explicar que é aqui que eu nasci e que é disso que eu vivi durante um tempo.” (Monique)
	Pintura	Expressão artística onde se dá forma e/ou cor numa determinada superfície como tendo um papel na identidade.	“teve um menor papel, mas foi graças ao meu pai que eu despertei para a arte plástica, para a pintura, porque ele também pintava e também me explicava o porquê das coisas aconteciam” (Pierre)
	Fotografia e artes plásticas	Arte de criar, nomeadamente imagens fixas assumiu-se como importante para a identidade.	“Eu pensava muito mais através dos livros, através da fotografia, sempre fui a exposições de fotografia, gostei muito de artes plásticas.” (Maia)